

**NATÁLIA DE BARROS NASCIMENTO**

**MEMÓRIAS OBSCURAS:  
O terror nos contos de Henry Evaristo**

**ASSIS**

**2016**

**NATÁLIA DE BARROS NASCIMENTO**

**MEMÓRIAS OBSCURAS:  
o terror nos contos de Henry Evaristo**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestra em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientadora: Ester Miryam Rojas Osorio

ASSIS

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

N244m	<p>Nascimento, Natália de Barros</p> <p>Memórias Obscuras: o terror nos contos de Henry Evaristo / Natália de Barros Nascimento.- Assis, 2016. 121 f. : il.</p> <p>Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Orientador: Dr<sup>a</sup> Ester Myriam Rojas Osorio</p> <p>1. Literatura fantástica. 2. Literatura brasileira. 3. Medo na literatura. 4. Lobisomens. 5. Bakhtin, M.M.(Mikhail Mik-hailovich) 1895-1975. I. Título.</p> <p>CDD 838.839</p>
-------	---

*Para Maheve e Roi*

## **Agradecimentos**

Agradeço à Ester, minha orientadora, que desde a iniciação me deu asas para pensar e acreditar em meu trabalho.

À banca examinadora, que tornou esta dissertação melhor, Márcio Roberto Pereira, Maira Angélica Pandolfi e Karin Volobuef.

À todos os funcionários da pós-graduação, que me auxiliaram em cada momento, sobretudo o Marcos D'Andrea, que sempre sanou minhas dúvidas.

À toda equipe da biblioteca da faculdade, em especial ao Auro Sakuraba e Sérgio Rocha, que sempre estiveram presentes ao longo das páginas. Ao Renato Rocha, amigo que revisou diversas vezes essa dissertação.

Agradeço à Márcio Bordin, amigo, que me apresentou às obscuras páginas de Evaristo, e que me auxiliou na idealização e composição prévia deste trabalho, e como 'mestre' contornou minha escrita desde então.

À Tânia Souza, amiga inspiradora de palavras, que me forneceu preciosas informações e auxílio para o feitiço deste trabalho. À todos os fundadores do site A Irmandade, que mantiveram viva a memória de Evaristo.

À família de Henry Evaristo, em especial à sua mãe, dona Tereza, que nas tardes de tempestades em Rio Branco nos acolheu com as histórias de seu filho. Foi pensando nela que continuei a escrever, quando as palavras me abandonavam.

A minha família, sobretudo, meus pais Rivaldo e Terezinha, que de diversas formas me ajudaram a chegar até aqui. Que em noites trovoadas, em que a luz faltava na fazenda, me contavam lendas, e histórias do nordeste, iniciando minha paixão pelo terror.

As minha amigas Priscilla Effgen, Gláucia Vieira e Débora Brauner, que estiveram comigo. Priscilla, que me fez sorrir quando nem eu sabia que precisa. Gláucia, que soube exatamente o que dizer quando o desespero da dissertação me calava. Débora, que desde que tenho memória esteve entre os livros, junto de mim, que me inspirou e 'aspirou' diversas vezes.

Agradeço ao meu 'grilo falante', Kaue Freitas, que me ajudou a acalmar a fera que reside em mim.

À Roi Robert, esposo, amigo e guia, que esteve continuamente presente na discussão deste trabalho, olhando para os lados que eu não conseguia ver, e me indicando o caminho. Que me sustentou quando os artigos queriam me derrubar, e que essencialmente não me deixou desistir, e me fez acreditar quando eu já não conseguia. Ensinando-me que não adianta ser bakhtiniano se não aplicarmos suas teorias diariamente em nossas vidas. Nossas inúmeras conversas sobre literatura e Bakhtin me fizeram amá-lo mais.

À minha filha Maheve, que me deu mais um motivo para escrever.

Essencialmente agradeço à todos aqueles que não acreditaram em mim, foi a descrença que me fez concluir.

Finalmente, agradeço à Henry Evaristo (*in memoriam*) por simplesmente escrever.

NASCIMENTO, Natália de Barros. **Memórias Obscuras: o terror nos contos de Henry Evaristo**. 2016. 121 f. (Mestrado em Letras). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

## RESUMO

As narrativas de terror no Brasil ficaram apáticas até o momento em que a internet permitiu a ampla divulgação de novos trabalhos, sem que estes estivessem ligados ao mercado editorial. A exemplo, temos a obra do escritor acreano Henry Evaristo, que obteve espaço somente com o auxílio da internet e sua democracia, tendo posteriormente publicado parte de sua obra em livro. Obra esta que se destacou pelas narrativas de lobisomem, criatura que está incrustada na cultura popular, ao visar este aspecto propomos a interpretação do mito nas obras de Henry Evaristo dialogando, munida com as teorias bakhtinianas, com outras manifestações da literatura do medo. Percebendo a simbologia que adere o mito, os contos *A Coisa no Jardim Zoológico*, *Algo Selvagem*, *Virgílio* e *A Longa Espera de Leonard*, serão analisados, compondo também as teoria que versam sobre o excedente de visão de Bakhtin. Portanto as idéias irão se desenvolver em torno dos aspectos referentes ao mito do lobisomem encontrado nos contos, e como as novas mídias possibilitaram o conhecimento das novas literaturas do medo, incluindo a obra de Henry Evaristo.

Palavras-chave: *Literatura Fantástica. Literatura do Medo. Estudos Bakhtinianos. Mito. Henry Evaristo.*

NASCIMENTO, Natália de Barros. **Mémoires Obscurs: la terreur dans les contes d'Henry Evaristo**. 2016. 121 f. (Master en Lettes). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

## RÉSUMÉ

Les récits d'horreur en Brésil étaient apathiques jusqu'au moment où l'internet a permis une large diffusion de nouvelles oeuvres qui n'étaient pas liées au marché éditorial. Par exemple, nous avons l'oeuvre d'auteur Henry Evaristo, qui n'a obtenu un espace qu'avec l'aide de l'internet et sa démocratie ; une partie de son travail a été publiée postérieurement sous forme de livre. Son travail est ressorti grâce aux récits de loup-garou, ancrée dans la culture populaire. En envisageant cet aspect, nous proposons l'interprétation du mythe dans les œuvres d'Henry Evaristo, en dialoguant, à partir des théories bakhtiniennes avec d'autres manifestations de la littérature de la peur. En comprenant le symbolisme qui adhère au mythe, les contes *A Coisa no Jardim Zoológico*, *Algo Selvagem*, *Virgílio* et *A Longa Espera de Leonard*, seront analysés, en composant aussi les théories qui traitent de l'excédent de la vision de Bakhtine. Donc, les idées se développeront autour des questions liées au mythe du loup-garou trouvé dans les contes, et comment les nouveaux médias rendent possible la sensibilisation de la nouvelle littérature de la peur, y compris le travail d'Henry Evaristo.

Mots-clés: *Littérature fantastique, littérature de la peur, études bakhtiniennes, mythe, Henry Evaristo.*



NASCIMENTO, Natália de Barros. **Obscure memories: terror in the tales of Henry Evaristo**. 2016. 121 f. (Master's Degree in Literature). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

#### ABSTRACT

The horror stories in Brazil were apathetic till the moment that the Internet allowed the wide dissemination of new works, without these were related to publishing. As an example, we have the writer's production Acre Henry Evaristo, who got space only with the assistance of the Internet and its democracy, and subsequently published part of his production in book; its production that stood out because of the werewolf narratives creature that is embedded in popular culture. By targeting this aspect, we propose the interpretation of the myth in the works of Henry Evaristo dialoguing, provided with Bakhtinian theories with other literature of fear. Realizing the symbology that adheres to the myth, the tales “A Coisa no Jardim Zoológico”, “Algo Selvagem”, “Virgílio” and “A Longa Espera de Leonard”, will be analyzed, also composing the theories that deal with Bakhtin's vision surplus. So, the ideas will develop around issues related to the werewolf myth found in the tales, and how new media enabled the knowledge of new literatures of fear, including the production of Henry Evaristo.

**Keywords:** Fantastic Literature. Literature of Fear. Bakhtin studies. Myth. Henry Evaristo.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1: DA ORALIDADE À LITERATURA: A CONSTRUÇÃO DO MITO DO LOBISOMEM.....</b>	<b>16</b>
1.1 A construção do mito.....	16
1.2 O lobisOMEM na literatura.....	31
1.3 A literatura do medo.....	35
<b>CAPÍTULO 2: O TERROR MODERNO: NOVOS DIÁLOGOS.....</b>	<b>45</b>
<b>CAPÍTULO 3: ANÁLISE DAS MEMÓRIAS OBSCURAS DE HENRY EVARISTO.....</b>	<b>53</b>
3.1 A coisa no jardim zoológico.....	54
3.2 Algo Selvagem .....	59
3.3 Virgílio.....	63
3.4 A Longa Espera de Leonard.....	69
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>76</b>
<b>BIBLIOGRAFIA GERAL.....</b>	<b>79</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>85</b>
<b>ANEXOS DE FOTOS.....</b>	<b>121</b>

## Introdução

O presente trabalho, “Memórias Obscuras: o terror nos contos de Henry Evaristo,” tem como objetivo a compreensão de um dos aspectos da literatura fantástica brasileira contemporânea, na qual um dos principais personagens é a criatura mitológica do lobisomem. Essa criatura protagonizou diversos enredos fantásticos e, entre eles, encontram-se os contos do autor acreano Henry Evaristo Macambira, apresentando-se como a base do trabalho.

Antes de iniciarmos a exposição das investigações feitas em torno do movimento da literatura fantástica contemporânea dentro da internet e da participação de Henry Evaristo nela, devemos aduzir a trajetória literária e pessoal do autor.

Após a análise dos estudos, é possível perceber que o movimento literário cujas obras estão inseridas no universo fantástico, maravilhoso, concomitantemente com o medo enraizado nas narrativas, só teve sua expansão possível, graças à extensa divulgação da internet. Devido a esta estreita relação que escolhemos os contos licantropos de Henry Evaristo como nosso objeto de estudo.

Não bastasse que Henry Evaristo se encaixasse nessa questão da literatura fantástica com a internet, as perspectivas expostas por ele em algumas entrevistas, e alguns aspectos de sua vivência contribuíram para que o escolhêssemos e pudéssemos ressaltar sua influência dentro da literatura fantástica brasileira.

Filho de Leogildo Saraiva Macambira e Teresa Evaristo Macambira, o autor nasceu em 24 de junho de 1975 em Rio Branco, no estado do Acre. Aos cinco anos quando perdeu o pai em um acidente de carro, ficou mais próximo de sua mãe, que passou a levá-lo à faculdade onde cursava Letras. Provavelmente a vivência infantil neste ambiente letrado fomentou seu apetite pelos livros. Entretanto durante a adolescência e parte da juventude o que mais Henry Evaristo se dedicava era à música, especialmente instrumental e new age, sendo o compositor grego Vangelis sua grande influência. Segundo a mãe de Henry Evaristo, dona Tereza, o filho passava noites e madrugadas escrevendo enquanto ouvia as composições de Vangelis.

Henry Evaristo morou, durante o colégio, com seus avós paternos em Fortaleza, e em 1996 voltou para o Acre, onde graduou-se em História na Uninorte, tornando-se professor de História.

Infelizmente, Henry Evaristo, que fazia tratamento para “coração crescido” (cardiomegalia), devido a um acúmulo de líquido no pulmão, ocasionado por uma pneumonia e teve um derrame pleural. Após esses fatos ficou internado por 27 dias, quando teve uma

parada respiratória que afetou os rins, devido a isso teve que começar a fazer hemodiálise. Evaristo faleceu no dia 26 de fevereiro de 2010, deixando a mãe, a mulher e um filho de dois anos.

A vivência literária do autor se intensificou em meados de 2006, quando começou a postar seus textos no site Recanto das Letras e, então, foi convidado a participar de um grupo de discussão *online* sobre a literatura fantástica, mais especificamente a de terror, juntamente com os escritores Rogério Silveira de Faria e Paulo Soriano. Ao longo das discussões, escritores iniciantes começaram a aderir às ideias do grupo, e a trocarem experiências, até que surgiu o desejo de criar um site para a divulgação de seus trabalhos, que se tornou possível apenas anos mais tarde. Nesse entremear, os escritores que daquela irmandade fizeram parte começaram a tomar seus próprios rumos literários com algumas publicações. Destacamos o fato de que grande parte desses escritores continuaram a publicar, alguns dos mais representativos exemplos são Paulo Soriano, Márcio Bordin, Tania Souza e Celly Borges, esta última abrindo uma editora e criando o selo literário Estronho e Esquésito em Curitiba.

Em 2008, o grupo decidiu criar a revista eletrônica *IS Magazine*, que teve um total de quatro publicações. A revista tratava exclusivamente de literatura fantástica sombria, não somente divulgando os textos de seus componentes, mas essencialmente discutindo essa literatura. Uma das iniciativas projetadas por nosso autor era criar uma espécie de Academia Virtual Brasileira de Escritores de Terror (ABET).

Com a dissolução do grupo que fundou a revista e o fórum de discussão, Henry Evaristo criou seu próprio blog, em 2008. Foi com sua dedicação às escritas para o blog que ele, de fato, aprimorou seu estilo, pois sabia que estava sendo não somente lido, mas principalmente criticado e questionado por seu trabalho, por leitores que quase sempre eram outros escritores amadores, como Afonso Luis Pereira e Tânia Souza. No blog, intitulado Câmara dos Tormentos, Henry Evaristo não escreveu somente contos insólitos, mas também alguns de seus poemas, além de textos de outros autores, não somente aqueles que estavam começando, mas os que ele admirava dentro da literatura fantástica estrangeira.

É notável perceber que o autor não citara escritores do fantástico brasileiro, isso porque a literatura fantástica no Brasil se perdeu no realismo-maravilhoso. Por longos anos a literatura brasileira tentou assegurar uma identidade, focando-se no regionalismo e, em consequência, esqueceu-se do fantástico, mesmo que este esteja incrustado na memória de nosso povo.

De fato, foi a partir de meados de 2010 que a literatura brasileira começou a se tornar fantástica. Evaristo fala sobre isso em entrevista à *IS Magazine* nº 2 em maio de 2008, quando

Lino França Jr. lhe pergunta qual seria o motivo pelo qual a literatura fantástica nacional não embarcava de vez nas livrarias e somente os autores estrangeiros eram aclamados. Evaristo responde dizendo que:

Creio que em nosso país a litfan tenha sido associada a algo como um "estilo" híbrido de literatura e por isso acabou perdendo ou se desviando de seu universo comercial. Como assim? Ora, quando falamos literatura fantástica, o imaginário popular brasileiro evoca imagens de fadas, castelos, bruxas, unicórnios, lagos mágicos, bosques encantados. E o que é isso? É um tipo de literatura que está mais ligada ao universo infantil ou juvenil. Ocorre que a fantasia é somente mais um dos estilos que compõem a litfan; e esse estilo aparentemente povoa o senso comum como se ele mesmo representasse a litfan como um todo. (EVARISTO, H. Entrevista publicada no site A Irmandade, compilada do fórum Câmara dos Tormentos de fevereiro de 2010.)

De fato, Evaristo via e vivenciava esse preconceito, um tanto quanto errôneo atualmente. Um dos motivos que o levava a acreditar nisso foi outro tipo de perspectiva no que tange às dimensões da arte e da cultura. Na mesma entrevista Evaristo é interrogado por Leonardo Nunes que lhe pergunta se existia diferença na aceitação, por parte dos leitores e da mídia, na escolha dos escritores de acordo com suas regiões, no que Evaristo comenta:

Sim, com certeza há diferenças entre escritores das diversas regiões do país mas não por questões de preconceito. O motivo é mais simples: a localização. Eu sempre costumo dizer que se o André Vianco, por exemplo, no início de sua carreira tivesse escrito seu primeiro livro, bancado a primeira edição do mesmo, e ido peregrinar nas livrarias lá de Quixeramobim ele ainda estaria por lá hoje, pensando seriamente em comer as páginas de seus livros para não morrer de fome. [...] Os casos de artistas, seja da literatura, da música, do cinema, de fora do eixo Rio-São Paulo, que conseguem se projetar no cenário nacional e ficar famosos (e ganhar dinheiro) são extremas exceções, casos raros mostrados até pelo Fantástico! Tudo gira em torno do Rio e São Paulo. O sul tem uma vida artística privilegiada, mas também encontra muitas barreiras na hora de projetar seus artistas nacionalmente. Felizmente a concentrada valorização da atividade cultural local nos estados do sul permite que os artistas possam tocar suas artes por lá mesmo, viver delas, mesmo sem serem conhecidos nacionalmente, pelo menos nas capitais dos estados. É uma pena constatar que apenas dois estados brasileiros sejam capazes de projetar artistas nacionalmente. Isso só pode indicar que a cultura no Brasil é mesmo negligenciada pela mídia, pela indústria e pela população também. Por que mesmo estando em SP ou RJ o sujeito tem que matar dez leões por dia para conseguir fazer sua obra chegar ao conhecimento da grande mídia e de lá para o público. (EVARISTO, H. Entrevista publicada no site A Irmandade, compilada do fórum Câmara dos Tormentos de fevereiro de 2010.)

Tal opinião do autor é respaldada pela perspectiva que tinha do próprio lugar onde morava, Rio Branco. Por todas as incumbências históricas sofridas pela cidade, e pelo estado de modo geral, a valorização que a cidade dá em relação à cultura é representada tão somente no embargado regionalismo.

Entretanto, depois de diversas experiências frustradas em bandas que havia montado em Rio Branco, ele decidiu se dedicar exclusivamente à escrita, muito mais democrática na internet.

Diversos aspectos influenciaram o autor para que escrevesse terror, além da própria inclinação natural. O primo de seu avô paterno, Hélio de Melo, compilou algumas lendas que permeiam a floresta amazônica, as mesmas que estão expostas no parque Chico Mendes. A principal, a lenda do Mapiguari, trata de uma fera que anda em pé, e tem um buraco no lugar do umbigo, de onde expele um gás fedorento que deixa suas presas, geralmente caçadores, tontas, para que ela as capture e as coma. Essa lenda é uma das que motivou Evaristo a escrever sobre bestas, em especial o lobisomem.

Henry Evaristo deixou uma vasta obra composta de contos e alguns poemas, quase todos encontram-se no blog “Câmara dos Tormentos” e alguns escolhidos foram publicados, pouco antes de sua morte, no livro *Um Salto na Escuridão*, através da editora online Clube dos Autores.

É interessante destacarmos, na obra de Evaristo, que alguns contos se completam numa grande história que ele estava prestes a escrever. Como exemplo, destaca-se o conto “O Celeiro”, que está publicado apenas no blog “Câmara dos Tormentos”. Neste, os acontecimentos ocorrem anos depois daqueles narrados no conto “A Longa Espera de Leonard”. Além disso, nos contos “A Clareira dos Esquecidos” e a “Fazenda dos Florence” aparecem as mesmas criaturas, das quais ele relata um pouco mais numa conversa com a escritora Tânia Souza, que foi concedida para esta pesquisa:

Os hramurgos (pronuncia-se IRAMURGOS) vivem em cavernas e podem ser como os vampiros e os lobisomens, chupam sangue, voam, tem presas, pelos, não aparecem em espelhos, morrem com a luz do sol, são mais fortes na lua cheia. (olhos de coruja, asas de morcego). São eles que estão por trás dos Florence e da clareira dos esquecidos. E foi um bando deles que invadiu Santerez. O que eles querem aqui além de diversão? Querem encontrar Moranus, que roubou o espelho deles, para isso cavam por debaixo da terra. Ao longo do tempo, alguns humanos ficaram sabendo dessa história, e passaram a adorar os hramurgos como deuses pagãos. Mas eles são muito poderosos, se você invocar um bando de hramurgos não vai conseguir controlá-los e eles vão tomar conta de você e vão te transformar num deles e ficar morando em sua casa, como aconteceu com os pobres Florence.

É fácil perceber que a obra de Evaristo ficou inacabada, todo esse entrelaçamento de contos não foi completado a tempo, mas esses vestígios deixados por ele nos permitiram analisar mais intensamente seus contos. Contos estes que também escolhemos como objeto de estudo, pois além dele escrever uma literatura do medo, Henry só teve visibilidade devido à internet.

É justamente esse movimento, o de se tornar muito mais visível graças à divulgação na internet, e a composição de histórias dentro e para o meio virtual, que iremos observar neste trabalho. No primeiro capítulo, iremos explorar as questões que debatem a literatura fantástica, além de compreender melhor a história do mito do lobisomem, componente essencial para a análise dos contos em nossa pesquisa. Procuramos, também, apresentar parte desse processo da literatura fantástica no Brasil na internet, especialmente nos blogs e sua importância para a literatura contemporânea, para que então pudéssemos analisar os contos “A Coisa no Jardim Zoológico”, “Algo Selvagem”, “A Longa Espera de Leonard” e “Virgílio”, que versam sobre o mito do lobisomem, buscando entender através do dialogismo a exotopia das técnicas e características das narrativas fantásticas.

Ao falarmos de mitos, logo devemos nos ater ao conceito de mitema, pois este constitui o cerne do próprio mito. Resumidamente, podemos dizer que os mitemas se baseiam nas repetições de um determinado aspecto do mito, por exemplo, no mito do lobisomem sempre haverá o confronto entre a fera e o homem. A repetição dessa característica resulta num mitema, assim como diversas outras, pois um mito não possui apenas um mitema. Este pode ser um tema como a sedução em Don Juan, ou uma situação como a venda da alma no mito de Fausto. Gilbert Durant (1992) que desenvolveu a mitocritica, método que analisa o núcleo mítico e as narrativas fundadoras dos mitos, concebeu a identificação dos mitemas através dos elementos repetidos no qual a narrativa tem como base, como é o caso da sede de sangue dos vampiros. Desse modo podemos dizer que os mitemas são os átomos de um mito. Durante o primeiro capítulo da dissertação veremos vários exemplos de mitemas que compõem o mito do lobisomem.

## Capítulo 1 – Da oralidade à literatura: a construção do mito do lobisomem

### 1.1 A construção do mito

Para compreendermos o objeto de estudo dessa pesquisa e esclarecer as intenções que nos levaram a analisar os contos de terror de Henry Evaristo, devemos entender como o mito do lobisomem surgiu e quais as relações que estabeleceu com o mundo pós-moderno.

Mas, antes de expormos a ascensão do lobisomem como criatura mitológica, devemos compreender o que é o mito em si.

Em Chevalier (1969) podemos encontrar a definição de mito como sendo a interpretação ético-psicológica de Paul Dies, concentrando-se nas figuras gregas, nas quais deuses e criaturas que representam determinada função da psique humana. Ainda nos debruçando sobre o pensamento de Chevalier, o autor conclui que segundo Evêmero (séc. IV a.C), os mitos representavam a vida passada dos povos. Todavia, a definição de mito que se aplica em nossa pesquisa é dada por Chevalier de acordo com os princípios de Platão, que acreditava que era uma maneira de traduzir aquilo que pertencia à opinião e não à certeza científica (p.612); Chevalier conclui dizendo:

“Sejam quais forem os sistemas de interpretação, eles ajudam a perceber uma dimensão da realidade humana e trazem à tona a função simbolizadora da imaginação. Ela não pretende transmitir a verdade científica, mas expressar a verdade de certas percepções.” (Chevalier, 1994, p.612)

O termo mito vem do grego *mythos*, que comumente é traduzido como discurso ou narrativa. Tais histórias eram contadas, ou seja, o mito está interligado com o aspecto oral da narrativa; os mitos foram criados pelas sociedades para explicar fatos que eram difíceis de serem entendidos, para Karen Armstrong “[...] desde a origem mais remota inventamos histórias que permitem situar nossas vidas num cenário mais amplo e nos dão a sensação de que a vida, apesar de todas as provas caóticas e arrasadoras em contrário, possui valor significado.” (ARMSTRONG, 2005, p.8). Ainda de acordo com a autora, a mitologia foi criada para nos auxiliar com as dificuldades humanas. Estamos esclarecendo aqui as faces do mito como um todo, e não especificando nos termos de nosso trabalho. A autora ainda alega que “[...] Nunca existiu uma versão ortodoxa de um mito. À medida em que as circunstâncias mudam precisamos contar as histórias de modo diferente para expor sua verdade intemporal. [...] veremos também que a natureza humana não muda muito, e que vários desses mitos,



criados em sociedades que não poderiam ser mais diferentes da nossa, ainda tratam de nossos medos e desejos essenciais.” (p.15-16).

É através da oralidade que ele se dissemina e se compõe. Entretanto, quando tratamos do mito do lobisomem acabamos por tratar também de lendas, mas devemos deixar clara a distinção entre os dois. No livro *A Literatura Oral no Brasil* (2012) o autor, Câmara Cascudo, aponta as circunstâncias que determinam as lendas e os mitos. As lendas figuram crenças locais, é uma história imóvel, sempre rodeadas por um elemento sobrenatural, enquanto o mito, se movimenta, corre o mundo, se adapta ao ambiente, mas preserva as características de sua essência. Um mito, tem a função explicativa (surgimento da vida, morte, manifestações da natureza) e concentra elementos religiosos, os mais evidentes tratam dos deuses e aqueles que os cercaram. O autor explica esses fatores na seguinte citação:

Podíamos caracterizar o mito de ação constante e a lenda de ação remota, inatural ou potencial. Uma ação em suspensão. O mito acusa-se pela função. A lenda explica qualquer origem e forma local, indicando a razão de um hábito coletivo, superstição, costume transfigurado em ato religioso pela interdependência divina. O mito age e vive, milenar e atual, disfarçado noutros mitos, envolto em credíes, escondido em medos, em pavores cujas raízes vêm de longe, através do passado escuro e terrível.(CASCUDO, Câmara. 2012. p.141)

O lobisomem pode ser interpretado como uma lenda, por se tratar de histórias locais com o aspecto inteiramente sobrenatural. No entanto, o lobisomem também é um mito pois como Cascudo mesmo diz “O Lobisomem trota pelas estradas do Brasil como o Licântropo na Grécia e o Versipélio em Roma. É um mito.” (CASCUDO, 2012). É uma criatura que compõe diferentes características, acrescentadas por nichos locais, mas que também percorre diferentes culturas do mundo. Ou seja, o lobisomem possui características locais, o que o torna uma lenda. Mas, o lobisomem continua vivo em diferentes lugares, suas origens remontam aspectos religiosos, como veremos ao longo deste capítulo, ele sobrevive há dezenas de séculos, percorrendo o globo, o que o torna um mito. Portanto, o lobisomem ao longo deste trabalho, será tratado em determinados momentos como lenda e em outros como mito, pois é uma criatura que concentra aspectos dos dois títulos.

Ainda tratando de mito Joseph Campbell (2010), diz que todo mito possui funções na sociedade:

Os mitos têm basicamente quatro funções. A primeira é a função mística [...] Os mitos abrem o mundo para a dimensão do mistério, para a consciência do mistério que subjaz a todas as formas. Se isso lhe escapar, você não terá mitologia. Se o mistério se manifestar através de todas as coisas, o universo se tornará, por assim dizer, uma pintura sagrada. Você está sempre se dirigindo ao mistério transcendente, através das circunstâncias de sua vida. A segunda é a dimensão cosmológica, a dimensão da qual a ciência se ocupa – mostrando qual é a forma do universo, mas fazendo-o de uma tal maneira que o mistério, outra vez, se manifesta. Hoje,

tendemos a pensar que os cientistas detêm todas as respostas. Mas os maiores entre eles dizem-nos: “Não, não temos todas as respostas. Podemos dizer-lhe como a coisa funciona, mas não o que é”. Você risca um fósforo – o que é o fogo? Você pode falar de oxidação, mas isso não me dirá nada. A terceira função é sociológica – suporte e validação de determinada ordem social. E aqui os mitos variam tremendamente, de lugar para lugar. Você tem toda uma mitologia da poligamia, toda uma mitologia da monogamia. Ambas são satisfatórias. Depende de onde você estiver. Foi essa função sociológica do mito que assumiu a direção do nosso mundo – e está desatualizada. Existe uma quarta função do mito, aquela, segundo penso, com que todas as pessoas deveriam tentar se relacionar – a função pedagógica, como viver uma vida humana sob qualquer circunstância. Os mitos podem ensinar-lhes isso. (CAMPBELL, 2010, p. 23).

De acordo com Campbell, o lobisomem tem a função mística, que faz com que aqueles que ouvem suas histórias sintam não somente o terror tão explanado nos contos, mas muito mais a sensação de mistério, o universo é muito mais amplo do que nos apresenta. A última função apresentada por Campbell será discutida posteriormente, pois trata do modo como o mito, ou melhor dizendo, a circunstância mitológica se relaciona com nossa vivência social e tentar entender como é possível interpretar o mito (neste caso o lobisomem), e todas as suas implicações, dentro do contexto social.

Neste momento é importante elucidarmos as ideias de Bakhtin, pois todo o desenvolvimento do mito só foi possível através de elementos discursivos (orais) como a dialogia que está imersa na alteridade.

Quando tratamos de conceitos dialógicos, estamos tateando a concepção de linguagem para Bakhtin, que acredita que o monologismo rege a cultura ideológica dos tempos modernos e a ela opõe o dialogismo, que se apresenta como essencial na constituição da linguagem. Podemos nos apegar às palavras de Diana Barros (1994), o dialogismo é a condição para o sentido do discurso.

Podemos abarcar o conceito dialógico de Bakhtin como sendo a interação verbal entre o enunciador e o enunciatário. Desse modo, Bakhtin retrata o dialogismo como um espaço de interação entre o eu/tu/outro, no texto. Indubitavelmente podemos afirmar a extrema importância do papel do outro nas teorias bakhtinianas, é impossível haver dialogismo sem o diálogo entre duas ideias que se interagem e formam uma nova. Assim, é na linguagem que ocorrem as interações verbais, ou seja, o diálogo, que apresenta diversas vozes sociais que se digladiam nos discursos.

Se nos apoderarmos desses conceitos, é possível elucidarmos que a composição e difusão de um mito só é possível devido ao fato de que os enunciados, os relatos, vão se recompondo a cada nova fala. Podemos entender melhor isso com o seguinte trecho de Bakhtin:

Nossa fala, isto é, nossos enunciados (...) estão repletos de palavras dos outros. (Elas) introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos. (...) Em todo o enunciado, contanto que o examinemos com apuro, (...) descobriremos as palavras do outro ocultas ou semi-ocultas, e com graus diferentes de alteridade. (BAKHTIN, 1979, p.314-318).

Desse modo, o mito passa da oralidade para a literatura. Sobre essa questão oral e dialógica do mito, Bakhtin não fala diretamente sobre o assunto, mas pode contribuir imensamente para nosso estudo ao dizer que as palavras do outro, sempre que são introduzidas em nossa fala passam por um novo processo de composição, tornando-se então multivocal, pois adquirem uma nova voz.

Se nos ativermos a este fato, entenderemos melhor como ocorreu o desenvolvimento da história do lobisomem ao redor do mundo.

A crença no lobisomem surgiu em diversos lugares, em momentos distintos, dialogando umas com as outras com o passar do tempo. No início, assim como outros mitos dessa vertente mais sombria, surgiram doenças e o lobisomem teve uma de suas raízes na licantropia, distúrbio mental que trataremos adiante, e na hipertricose, uma doença de pele que causa excesso de pelos.

Nossos estudos sobre a mitologia do lobisomem se nortearam principalmente pelo *Livro dos Lobisomens*, escrito pelo inglês Sabine Baring-Gould, onde pudemos encontrar diversas origens para o mito.

O lobo foi reverenciado na Roma antiga, com as festas chamadas Lupercais, realizadas no monte Palatino, onde a lenda diz que o deus Pã, que também era chamado de Fauno Lupercus, tomou a forma da loba que amamentou os gêmeos Rômulo e Remo. Tal festa pagã desenvolvia ritos de purificação e fertilidade. Dentre os ritos havia o costume de sacrificar bodes e cães, vestindo-se com as peles dos animais para representar o deus Pã. Mais tarde, assim como ocorreu com todas as festas pagãs, esta foi cristianizada, tornando-se a festa de São Valentin, ou o dia dos namorados, em referência à fertilidade. (CASCUDO, 1976)

Podemos observar que desde as Lupercais descritas por Cascudo, o hábito de vestir peles de lobos está presente para representar um deus ou invocar os poderes de um animal, o mesmo ocorria com os povos nórdicos segundo Baring-Gould no terceiro capítulo de seu livro *Lobisomens*:

“[...] era costume os guerreiros vestirem-se com as peles dos animais que haviam abatido; assim ficavam com um ar de ferocidade, pretendendo levar terror aos corações de seus inimigos. [...] a palavra *berserkr*, usada para designar um homem com super poderes e sujeito a acessos de fúria diabólica, foi originalmente aplicada a um daqueles valorosos campeões que circulavam com camisas de urso, ou roupas

feitas de pele de urso sobre sua armadura.” (BARING-GOULD, 2010, p.28).

O termo licantria advém da lenda de Licaão ou Licaonte, um rei grego culto, que passou a fazer sacrifícios humanos, matando todos os estrangeiros que chegavam às suas terras, até que um dia Zeus se fez passar por um de seus hóspedes. Como de costume, Licaão preparou a morte dele, mas no ato da execução Zeus se revelou e como punição transformou o rei num lobo. Essa lenda foi relatada por Ovídio em seu livro *Metamorfoses*. Por isso a licantria é um termo que varia do grego *lykánthropos* (λυκάνθρωπος): λύκος, *lýkos* ("lobo") e άνθρωπος, *ánthrōpos* ("homem"), designando assim um homem transformado em lobo.

Sobre o caso do rei Licaonte o historiador e folclorista Câmara Cascudo completa:

“Para alguns mestres da mitologia pré-helênica houve um Zeus –Licaeus. [...] A confusão viera entre luko-lobo e like-luz. O Zeus-Licaeus era o deus da luz que ora matava ora sucumbia aos golpes de seu filho Nietimus, a escuridão, dando assim os ciclos das noites e dos dias.” (Geografia dos Mitos Brasileiros, 1976, p.146).

Na obra de Ovídio, o desenvolvimento da transformação do corpo em outro corpo biologicamente diferente, conclui-se de fato quando ocorre a transformação da voz.

Quando o ser humano se transfigura num animal, no caso de Licaão em lobo, o momento determinante é quando se descreve a transmutação das vozes, é nesse instante que o homem perde a sua voz humana e adquire a do animal, concluindo o que seria a perda da identidade.

A voz, representando a fala, maior sinal de que somos humanos e pensantes, é deixada para trás, junto com o homem que a possuía. No entanto, nas *Metamorfoses*, a perda da voz e da identidade não representa exatamente a perda da consciência humana. Licaão tenta ainda lutar contra esse fatídico estado:

Ele foge apavorado e, ao encontrar o silêncio no descampado,  
começa a uivar, enquanto se esforça, em vão, por falar. Concentra  
na boca, toda a sua raiva, usa contra os rebanhos a fome da carnificina  
e ainda hoje se delicia com sangue. As suas vestes transformam-se  
em pêlos, os seus braços transformam-se em pernas.  
Torna-se um lobo, mas mantém os traços da fisionomia antiga.  
O pelo branco é o mesmo, tem no rosto a mesma violência,  
O mesmo luzir no olhar. É a imagem da própria ferocidade.  
(OVIDIO, 2006, 33-35).

Essa é uma das primeiras menções a uma transformação lupina, cuja essência tornou-se fonte para as descrições vindouras, pois é notável que em diversos textos o homem quando se transforma torna-se um lobisomem, mas no olhar permanece os traços humanos. Nesse

aspecto a obra de Henry Evaristo torna-se uma exceção, pois é justamente os olhos amarelos de fera que designam um lobisomem, e um dos poucos vestígios de humanidade é o andar de pé, na verdade a mudança na cor dos olhos e no olhar dos personagens que se transformam em lobisomens nos contos de nosso autor é o principal sinal de bestialidade, como podemos observar nesse excerto do conto “Algo Selvagem”:

Ao seu lado, sentado como um alucinado cão de guarda, estava um homem nu, de aparência feroz; anormal. Quase não podia ser reconhecido por muitos dos presentes devido a quantidade repugnante de sangue em seu rosto e aos pedaços de carne e ossos enredados em seus cabelos compridos. Seus olhos rodavam nas órbitas e deixavam à mostra a parte branca do globo ocular. De repente voltavam ao normal e exibiam uma coloração amarelada como a dos olhos das feras. Suas mãos, postas no chão com vigor, arranhavam o asfalto e deixavam nele profundas marcas de garras que eram afiadas e compridas como se nunca na vida as tivesse aparado. (EVARISTO, 2010. p.62-63)

Outro relato de transformação animalesca, que pode ser relacionado ao mito do lobisomem, é citado por Apuleio em *O Asno de Ouro*, que se junta a algumas lendas, especialmente portuguesas, que dizem que para se transformar em lobisomem o homem deve se banhar num unguento dado pelo diabo (LIMA, 1983). Nos versos de Apuleio, o herói se transforma em asno por ter usado um unguento mágico. Segundo Baring-Gould, as grandes incidências de licantropia ocorreram na Arcádia, devido ao fato de que os nativos eram pastoris, o que significa que o ataque de lobos era recorrente nas palavras do autor:

[...] era natural que eles tivessem instituído um sacrifício para se livrar desse tormento e restituir a segurança do rebanho. O sacrifício consistia em oferecer uma criança, assim instituído por Lycaon. A partir do sacrifício humano e da peculiaridade do nome e de sua origem, surgiu o mito. (BARING-GOULD. 2010. p.14).

Essas metamorfoses dão o princípio para as lendas, que possuem uma origem mais válida quando retomamos aos estudos que o reverendo Baring-Gould fez sobre a raiz nórdica do mito. Um dos principais lobos míticos foi Fenrir no Ragnarok, o apocalipse nórdico, um dos filhos de Loki, que está predestinado a matar Odin durante o fim do mundo (MESTICA, 1993). É essencial destacarmos o verbete *loup* no *Dictionnaire des Symboles* de Jean Chevalier, onde podemos notar a ambiguidade dos sentidos atribuídos ao lobo ou a loba. Por exemplo, nas dinastias chinesas e mongóis seu criador era *le loup bleu celeste*, uma alegoria de que os povos turcos perpetuam (CHEVALIER, 2005). Na China, o lobo azul celeste, a estrela Sirius, é o guardião do Palácio (Ursa Maior), por isso muitas vezes o espírito do lobo era invocado, em algumas regiões do Japão, para proteger um lar de animais selvagens.

Temos ainda a lendária loba que amamentou os gêmeos, Rômulo e Remo, afirmando que o animal está ligado à fecundidade.

Há ainda algumas referências místicas e religiosas que exaltavam a figura do lobo, como sua reverência na cultura celta, devido ao deus Lug<sup>1</sup> ser representado ao lado de dois lobos.

Em seu dicionário Chevalier destaca ainda a face devoradora do lobo, como podemos ver no seguinte trecho:

Este simbolismo devorador é o da goela<sup>2</sup>, imagem iniciativa e arquetípica, ligada ao fenômeno de alternância dia-noite [...] A mitologia escandinava apresenta o lobo como um devorador de astros (DURAND, G), [...] Fenrir o lobo-gigante, é um dos inimigos mais implacáveis dos deuses. [...] Essa goela monstruosa do lobo, de que Maria Bonaparte fala em sua auto-análise como estando associada aos temores de sua infância após a morte de sua mãe, não deixa de lembrar os contos de Perrault: *Vovó, como tu tens dentes grandes! Há, portanto*, observa Durand, *uma convergência bem nítida entre a mordida dos canídeos e o medo do tempo destruidor.* (CHEVALIER, Jean, 1997, p.556-557).

Verificamos no trecho exposto de Chevalier que o símbolo do lobo, neste caso mais especificamente da garganta do lobo, se une ao lobisomem que também está relacionado a essa alternância de dia e noite, que pode ser atribuída à alternância de personalidade, à dualidade vivida pelo lobisomem, pois não é ele o homem que de dia ainda possui as faculdades humanas e que ao romper a lua pela noite, as perde para a ferocidade?

É a mordida do animal que no folclore todos temem, pois é através dessa mordida que se é condenado à licantropia. A boca então seria a porta de entrada para o tempo destruidor, do qual Durand fala, pois se tornar um lobisomem também pode ser considerado uma destruição, mais precisamente do homem que se transforma, além do que esse tempo destruidor também pode ser a morte imposta pela boca devoradora do lobo.

No conto “Virgílio” (EVARISTO, 2009), conseguimos encontrar esse mesmo medo da garganta e do tempo destruidor:

“Sinto uma energia malévola emanando de um bosque distante e sei que neste

---

<sup>1</sup> pertencente aos thuata dé dannam (povo da mitologia irlandesa), é também em sua homenagem que os povos pagãos e neopagãos comemoram o Luganash, ou dia da primeira colheita, também conhecido como Lammas, é comemorado no dia 02 e fevereiro no hemisfério sul e 01 de agosto no hemisfério norte . (Monaghan, Patricia. *The Encyclopedia of Celtic Mythology and Folklore*. Infobase Publishing, 2004. p.167).

<sup>2</sup> Para Chevalier a Goela é um símbolo infernal, “entrada hiante para o mundo subterrâneo, que devora toda tarde o sol e o dia para vomitá-los sobre a terra na aurora. É a passagem entre o dia e a noite, entre a morte e a vida;” (CHEVALIER, 2005).

momento vem de lá um bando de coisas assassinas, furiosas. [...] E vejo vultos se acorando no escuro, bocarras babando de fome! [...] Minha respiração descompassa e tento puxar o ar com toda a força que me resta sentindo imediatamente como se barras de gelo invadissem meus pulmões. Estou sufocando na agonia de um medo terrível que chega a tirar os únicos sentidos que me restam. [...]” (EVARISTO, Henry. Um Salto na Escuridão, 2010. p.214).

Como dito, fica claro que a imagem da boca faminta causa o medo da finitude e do tempo destruidor no personagem, já que os dois termos podem remeter a significados diferentes. A finitude nesse caso é claramente o término da existência, enquanto o tempo destruidor é sinônimo de sofrimento, ou seja, de fato a existência não termina, mas continua em agonia.

Após esclarecermos alguns aspectos da simbologia do lobo, podemos retornar às variações da lenda da transformação do homem em lobo. De fato, a variante nórdica citada por Baring-Gould, de que os guerreiros vestiam peles de lobos para invocar seus poderes, talvez seja a apresentação mais coerente de como os fatos se tornaram lendas.

Os guerreiros nórdicos comumente vestiam peles de urso ou lobos, para se protegerem do frio e também porque estas vestimentas lhes davam uma aparência mais temível. Esses homens com peles de ursos geralmente se tornavam andarilhos (retiramos desse excerto da lenda o fato de que ser um lobisomem está sempre associado a ser um eremita), eram muitas vezes chamados pelas pessoas de *berserkr* (BARING-GOULD, 2008), palavra que designa um homem com super poderes, e cuja etimologia vem de urso. Esses *berserks* aterrorizavam as vilas, usando suas peles, e matando apenas por diversão, o que torna claro um dos inícios da lenda. É compreensível que um homem vestindo pele de urso ou lobo, aparecendo durante a noite, matando pessoas, logo fosse associado a algo sobrenatural, pois as pessoas criam que estes homens possuíam a força e as características dos animais das peles que vestiam.

Partindo desse aspecto da lenda nórdica, podemos apresentar o termo *warg* que está intrinsecamente ligado ao lobisomem.

A Saga de Ynglinga, que narra a chegada dos deuses à Escandinávia, escrita em 1225 pelo islandês Snorri Sturluson, citada por Barin-Gould, relata que num determinado momento Odin mudou sua forma, tornando-se pássaro, peixe e mulher, mesmo que seu corpo tenha ficado em dormência. Esse simples relato nos incita para o que seria um *warg*, ou seja, aquele que continua em sua forma humana, mas que sua mente entra no corpo do animal.

Como dito anteriormente, é através das superstições escandinavas e dos costumes daqueles povos que o mito do lobisomem foi se constituindo nos detalhes e variações como o conhecemos hoje. Com o avanço do cristianismo para o norte, o *berserkr* era cada vez mais

associado à possessão demoníaca, que talvez fosse sanada com o batismo.

Durante a Idade Média, o mito se concretizou, e teve como ajuda o duplo significado de algumas palavras, como Baring- Gould cita:

“Vargr é o mesmo que u-argr, indócil, argr correspondente ao anglo saxão earg. Varg tinha duplo sentido em norueguês. Ela queria dizer lobo, mas também homem ateu. Essa varg corresponde ao were em inglês, a palavra lobisomem, e ao garou ou varou em francês”. (BARING-GOUL, 2010, p.35).

Warg, era um termo utilizado para designar os chamados troca-pele, ou seja, aqueles que possuíam a capacidade de assumir a forma de um animal ou então de entrar dentro do corpo deste animal, com a mente.

A partir deste termo, o escritor J.R.R. Tolkien em sua trilogia *O Senhor dos Anéis* (TOLKIEN, 2000) deu o nome de warg aos que seriam os lobos gigantes e monstruosos, que eram montados nas batalhas somente pelos Orcs. No caso de Tolkien, o autor utilizou a palavra warg, as mudou seu significado.

Do mesmo modo o autor da série de livros *As Crônicas de Gelo e Fogo* (MARTIN, 2012), George R.R. Martin, intitulou de wargs os personagens que tinham a capacidade de olhar por dentro da pele de um animal. Nos protagonistas, dentre eles, Bran Stark, que possui o que seria um lobo gigante chamado Verão, e durante os sonhos, assim como seu meio irmão Jon Snow e seu lobo Fantasma, entram na pele do lobo, sentindo e vendo o mesmo que o animal. É interessante notar como o escritor se utilizou de uma das formas antigas de se tornar um lobisomem, citada por Baring-Gould, aplicando-a perfeitamente ao personagem Bran, pois o menino fica paralisado no início da história, e é através do lobo que ele pode ter novamente a sensação de andar e correr pela floresta. Bran também consome a carne crua, incluindo a de humanos, o que faz com que ele seja de fato um lobisomem, não em sua forma, mas em sua consciência. Neste caso, é o homem-consciência que toma o corpo do animal, sem transfiguração física.

Após termos elucidado o breve início do que seria o mito do lobisomem no norte, podemos então nos ater aos casos de ataques de animais que foram atribuídos a lobisomens que deram muito mais ênfase ao medo e permitiram que o mito se perpetuasse.

Durante a Idade Média, houve diversos ataques às vilas e cidades atribuídos a lobos e bestas, e o mais conhecido é a Besta de Gévaudan. No entanto, diversas cidades francesas foram assoladas por ataques de lobos e matilhas. Na Alemanha, houve um caso na Bavária em 1685, citado por Maria do Rosário Lima:



Um lobo que assolava a região, devorando pessoas e animais, foi identificado ao burgomestre, já falecido, que se teria encarnado no animal. Quando a fera foi capturada e morta, verificaram que sua carcaça estava revestida com um encerado cor de carne. Ao lhe cortarem o focinho, constataram a existência de uma cabeleira castanha e longas barbas brancas; ao mesmo tempo, um rosto semelhante ao do burgomestre apareceu no lugar da cabeça do lobo. Esse corpo foi enforcado na presença de grande público, e sua pele, empalhada, permaneceu exposta num museu, como prova concreta da existência do Lobisomem. (LIMA, Maria do Rosário. *Lobisomem Mito ou Realidade*. 1983 p.48 e 50)

A quantidade de referências e documentações sobre os casos é o que mais surpreende tratando-se de um mito, de uma lenda. Podemos observar nestes casos como o misticismo ajudou a compor algumas sociedades, a ponto de ter diversos casos considerados como reais. Atualmente, a divulgação na mídia sensacionalista de casos de pessoas e mesmo vídeos que dizem tratar de lobisomens, nos últimos dez anos, ressurgiu de tempos em tempos. Isso se torna notável ao percebermos como a lenda desta criatura ainda atrai a atenção do público.

Contudo, o mito no Brasil não possui o mesmo terror que o europeu, mesmo quando os relatos dos ataques dão ênfase ao desespero da vítima o lobisomem brasileiro, assim como o português, tem na verdade um caráter de penitência e muitas vezes aparece como uma criatura assustada. Podemos supor que devido ao fato de o lobisomem que transcorre nas lendas brasileiras não ter esse caráter feroz, Henry Evaristo optou por ambientar seus contos lupinos no hemisfério norte, dando claras indicações, com nomes, por exemplo, de que se passam ou nos Estados Unidos ou na Inglaterra. Desse modo, é permitido dizer que os lobos do autor não interagem com o Brasil, mantendo as raízes do lobisomem sanguinário.

Em grande parte dos relatos e lendas sobre lobisomens é citada a palavra fadário e fado, ou seja, um período que um poder superior impôs, constituído por grandes dificuldades. No caso do lobisomem, ele deve sempre cumprir seu fadário, ou seja, passar por este período, realizando algumas tarefas, como passar por sete cidades ou sete cemitérios. A presença do fado é tão grande na história do mito que em Portugal existem diferentes espécies de lobisomens, justamente devido às suas relações com seu fadário.

Temos o *Corredor*, que havia recebido a maldição e deveria correr seu fado, ou seja, cumprir sua sina para que a maldição se quebre e ele deixe de ser lobisomem. Esse homem pode ter recebido o fado por ter cometido incesto com suas cunhadas ou primas.

No caso de um homem morrer lobisomem ele se torna um *Corrilário*, ou seja, um lobisomem fantasma por não ter conseguido cumprir o fado.

Dentre essas lendas portuguesas sobre lobisomens há algo sublime, que é a *Peeira*, tida como uma versão feminina do lobisomem. Também chamada de Fada dos Lobos, ela

acompanha um lobisomem, protegendo-o, e possui a habilidade de se comunicar e controlar alcateias.

Pela mescla de tais lendas que chegaram ao Brasil, o folclorista Luís da Câmara Cascudo diz:

No Brasil, o lobisomem se desencanta ferido. Não teme as orações. Corre na noite de quinta para sexta, como o loup-garou medieval tinha o destino de correr a galipote. Desapareceu a punição moral. Trata-se de doença, hipoxemia, falta de sangue, anemia. O lobisomem ataca animais novos e crianças para beber o sangue, sugando pela carótida. Como se vê, o último degrau para a dissolução de um mito outrora de punição divina, exclusivamente de efeito religioso. Ainda ouvi dizer que o lobisomem devia correr, como no velho Portugal, sete montes, sete pontes, sete fontes. (CASCUDO, 1978, p.184).

A citação de Cascudo torna clara as modificações que o mito sofreu, com seu início na punição divina de Zeus para com Licaão, que passou a se infiltrar no imaginário humano, não somente como uma punição por algum crime cometido, como o rei grego, mas como algo muito mais enraizado na cultura brasileira, juntando elementos católicos típicos da nossa cultura.

Atendo-nos a este aspecto, podemos afirmar que o mito também foi constituído por um escape moralizante cristão. Não somente o mito do lobisomem foi usado pelos padres e religiosos como forma de manter seus fiéis dentro dos dogmas da igreja, como outros mitos inseridos no folclore brasileiro tal qual a mula-sem-cabeça, que pune a mulher que manteve relações com um padre.

No caso do lobisomem, a moralidade instituída através do mito é muito mais ampla, já que há diversos fatores que podem levar alguém, mais comumente um homem, a se transformar em um homem lobo. Dormir com a cunhada, cometer qualquer tipo de incesto, não ser batizado, deixar de se confessar por muito tempo, todas essas formas de se tornar um lobisomem, interagem com os deveres de um cristão, se confessar, ser batizado, não manter relações fora do casamento, essas ameaças eram projetadas nas pessoas, para que dentro das superstições e crenças, elas mantivessem o regimento da igreja.

Desse modo, é fácil destacar como os dogmas cristãos estavam impregnados nas lendas para que as pessoas, por medo de se transformarem, não cometessem os pecados. Pecados estes que se tornariam o seu fado, já que esses lobisomens portugueses tinham que percorrer em uma noite sete pontes, sete fontes e sete montes para quebrar a maldição, ou fadário. Em alguns lugares do Brasil também é citado que a criatura deve percorrer sete cemitérios antes do amanhecer. Nota-se mais uma vez que para que o pecado seja redimido e para que a quebra do fado ocorra, há junto disso um elemento religioso, como o cemitério, que retrata a

passagem para a vida espiritual. (LIMA, 1983)

Outra forma de se tornar um lobisomem comumente retratada nas lendas orais é ser o sétimo filho. Mas essa contagem de proles se confunde, pois algumas histórias dizem que deve ser o sétimo filho dentre seis mulheres, e outras dizem que é o sétimo filho onde todos os outros também sejam homens. Isso fez com que muitas crianças nessas condições fossem abandonadas ao nascer ou sofressem com superstições, como a autora Maria do Rosário Lima discute em seu livro *Lobisomem: Assombração e Realidade*, citando ainda o caso de uma senhora que foi entrevistada por ela, e relatou que pelo fato de seu afilhado ter nascido o sétimo filho ela queria garantir que ele não se tornasse um lobisomem. Foi então que a senhora furou sete agulhas virgens na pele do ombro da criança, durante uma noite inteira de sexta-feira, seguindo esse ritual por mais duas semanas, alternando os ombros, para garantir que a criança não se tornasse um lobisomem. Tal medo é compreensível ao lembrarmos que o lobisomem é uma criatura relacionada ao diabo cristão, principalmente no interior do Brasil onde o catolicismo predominou e ainda predomina, com suas restrições e crenças quanto a moralidade.

No conto “Virgílio” (EVARISTO, 2009) o autor explora muito bem essa característica da lenda ao longo de toda a narrativa, que podemos conferir nos seguintes trechos:

Virgílio, o mais moço dos sete homens aos quais minha mãe mostrara, pela primeira vez, a luz deste planeta. Virgílio, amado e malfadado irmão que o inferno condenou a carregar o terrível fardo resultante das bruxarias daqueles nossos hediondos ancestrais. Por que fui tão desrespeitoso ante o fato de que se aproximava a hora do amaldiçoado sétimo? [...] Ouço seus passos abafados pela lama, sua respiração ofegante e ansiosa, e o reconhecimento, muito embora suas feições já não sejam mais, nem de longe, as de meu triste irmão; [...] os seus companheiros-parentes de maldição, todo aquele sétimo filho de cada geração de nossa amaldiçoada família e também todas aquelas vítimas que tiveram a desventura de cruzar-lhes o caminho em alguma noite escura; em algum lugar solitário. (EVARISTO, 2009, p.216-217-235).

O personagem Virgílio está fadado, condenado por uma simples profecia quase matemática, a ser o número sete, este que simboliza o fechamento do universo. Virgílio não é o único sétimo filho daquela família, assim como a família Hugues, da qual posteriormente trataremos, a família de Virgílio está condenada a essas contas matemáticas. O número sete, por sua presença em diversas lendas, inclusive sua persistência em aparecer na Bíblia<sup>3</sup>, tornou-se um número extremamente usável quando se trata de elementos fantásticos. Cada período lunar dura sete dias, simboliza a totalidade do espaço e do tempo. O sete é o símbolo

---

<sup>3</sup> O número sete aparece setenta e sete vezes na bíblia (Chevalier, 1997)

de uma totalidade e perfeição em movimento. Em seu dicionário de símbolos Herder conclui que “[...] há muito tempo, o sete é considerado um número sagrado e remonta as quatro diferentes fases da lua, que duram, cada uma, sete dias. É o número do ciclo completo da abundância e da plenitude (HERDER, 1994, p.183). Talvez, por toda essa relação com a lua e a conclusão de um ciclo, que em algum momento o número sete tenha se destacado para tornar-se aquele que fada o lobisomem.

O lobisomem no Brasil é parte do folclore do país, no entanto não é mais a besta ou o homem com pactos com o diabo que se transforma em lobo, essa figura passou a representar uma pobre alma que cometeu algum erro e que agora busca redenção. Foi trazida para o país, com essa característica moral de que se deve cumprir o fado, pelos portugueses, excluindo o aspecto aterrador das lendas europeias.

No Brasil, o lobisomem persiste em provocar a tensão e o medo naqueles que porventura resistem em crer, especialmente no interior, em lugares mais isolados, em que sempre há um homem que vive sozinho, e que dele pouco se sabe. Esses fatos fizeram com que a criatura fosse desfigurada de sua origem e se tornasse parte do dia a dia de muitas pessoas, prova disso é a cidade de Joanópolis, localizada na região de Bragança Paulista, no interior de São Paulo. A cidade com pouco mais de 11 mil habitantes é conhecida como terra do ermitão e do lobisomem. Ligando mais uma vez o fato de que aquele homem que vivia isolado da sociedade era tido como um lobisomem, do mesmo modo que os antigos nórdicos temiam os que viviam fora das vilas, pois eram justamente esses que trocavam de pele.

A partir de diversos casos de “encontros com lobisomens” a cidade recebeu destaque no livro da folclorista Maria do Rosário, com o já citado livro *Lobisomem: Assombração ou Realidade* (LIMA, 1983).

Assim como na cidade de Botucatu, também no interior de São Paulo, onde há o turismo imaginário, com a Associação dos Criadores de Saci, que divulgam este outro personagem do folclore brasileiro, Joanópolis faz o mesmo com o lobisomem. E da mesma forma que Câmara Cascudo enfatizou em sua citação<sup>4</sup>, esta peculiar cidade não apresenta seu cidadão mais ilustre como um assassino em série, ou uma fera sanguinária, mas como o lobisomem do interior que come fubá e bagaço de cana, e o português que corre seu fado.

Temos até o momento mais relatos populares sobre o assunto do que o próprio lobisomem na literatura. O mito foi migrando, assim como qualquer outro, para a literatura, o caso mais famoso no Brasil é o romance de *O Coronel e o Lobisomem* (CARVALHO, 2000).

---

<sup>4</sup> Citação encontrada na página dezenove deste trabalho.

Mas também temos a grande recorrência da criatura no livro *Menino de Engenho* (REGO, 2003).

Em seu livro *A Geografia dos Mitos*, Câmara Cascudo esclarece alguns fatores do surgimento da presença do mito no Brasil, que achamos importante citar:

“Não me foi possível identificar o lobisomem em nenhuma das tradições fabulosas da América pré-colombiana. No Brasil pré-cabralino não havia. Robert Southey (*Histórias do Brasil*, PP. 5, 501, 511) citando um manuscrito inédito, *Notícias do Paraguai*, indica os índios Mbayas que acreditavam que as velhas se transformavam em jaguares depois de mortas. Cita, ainda Southey, o jesuíta Martin Dobrizhoffer, o historiador e catequista dos Abipones, que registrava a tradição dos feiticeiros da tribo se dizerem capazes de tomarem a forma do jaguar, com a superioridade de ficarem invisíveis.” (CASCUDO, 1976, p.154-155).

Tratando ainda de casos que foram registrados pela justiça, que contribuíram para a difusão do mito pela Europa, que depois migrou para o Brasil, Baring-Gould explica que outras origens do mito são de que os homens que se transformavam eram ligados à feitiçaria ou ao demônio, recebendo deste um unguento, como já fora citado, para que passasse no corpo e recebesse os poderes do animal ou de fato se transformasse nele.

Tal versão do mito foi amplamente difundida durante a Idade Média, mas naquela época a licantria não era apenas composta de histórias imaginadas e contadas, mas de uma junção de fatores que levavam as pessoas a acreditarem que estavam lidando com um humano que se transformava em fera. A Europa, especialmente a França, é recheada de registros históricos de ataques atribuídos a lobos, mas que pareciam ser mais inteligentes do que um simples lobo.

Durante os séculos XV, XVI e XVII em lugares como Dole (JACCOTEY; ROCHELANDET, 2009), Poligny (STEIGNER, 2012) e claro, Gévaudan (MORICEAU, 2007), há diversos relatos que foram registrados sobre ataques de lobos. Mas o curioso é que não eram simples matilhas que vinham roubar o gado ou ovelhas, mas que perseguiram os homens das vilas. A tão famosa Besta de Gévaudan aterrorizou a cidade entre 1764 e 1767, efetuando a morte de mais de 120 pessoas (MORICEAU, 2008), todas elas mulheres e crianças. Diversos homens saíram na caçada da besta, vários lobos foram mortos na tentativa de fazer com que os ataques parassem. A suposta besta foi morta por François Antoine, após ele ter abatido o animal os ataques cessaram. A criptozoologia argumenta que a besta poderia ter sido um resquício de um mesoniquídeo, ou seja, mamíferos carnívoros com cascos, ou ainda uma espécie extinta de hiena que viveu na Europa.

Esses ataques foram atribuídos a lobisomens, pois as testemunhas afirmavam que os lobos possuíam algo de humano, em outros ataques as vítimas confirmavam ter visto a

criatura que andava como um homem encurvado, e ainda tiveram aquelas mulheres que além de mortas (claramente por um animal) tinham sinais de violência sexual (MORICEAU, 2008). Mas, o que se sabe atualmente é que diversos ataques registrados foram realmente feitos por animais, e outros por seres humanos, como o famoso caso de Giller Garnier e Manuel Romasanta.

Giller Garnier era um eremita, ressaltando a questão do mitema, que por sua vez seria resumidamente uma característica que se repete dentro da construção do mito, que viveu em Dole, na França, até sua morte em 1573. Sua primeira vítima foi uma menina de 10 anos, que ele raptou e comeu as carnes de suas coxas e braços (JACCOTEY; ROCHELANDET, 2009), oferecendo o que havia sobrado para sua esposa. Em seu depoimento, Garnier disse que enquanto tentava encontrar comida para si e sua esposa veio até ele um fantasma que lhe ofereceu um unguento que permitiria que ele encontrasse comida mais facilmente. Ele confessou ter matado e comido ao menos quatro crianças. Garnier foi condenado por licantrópia e feitiçaria e morto na fogueira. (Bulletin vol.4-5 p.88).

Já Manuel Blanco Romasanta, também conhecido como o Lobisomem de Alhariz, (GÓMEZ DEL VAL, 2014) viveu na Galiza no século XIX, e em 1852 ele foi preso, confessou ter devorado cerca de treze mulheres e crianças e ter vendido a gordura de seus corpos (IGLESIAS; FERRO, 2007). Na confissão, alegou que os crimes que cometera foram motivados por uma maldição que o transformou em lobo. Ele foi condenado à prisão perpétua por seus crimes.

Podemos ver que nestes dois casos, assim como em muitos outros eram pessoas que cometiam os crimes, pessoas que provavelmente sofriam de licantrópia. Atualmente a licantrópia é reconhecida como uma doença mental, no livro o Lobisomem (BARING-GOULD, 2008), uma de suas teorias para o surgimento do mito é justamente tal doença, que poderia ser confundida com demência ou o “toque do diabo”, aqueles que atacaram as pessoas apresentavam muito mais o comportamento animal, por isso andavam encurvados.

Tal transtorno confunde o senso de identidade própria do indivíduo, que através das manifestações animaisas consiga expressar emoções suprimidas, especialmente de ordem agressiva ou sexual, através da figura do animal, que pode ser muito variado como lobo, cachorro, morcego, cavalo, sapo ou vaca.

Outra doença que ajudou no desenvolvimento do mito foi a hipertricose, que assim como os casos de porfíria contribuíram para o vampirismo, a hipertricose contribuiu e muito para a lenda dos lobisomens (MELTON, 1995). Essa mutação genética faz com que cresçam pelos em todo o corpo, menos nas palmas das mãos e nos pés. Na hipertricose congênita os

pelos podem chegar a 25 cm, sendo finos. Já na chamada síndrome de Abras, uma variante da doença, os pelos são mais grossos e coloridos.

Como dito no início desta pesquisa, o mito do lobisomem é uma junção de fatores que se desenvolveu na mente das pessoas, advindo essencialmente destas duas doenças, a licantropia mental e a hipertricose, quase desmitificando o mito. Foi importante angariar tais perspectivas do mito para a compreensão dos próprios textos literários.

A seguir, analisaremos melhor as formas literárias deste mito, e as influências que teve dos conflitos da pós modernidade.

## 1.2 O Lobisomem na Literatura

Após termos elucidado diversas ramificações da lenda e como o mito do lobisomem foi construído no imaginário humano, podemos finalmente discutir a maneira como o mito tomou as páginas dos livros.

Para melhor ilustrar as aparições dessas criaturas na literatura, criamos, através da pesquisa de dados, a tabela abaixo com os títulos mais recorrentes, que tratam do homem lobo.

Autor	Título	País	Ano
Ovídio	<i>As Metamorfoses</i>	Império Romano	Século I
Apuleio	<i>O Asno de Ouro</i>	Império Romano	Século II
Charles Perrault	<i>O Chapeuzinho Vermelho</i>	França	1696
Richard Thomson	<i>The Where-wolf: a legend of the Limousin</i>	Inglaterra	1828
Leitch Ritchie	<i>O Homem-Lobo</i>	Escócia	1831
Sutherland Menzies (Elizabeth Stone)	<i>Hugues, the werewolfe</i>	Inglaterra	1838

Capitão Frederick Marriat	<i>The White Wolf in the Hartz Moutain</i>	Inglaterra (?)	1839
George W. M. Reynolds	<i>Wagner, o lobisomem</i>	Inglaterra	1847
Catherine Ann Crowe	<i>A Story of a Weir-Wolf</i>	Inglaterra	1846
Alexandre Dumas	<i>O Lobisomem</i>	França	1857
<u>Erckmann-Chatrian.</u>	<i>Hugues, o lobo</i>	França	1859
José Candido de Carvalho	<i>O Coronel e o Lobisomem</i>	Brasil	1964
Angela Carter	<i>O Quarto Sangrento</i>	Inglaterra	1979
Daniel Pinkwater	<i>I Was a Second Grade Werewolf</i>	Estados Unidos	1983
Stephen King	<i>A Hora do Lobisomem</i>	Estados Unidos	1983
Carlos Moraes	<i>A Guerra do Lobisomem</i>	Brasil	1984
Nilza Amaral	<i>O dia das lobas</i>	Brasil	1993
R.F. Luchetti	<i>O Lobisomem</i>	Brasil	1995
Annete Curtis Klaus	<i>Sangue e Chocolate</i>	Estados Unidos	1997
Luis Roberto	<i>Lobo, Lobão,</i>	Brasil	1997



Guedes	<i>Lobisomem</i>		
Pedro Bandeira	<i>O Pequeno Lobisomem</i>	Brasil	1998
Renato Silvestrini	<i>Na trilha do Lobisomem</i>	Brasil	2005
Georgina Martins	<i>Diário de um lobisomem</i>	Brasil	2006
Henry Evaristo	<i>Um Salto na Escuridão</i>	Brasil	2010
Alfer Medeiros	<i>Fúria Lupina</i>	Brasil	2010
Michael Broad	<i>Jake Cake e a professora lobisomem</i>	Brasil	2011
Ademir Pascale	<i>Metamorfose, a fúria do lobisomem</i>	Brasil	2009
Joel Rufino dos Santos	<i>O caçador de Lobisomens</i>	Brasil	2009
André Bozzeto Jr.	<i>Jarbas</i>	Brasil	2011
Giulia Moon	<i>Amor Lobo</i>	Brasil	2013

Mesmo que a tabela ilustrada não abranja todas as narrativas que circundam o lobisomem, podemos fazer algumas observações a partir dos títulos apresentados. Como exaustivamente já foi dito, os primeiros relatos de lobisomem surgiram na literatura greco-romana, com *As Metamorfoses* de Ovídio e *O Asno de Ouro* de Apuleio. Contudo a forma mais expressiva desta criatura literária é o conto “Chapeuzinho Vermelho”, uma história presente na tradição oral europeia, que foi recolhida e recontada pelos Irmãos Grimm, e por Charles Pierrault que o compôs junto ao livro *Os Contos da Mamãe Ganso*. A história, que nos chegou como sendo um conto de fadas, quando na verdade é um conto de fadas de terror.

Mesmo o lobo da Chapeuzinho não sendo um lobisomem, ele é um lobo devorador e com expressões e pensamentos humanos, ou seja, ele pode não ser um homem transfigurado em lobo, mas com certeza é a metáfora oposta, um lobo com aspectos humanos, em razão disso, nos permitimos incluí-lo em nossa lista de narrativas representativas do mito.

Assim como todos os contos de fadas, “A Chapeuzinho Vermelho” possui uma vertente educativa e moralizante para as crianças, baseada no medo. Os filhos deveriam obedecer seus pais, não falar com estranhos, nem se desvirtuarem do caminho que lhes foi imposto, caso contrário seriam devorados e as consequências não recairiam somente sobre elas, mas também sobre um ente querido, no caso a avó. A representação do lobo nesta história aponta um dos primeiros indícios de que o lobisomem é uma criatura que reverbera as inconstâncias e apreensões humanas. Ele não é apenas uma fábula, mas uma representação de que o lobo, uma criatura selvagem reflete e age igualmente ao homem quando procura sua presa. Tal história tem um recurso sexual muito forte, questão que foi abordada também por Angela Carter em seu livro *A Menina do Capuz Vermelho* (CARTER, 2011). No livro *A psicanálise dos contos de fadas* (BETTELHEIM, 1992), o autor aponta a cor vermelha como uma reafirmação da representação sexual e violenta da história.

Tais representações feitas sobre o lobisomem foram compostas angariando as histórias orais e folclóricas e as narrativas sobre as quais faremos uma breve apresentação, do mesmo modo que os contos de Henry Evaristo foram compostos, seus personagens lobisomens.

Notamos que desde Richard Thomson, até Erckmann Chatrian, passamos pelo movimento literário Romântico, que teve extrema importância no desenvolvimento da literatura fantástica, permitindo que criaturas horrendas, como o lobisomem, ganhassem a devida notoriedade. Vale lembrar que no momento em que essas obras representativas foram escritas, o Castelo de Otranto de Horace Walpole já tinha sido escrito e já havia percorrido toda Europa, onde as manifestações do gótico literário começavam a ganhar força. Foi a partir das ideias românticas, que contradiziam os valores cristãos, que o lobisomem começou a se destacar, não mais como elemento de terror, mas como transfiguração humana. Nesse momento, devemos destacar que a pesquisa não se concentra somente no lobisomem, mas na evolução da literatura de terror, da qual esta figura desempenhou importante papel.

E tomando como base a história seguinte, o conto do historiador e bibliotecário Thomson, foi o primeiro a por o lobisomem como personagem principal, *O Lobisomem: Uma lenda de Limousin* expõe uma narrativa de terror que mistura ficção e fatos históricos, explorando o uso da pele de lobo. Este conto acabou sendo encenado no mesmo ano de sua publicação, no Pavilion Theatre em Londres, ressaltando seu sucesso perante o público.

Em 1831, Leitch Ritchie, que escreveu diversas obras de ficção histórica, publicou o conto *O homem lobo*, onde apareceu pela primeira vez a família Hugues, que seria posteriormente explorada por outros autores, e na qual a maldição de se tornar lobisomem recaí sobre todos os membros. O conto que explora todos os componentes da novela gótica se passa no século X, e tem como personagens o lobo membro da família Hugues, um cavaleiro e um monge.

A continuação da história da família Hugues e a maldição que os cerca foi escrita por Sutherland Menzies, pseudônimo da escritora Elizabeth Stone. Nesta nova narrativa *Hugues, o lobisomem: uma lenda Kent da Idade Média* a ambientação é o Dia das Bruxas, em que se acredita que os mortos se levantam dos túmulos e retornam as suas casas.

*O lobo branco das montanhas Hartz*, publicado em 1839 por Frederick Marryat, contém uma das primeiras aparições de uma mulher como lobisomem, no capítulo XXXIX de seu romance *O Navio Fantasma*, que reconta a lenda do Holandês Voador.

É com Rudyard Kipling que as histórias sobre lobisomens começam a fugir do cenário convencional, a Europa Medieval, partindo para a Índia dominada pelo imperialismo da Inglaterra. *A Marca da Besta*, publicada em 1890, discute a intolerância dos colonizadores frente às crenças das terras colonizadas.

As narrativas acima citadas percorrem a atmosfera do romance gótico, que é o precursor do terror.

Como o principal objetivo deste trabalho é discutir as manifestações da literatura de terror no Brasil, devemos contextualizar o leitor de nosso trabalho. O terror, assim como toda manifestação literária, se desenvolveu a partir de outra.

### **1.3 A Literatura do Medo**

As narrativas de Terror se apossaram da história literária a partir do romance gótico de Horace Walpole no século XVIII. No início, o elemento sobrenatural era quase imprescindível para as narrativas fantásticas, que projetavam o medo em alguma criatura como lobisomem, vampiro, fantasma ou como no próprio *Castelo de Otranto*, ou *O Lobisomem* de Alexandre Dumas. Exercendo uma atmosfera negra que se caracterizava no ambiente, mas, sobretudo na soturnidade do narrador. O gênero, desse modo, surgiu da fusão entre a ambientação lúgubre do Romance Gótico e a tensão psicológica do Romance Negro, que reunia também traços da literatura policial e investigativa (RODRIGUES, 1988). Mas a princípio, o Romance Gótico ficou restrito ao que se pode chamar de melancolia negra,

amplamente utilizada nas narrativas supracitadas. Mas tal melancolia, que se mostrava principalmente através do cenário, evoluiu aos poucos para uma narrativa frenética, de modo que o ritmo nos contos fosse essencial para que se pudesse atingir a catarse ao fim da leitura: efeito sem o qual o Terror não sobrevive. Isso porque ao infligir narrativas que abordam a subjetividade do leitor, sumariamente, o gênero necessita do efeito catártico para que se complete, pois sozinho ele não é capaz de agir. Uma vez que a obra depende da contribuição do leitor, se este não for capaz de prender o fôlego, ou ao menos sentir-se tenso com a narrativa, isso significa que não houve catarse, e mais, que o gênero não se completou (FRANÇA, 2008).

Já no século XIX, com a essência fortemente psicológica, obras como *Frankstein* de Mary Shelley ou *O Estranho Caso de Mr. Hyde e Dr. Jakyl* se apoderaram de técnicas narrativas que deixavam no leitor a incerteza do sobrenatural, apoiando-se em sua essência dos labirintos psicológicos e moralistas em que os personagens se encontravam. Somente no século XX que as narrativas tomam posse no fator insólito e que se instaura no ambiente cotidiano tomado pelo absurdo. É possível que tais narrativas que tratam apenas do insólito abandonam a consistência de terror antes conferida ao fantástico, fazendo nascer um novo subgênero enquanto outro adoece.

Para elucidar melhor algumas questões referentes ao gênero, tomamos como referência as teorias iniciais de Lovecraft e Todorov.

H.P. Lovecraft foi um escritor e crítico americano que viveu entre 1890 e 1937 na cidade de Providence, em Rhode Island. Criador do ciclo de histórias denominados Mitos de Cthullu, de onde Henry Evaristo diz ter originado sua ideia de um lugar alternativo que compunha em seus contos, mas que não chegou a concluir, como foi comentado na introdução deste trabalho. Já Tzvetan Todorov é um linguista e teórico literário búlgaro, radicado na França, que em meados dos anos setenta publicou o livro *Introdução à Literatura Fantástica* (1975) sobre o qual, diversos estudos sobre o fantástico se apoiariam, incluindo este trabalho. Portanto, Lovecraft foi um escritor da primeira metade do século, com ensaios teóricos, enquanto Todorov, pertencente à segunda metade deste mesmo século, é um acadêmico e leitor, que por obviedade cronológica, se apossou de mais textos que Lovecraft.

As obras de Lovecraft foram inspiradas em seus próprios pesadelos, o que deu a estas o típico caráter psicológico que se infiltrou nas narrativas do início do século. Lovecraft escreveu em 1927 o ensaio sobre a escrita do terror intitulado *O Horror Sobrenatural na Literatura* (1987) em que traça a história das narrativas de terror. Um dos pontos abordados por Lovecraft foi a questão do medo no leitor, de quais ferramentas o narrador poderia se

utilizar para causar esse efeito. Claro que não poderíamos discutir essa questão sem mencionarmos as teorias de Edgar Allan Poe sobre o conto, em que denomina a participação do leitor na obra de *Unidade de Efeito*, sendo que sua base concentra-se em três pontos: objetividade, brevidade e intensidade do conto, com as quais o autor tem que trabalhar para conseguir não somente prender a atenção do leitor, mas, sobretudo, causar-lhe as sensações desejadas, como o medo, a angústia ou a tensão.

Podemos, nesse ponto, citar as teorias da estética da recepção, por meio do posicionamento crítico de Luís Costa Lima onde o leitor possui um papel crucial para a construção de sentido presentes no texto.

[...] as posições de Jauss e Iser não são, nem nunca foram, totalmente homólogas. Ao passo que Jauss está interessado na *recepção* da obra, na maneira como ela é (ou deveria ser) recebida, Iser concentra-se no *efeito* (Wirkung) que causa, o que vale dizer, na *ponte* que se estabelece entre um texto possuidor de tais propriedades — o texto literário, com sua ênfase nos vazios, dotado pois de um horizonte aberto — e o leitor” (LIMA, 1979, p. 25).

Como Luís da Costa Lima elucidada, Iser se apoia na participação do leitor para que o efeito seja, enfim, concretizado. Ainda que não tivessem conhecimento dessas teorias, já que tanto Poe quanto Lovecraft são anteriores à Jauss e Iser, ambos fazem uso dessas ideias.

Lovecraft se apossou da teoria do conto, da unidade de efeito, de Poe para falar especificamente do conto fantástico. De fato, para Lovecraft o fantástico ocorre, assim como para Todorov, não necessariamente na obra literária, mas na sensação, ou como Todorov diz, na hesitação do leitor. Contudo o americano também atribui suma importância para a ambientação da narrativa:

“A atmosfera é o mais importante, pois o critério definitivo de autenticidade [do fantástico] não é a estrutura da intriga a não ser a criação de uma impressão específica. (...) Por tal razão, devemos julgar o conto fantástico nem tanto pelas intenções do autor e os mecanismos da intriga, a não ser em função da intensidade emocional que provoca. (...) Um conto é fantástico, simplesmente se o leitor experimenta em forma profunda um sentimento de temor e terror, a presença de mundos e de potências insólitas” (LOVECRAFT, 1976).

No caso dos contos de Terror, esta unidade é indispensável e, para que ocorra, o autor deve priorizar o valor estético e linguístico, pois assim como na poesia, uma única palavra concebe todos os símbolos de um léxico, no conto de Terror, esse léxico semântico deve sempre estar à favor do efeito desejado na narrativa.

Podemos dizer que o discurso fantástico precisa, assim como todo discurso, de uma resposta do leitor, na perspectiva de Bakhtin “todo discurso é orientado para a resposta e ele

não pode esquivar-se à influência profunda do discurso da resposta antecipada” (BAKHTIN 1998. p. 89). Se aplicarmos diretamente tal citação de Bakhtin, poderíamos afirmar que o escritor de literatura fantástica, através da escolha de seu discurso, direciona o leitor para uma determinada resposta; resposta essa que seria a hesitação, ou seja, a causa do medo e a feitura do terror.

Podemos exemplificar essa questão da atmosfera narrativa com alguns trechos da prosa de Henry Evaristo, o primeiro retirado do conto “A Longa Espera de Leonard”:

De olhos arregalados e com uma falta de ar crescente viu confirmar-se a existência de um vulto que se mexia lentamente do lado de fora. Ouviu o estalar da madeira do chão da varanda sob um peso que devia ser descomunal e notou que a porta estava tremulando tenuemente como se experimentada por algo que não queria ser percebido. Subitamente, para cúmulo de seu horror, o som forte de uma rachadura nova se abrindo no piso, chegando a seus ouvidos, trouxe com ela um ruído surdo, gutural e feroz; Um rosar bestial que pareceu brotar da garganta de um demônio e espalhar-se por toda a casa, como um lamento de intensa dor que o fez perder os sentidos.

(EVARISTO, Henry. 2009. A Longa Espera de Leonard em [http://camaradostormentos.blogspot.com.br/2007/03/longa-espera-de-leonard\\_4164.html](http://camaradostormentos.blogspot.com.br/2007/03/longa-espera-de-leonard_4164.html)> acesso em outubro de 2013).

Já no início deste primeiro excerto a sensação de pavor é iminente e observamos isso através das expressões do personagem, como os olhos arregalado e a falta de ar. O autor transporta o leitor para a atmosfera incerta, ressaltando uma presença ameaçadora com o léxico “vulto”, pois este sempre é utilizado para salientar o desconhecido, que neste caso está do lado de fora. É usado também o recurso dos sentidos, pois através da descrição o leitor consegue ouvir “o estalar da madeira”, que combinado com a incerteza do que há do lado de fora da casa, acentua cada vez mais a sensação de perigo que se concretiza com o susto de ver o piso se rachando e a criatura finalmente romper na porta.

A escolha de expressões como: o vulto que se mexia lentamente e o estalar da madeira, influenciam o leitor a ser tomado pela atmosfera incerta que o medo traz. Enquanto que no trecho seguinte, é possível destacar a descrição do ambiente no conto “Algo Selvagem”:

No caminho, além de velhas fazendas com construções estranhas mergulhadas nas altas horas escuras, ficavam o velho cemitério dos padres católicos e o antigo e abandonado presídio municipal.

Observei, não sem grande estranheza, que justamente naquela data tão supostamente festiva todas as sedes de fazenda pelas quais passei se encontravam imersas nas mais pétreas trevas; e uma quietude angustiante passou a me oprimir a garganta. O único pensamento que me assaltou então era o de que ali estava a ocorrer algo muito errado. (EVARISTO, Henry. 2010, p.52)

Neste caso, vemos que a escolha do campo semântico foi mais minuciosa para a construção do ambiente e que o efeito desejado, no caso a apreensão e o medo, atingiram o

leitor. Podemos realçar: velhas fazendas, horas escuras, velho cemitério, abandonado presídio, todos postos em sequência, como se o narrador-personagem, estivesse cercado pelo abandono, e a lugubridade em que este está introduzido. Logo em seguida fica comprovado o abandono, pois onde deveria haver luzes, barulho e festa, havia somente trevas e silêncio. De fato, a descrição deste ambiente condena o personagem ao medo, pois está escuro, silencioso, sem a presença de outra pessoa, e as edificações abandonadas ao seu redor, como o cemitério e o presídio foram lugares tomado de alguma forma pelo sofrimento, e apresenta o medo de que este sofrimento tenha deixado sequelas nos prédios, logo nos remetendo a lugares mal-assombrados, em que o personagem se encontra sozinho.

Desse modo, encontramos nas narrativas de Henry Evaristo essa mesma técnica que discursa Lovecraft. Contudo, devemos ressaltar que o Terror, em especial o psicológico, não recebeu a devida atenção como foi o caso de seu gênero primário, a literatura gótica.

Observando através da ótica sócio-histórica, o Terror de fato começou a se manifestar em resposta à Razão do Século das Luzes, período em que a ciência ganhava méritos, e as questões que concerniam às sensações, dúvidas e perversões humanas foram postas de lado. Para os iluministas, as superstições e crenças sobrenaturais das pessoas era um grave sinal de uma cultura inferior, que não condizia com o conhecimento científico que vinha sendo angariado, sancionando como superior o racionalismo iluminista. Desse modo, podemos afirmar, assim como Filipe Furtado (1980) já o fizera, que o Fantástico surgiu em combate à defesa laudatória que os positivistas mantinham frente à razão.

Mesmo com a forte tendência da Igreja em se opor à ciência, a contribuição da religião para com a literatura fantástica ocorreu de duas formas: primeiro com a importância dada aos milagres, o que expandiu o imaginário, quase escasso pelo esclarecimento da ciência, e segundo com o puritanismo que favoreceu o desenvolvimento da literatura fantástica obscura e perversa, não se podia falar de sexo. No entanto, escrever sobre vampiros era tolerado, por exemplo.

Foi nesse período que o movimento *Sturm und Drang* se destacou na Alemanha, pois entre o ímpeto do ser e as tempestades da alma, os efeitos que as emoções causavam eram o mais importante. Foi durante este movimento que surgiu a primeira obra a ter uma mulher atuando como vampira, no poema *A Noiva de Corinto*, de Goethe. Isso porque não eram apenas as emoções que se ressaltavam, mas, sobretudo, os mistérios do homem e as conjecturas da alma.

Estamos tratando, portanto, do gênero Fantástico, sobre o qual Todorov se debruçou, dizendo que tal se nutre do tempo da incerteza dos mistérios presentes nas narrativas, desde

góticas até as de terror psicológico. A incerteza de que o que está acontecendo é de fato sobrenatural, ou subitem de uma explicação. O fantástico, em si, é o exato momento da vacilação que o leitor sente, desse modo, o conceito de fantástico se define, pois, com relação ao real e imaginário (TODOROV, 1975).

Todavia, o Horror aos poucos foi deixando o campo da literatura sobrenatural para habitar a psique humana, ao passar para o âmbito do insólito, usando o medo para gerar o Terror literário. É interessante notar que a partir das evoluções nas pesquisas do inconsciente, versadas por Freud, e da evolução da psiquiatria, o gênero se aprimorou em trabalhar, sobretudo, o medo humano.

Retomamos, aqui, mais uma vez, as palavras de Lovecraft que discorre sobre esse aspecto da narrativa de terror em seu livro teórico *O Horror Sobrenatural na Literatura* (1987), em que diz que o gênero se constitui a partir do efeito de medo causado no leitor. Mas para que isso ocorra, deve haver a fenomenologia meta-empírica (FURTADO; 1980), ou seja, o fator insólito e sobrenatural que se torna possível diante do leitor, e em função dessa possibilidade iminente o leitor se depara com o medo.

No entanto, diversas vezes o terror é confundido com o horror, mas há uma pequena diferença entre esses dois gêneros. O horror apoia-se na atmosfera sobrenatural, já o terror está repleto de elementos tensos e mais psicológicos, que podem deixar a dúvida de que algo sobrenatural está por trás dos estranhos acontecimentos, mas que não necessariamente ocorre o sobrenatural, muitas vezes apenas o insólito está presente.

A partir dos ensaios desenvolvidos por Julio França e seu grupo de estudos *Medo como Prazer Estético*, resolvemos adotar o termo *literatura do medo*, já que tanto o horror como o terror são amparadas pelo medo. A estética do horror e os elementos de terror é que compõem essa literatura. Na introdução e em seu ensaio “Prefácio a uma teoria do ‘medo artístico’ na Literatura Brasileira” (2011), França explica melhor o motivo da escolha de tal termo:

Antes de mais nada, vale explicitar a razão pela qual temos utilizado o termo “literatura do medo”, ainda sem maior precisão conceitual, ao invés de empregar nomenclaturas mais convencionais como “de horror”, “de terror” ou “gótica”. Há cerca de três anos, quando começamos a pensar na possibilidade de estudar as manifestações do horror na ficção literária brasileira, deparamo-nos com a exasperadora ausência de uma tradição crítica nacional sobre o tema. À época, entendemos que, para realizar tal pesquisa, precisaríamos buscar seus fundamentos teóricos nos estudos literários dedicados a esse gênero em literaturas estrangeiras. A penúria de estudos críticos dedicados à literatura de horror no Brasil é compensada, porém, com a pletera de reflexões críticas, teóricas e historiográficas, especialmente em língua inglesa, sobre a ficção de horror. Em meio a esse vasto material, estabelecemos um método para nossa pesquisa: concentrarmos-nos na elaboração de um *corpus* teórico que abrangesse reflexões críticas produzidas por ficcionistas do gênero. Tal escolha metodológica visava obter uma perspectiva que levasse em



consideração também o ponto de vista dos criadores, o que nos parecia importante, levando-se em conta a particularidade do gênero – isto é, tratávamos de obras cuja característica principal era a produção de efeitos de recepção desagradáveis quando experimentados fora do campo da estética, tais como o medo, o terror, o horror e a repulsa. Essa singularidade do gênero justificava nosso interesse pelos autores, uma vez que a pergunta “por que produzir horrores imaginários em um mundo tão cheio de horrores reais?” é, sem sombra de dúvidas, um dos paradoxos da literatura do medo. (cf. CARROLL, 1990). (França, 2011).

Contudo, Todorov constrói os mesmos fatos citados acima sobre terror e horror, com uma nomenclatura diferente. Para Todorov, na existência do Fantástico estão inclusos dois subgêneros, que são explicados da seguinte maneira:

O fantástico [...] dura apenas o tempo de uma hesitação comum ao leitor e personagem, que devem decidir se o que percebem depende ou não da realidade, tal qual existe na opinião comum. [...] Se ele decide que as leis da realidade permanecem intactas e permitem explicar os fenômenos descritos, dizemos que a obra se liga a um outro gênero estranho. Se, ao contrário, decide que se devem admitir novas leis da natureza, pelas quais o fenômeno pode ser explicado, entramos no gênero do maravilhoso. (TODOROV, 1992, p. 48)

A definição de Todorov para o Fantástico é, também, uma das definições que podemos angariar ao Terror, pois ele nada mais é do que a hesitação.

Notamos que a hesitação, esse sentimento de angústia e incerteza que toma o leitor no momento da leitura é crucial para o gênero. Resta-nos entender por que tal literatura, que possui aspectos tão comuns para os seres humanos, não se difundiu no Brasil?

Os movimentos literários brasileiros seguiram aqueles que ocorriam na Europa, procurando sempre ressaltar e criar uma identidade para a jovem literatura brasileira. Essa vontade aumentou durante o movimento Antropofágico. O Brasil possuiu em sua história literária a gana de documentar sua identidade, os fatos, e mediante eles a inibição do fantástico. Um exemplo é Graciliano Ramos, que mesmo tendo escrito contos fantásticos, o que predominou em sua obra foi a construção do sertão. Tratando deste fato sobre nossa literatura diz Costa Lima em seu livro *Sociedade e Discurso Ficcional* (1986):

O serviço à pátria, tal como entendido, implicava o culto do documental, do verídico, do factual, a pretexto de que só assim se compreenderia e formularia a diferença da natureza e da sociedade nossas. E isso, insistamos, desde antes que a estética realista e naturalista instituísse o culto do fato e da observação científica. (LIMA, 1986, p. 207).

Fica claro que a literatura brasileira estava concentrada em narrar fatos documentais, criticar através dos contos aspectos políticos do país e não estava incluso nos afazeres dos escritores a literatura fantástica. Os intelectuais dos séculos XIX e início do XX buscavam uma

identidade para a arte brasileira, e talvez pensando por essa ótica, o fantástico era demasiado ‘inglês’ para que fosse ambientado no Brasil. Desse modo, é possível aprofundar o olhar para a resistência à literatura fantástica no Brasil.

Nosso país não acompanhou com afinco as diferentes vertentes do fantástico e uma delas ocorreu em toda América Latina: o realismo maravilhoso ou mágico. No Brasil, os únicos que acompanharam parte desse movimento foram Murilo Rubião e José J. Veiga. Em seu livro *O Realismo Maravilhoso* (1980), Chiampi fala sobre tal fenômeno literário ocorrido na segunda metade do século:

[...] o novo romance [latino-americano] começava a exhibir as virtudes que, multiplicadas e intensificadas, o consagrariam, nos anos sessenta, em nível internacional. Com o aparecimento de *Yawarfiesta* (1941), de José Maria Arguedas, *Ficciones* (1944), de Jorge Luis Borges, *El señor presidente* (1946), e *Hombres de maíz* (1949), de Miguel Ángel Asturias, *Al filo del agua* (1947), de Agustín Yáñez, *El reino de este mundo* (1949), e *Los pasos perdidos* (1953), de Alejo Carpentier, *La vida breve* (1950), de Juan Carlos Onetti e Pedro Páramo, de Juan Rulfo, via-se, de imediato, a ruptura com o esquema tradicional do discurso realista. (CHIAMPI, 1980, p. 20).

De fato, esse movimento rompia com as tradições realistas, no entanto, seria possível dizer também que ao invés de romper com as tradições, esses escritores reinventaram a tradição incluindo nela o fantástico, utilizando-o também para críticas sociais como faz Gabriel Garcia Márquez em *Cem Anos de Solidão*.

Assim como Murilo Gabrielli observou em seu texto “*O lugar do Fantástico no Brasil*”, os indícios fantásticos que temos em nossa literatura são uma resposta à hispano-americana, ocorrendo posteriormente, cujo escritor brasileiro mais expressivo foi Murilo Rubião. Nas palavras do próprio Gabrielli:

“A literatura brasileira, vasta como é, reserva espaço demasiado estreito para a produção fantástica, ao contrário do que ocorre nos demais países da América Latina. As primeiras manifestações mais caracteristicamente fantásticas entre nós, representadas pela produção de Murilo Rubião, são, contudo, mais ou menos simultâneas às suas congêneres hispano-americanas. Tais manifestações não contam, porém, mesmo hoje, com suficiente espaço na crítica literária brasileira. As razões disso podem estar na tendência à observação e à documentalidade, oriundas de uma fase de afirmação nacional empreendida por nossos românticos. Podemos também, ousadamente, relacionar a dificuldade de penetração do fantástico entre nós a uma tendência cultural que poderia ser definida como um *horror à estranheza* derivado daquele *culto da familiaridade* detectado por dois dos maiores intérpretes dos fundamentos de nossa cultura: Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre.” (GABRIELLI, 2002, p.32)

Portanto, um dos motivos pelo qual o fantástico não se desenvolveu em território brasileiro, foi justamente a necessidade de documentar a identidade nacional, que os escritores não acharam que poderiam fazer utilizando-se dos recursos sugeridos pelo fantástico. As

narrativas ficaram concentradas no retrato de fatos históricos, de movimentos sociais, que por isso mesmo diminuíram o fantástico, quase que o resignando somente ao imaginário sobrenatural, como se por este não se pudesse retratar a realidade brasileira. Além do culto à familiaridade revelado por Sérgio Buaque de Holanda ao estabelecer o conceito de *homem cordial*, e que Gabrielli ressalta dizendo em seu texto que nossa sociedade foi composta por uma forte inclinação à intimidade, familiaridade e repúdio ao distanciamento (GABRIELLI, 2002), no qual as narrativas do medo se apoiam.

Podemos então prosseguir e tentar entender por que o homem pós-moderno, especialmente aquele que passou pelas duas guerras mundiais, a Guerra Fria, e uma Ditadura Militar, sem contar a crescente criminalidade, ou seja, que já vive rodeado de medos reais procura o medo imaginário?

O escritor de terror Stephen King argumenta um pouco sobre:

[...] inventamos horrores para nos ajudar a suportar horrores verdadeiros. Contando com a infinita criatividade do ser humano, nos apoderamos dos elementos mais polêmicos e destrutivos e tentamos transformá-los em ferramentas – para desmantelar estes mesmos elementos. O termo **catarse** é tão antigo quanto o drama na Grécia [...], mas, mesmo assim, ele tem seu uso [...] (KING, 2007, p. 24).

Partindo dessa premissa, usaríamos então, a literatura do medo, para combater nossos próprios medos?

O grande medo humano é na verdade uma certeza: a finitude. O medo da morte, que abrange dois medos distintos, aquele que nos persegue como um fado, ter a certeza de que acabaremos, mesmo com todas as teorias espirituais sobre a vida após a morte e a morte somente do espírito, saber que o término de nosso atual ser virá, causa terror e angústias incomparáveis. O outro medo que anda junto com a morte é na verdade o temor do desconhecido: não sabemos e ninguém jamais saberá o que irá ocorrer após a morte.

O medo é um dos grandes instintos humanos, que caminha junto com o instinto de sobrevivência. Há sempre uma ameaça para temermos, algo que irá contribuir para aceleração de nosso fim.

Ítalo Calvino, no livro *Contos Fantásticos do Século XIX* (2004) diz que o conto fantástico propriamente dito nasce da especulação filosófica entre os séculos XVIII e XIX:

“[...] seu tema é a relação entre a realidade do mundo que habitamos e conhecemos por meio da percepção, e a realidade do mundo do pensamento que mora em nós e nos comanda. O problema da realidade daquilo que se vê – coisas extraordinárias que talvez sejam alucinações projetadas por nossa mente; coisas habituais que talvez ocultem, sob a aparência mais banal uma segunda natureza inquietante, misteriosa,

aterradora – é a essência da literatura fantástica, cujos melhores efeitos se encontram na oscilação de níveis de realidade inconciliáveis” (CALVINO, 2004, p.10).

O medo deste desconhecido em forma de sobrenatural está presente em nossa cultura há milênios. Mais uma vez citando Lovecraft que diz:

“Dado que a dor e o perigo de morte são mais vividamente lembrados que o prazer, e que os nossos sentimentos relativos aos aspectos favoráveis do desconhecido foram de início captados e formalizados pelos ritos religiosos consagrados, coube ao lado mais negro e malfazejo do mistério cósmico figurar de preferência em nosso folclore popular do sobrenatural. Essa tendência é reforçada pelo fato de que incerteza e perigo sempre são estreitamente associados, de forma que o mundo do desconhecido será sempre um mundo de ameaças e funestas possibilidades. Quanto a esse sentimento de medo e de desgraça se adiciona a fascinação inevitável do espanto e da curiosidade, nasce um corpo composto de emoção exacerbada e imaginativa provocada cuja vitalidade certamente há de durar tanto quanto a própria raça humana.”  
(LOVECRAFT, 1987, p. 3-4).

Esclarecemos a partir disso que é o medo e o deslumbramento que nos move, e que move a literatura fantástica. Nesse último caso tratamos do medo estético.

O autor deste tipo de narrativa se utiliza de técnicas para criar o agente emotivo no leitor, que fará com que ele sinta fortemente as emoções, que continuam a passar por ele no cotidiano, mas que não o atingem no mesmo modo, como por exemplo, ao vermos na televisão a morte de alguém, não nutrimos o mesmo sentimento quando um personagem morre (SASSE, 2011).

Não há somente uma empatia com o personagem, há um prazer em experimentar através dele algo que unicamente como nós não podemos. O medo que o herói sente na narrativa, é também sentido pelo leitor, no entanto, é um medo estético, pois não apresenta um perigo real para o leitor (FRANÇA, 2010).

Em suma, as narrativas do medo estão presentes em diversos movimentos literários, mas é na literatura fantástica, mais especificamente em sua vertente do terror, que a encontramos. Com os avanços do mundo tecnológico e moderno, tal medo foi se modificando nas percepções humanas.

Através da internet, as narrativas de medo que estavam esquecidas ressurgiram pelos e-books que foram sendo compartilhados na rede e novas fontes de narrativas passaram a ser apreciadas pelos leitores. Sobre essas diferentes formas de se ler o medo é que desenvolveremos o próximo capítulo.

## Capítulo 2 – O Terror Moderno: novos diálogos

Buscamos entender as diversas faces com que o medo se mostrou na cultura ocidental, percorrendo brevemente a música e o cinema até retornar para a literatura. É importante olharmos para essas três formas de cultura, pois fizeram com que o terror, que antes tomava as páginas dos livros, voltasse a ser lido com mais afinco.

Provavelmente a música tenha sido uma das formas mais constantes na qual o terror tenha se manifestado. Acompanhando toda a atmosfera macabra, as óperas fizeram parte dessas manifestações, até porque muitas obras de terror foram interpretadas em óperas. Como a famosa ópera italiana *Il Vampiro* inspirada no romance de John Polidore, *The vampire*.

Claro que a princípio é a música erudita que compôs parte deste gênero, com suas elegias. Os compositores e as canções mais expressivas são a *Dança Macabra*, de Sant-Saëns, composta em 1874. Na canção, a morte, que aparece à meia noite do dia das bruxas, chama os mortos para se levantarem de suas tumbas e dançarem enquanto ela toca violino. A canção em si não possui de fato um elemento horripilante, como muitas músicas que embalam cenas de terror o têm. Contudo, o enredo e mesmo a ironia da música fazem dela uma das primeiras baladas de terror.

Outros compositores que se destacaram com suas obras, que versavam sobre a morte e sentimentos lúgubres, foram Franz Liszt e Chopin. Liszt apreciava as faces da morte, observando aqueles que estavam segurando a mão dela, obras como *Funérailles* (LISZT, 1849) trazem toda a soturnidade do vívido momento da morte. Enquanto isso, Chopin, que foi peça chave do Romantismo na música, expôs temas ligados aos sentimentos mais lúgubres, enquanto Saint-Saëns versou sobre o terror da loucura, Chopin dedicou-se aos elementos soturnos da alma, como em seu famoso *Nocturne* (CHOPIN, 1832).

Porém, a parte mais importante da música para o gênero do terror surgiu séculos depois dessas composições, com o Heavy Metal, que se tornou, não somente um estilo musical, mas uma nova forma de ver e viver o mundo. Caracterizado por guitarras distorcidas, com o baixo e a bateria densos e vocais que se destacavam, o estilo começou no fim da década de 60 com bandas que saíram do psicodélico e blues, como Led Zeppelin e Black Sabbath.

O motivo de destacarmos o Heavy Metal em nossa pesquisa é essencialmente por sua temática e performance no palco. Tratando, assim como a música clássica, de elementos que rodeiam a morte e a loucura, o terror presente nas músicas de heavy metal se aproxima muito da literatura do medo moderna, pois em canções como *Paranoid* (1970), do Black Sabbath, estão presentes perturbações da alma e mente, transferidas para a canção, assim como nos

contos de Poe, por exemplo.

Com uma infinidade de letras inspiradas em contos mitológicos e fantásticos, bandas como, Iron Maiden com a música *Rime of the Ancient Mariner* (1984) inspirada no poema de mesmo nome de Colerige, entre outras compuseram inspirados em obras literárias, contribuindo para que essa outra face da literatura se popularizasse através da música, além do que seus fãs procuravam a fonte de suas inspirações tornando-se leitores.

As apresentações dessas bandas foram um dos pontos que mais contribuíram para o retorno do medo estético, pois não eram simples apresentações musicais, mas verdadeiras representações teatrais, grande parte valorizando o medo e a loucura. O ocultismo, e questões que o versam também fizeram parte das letras, uma das mais famosas é Mr. Crowley (1980) de Ozzy, falando do famoso ocultista britânico com o mesmo nome, mesmo a letra satirizando-o. Em outras letras como N.I.B (1970) o eu-lírico se manifesta como Lúcifer, tentando convencer alguém a segui-lo. Tais músicas promoveram essa temática, permitindo mais uma vez que o gênero, que até então estava adormecido, ressurgisse.

No que diz respeito à temática do lobisomem, podemos ainda destacar a banda alemã Powerwolf, que narra em suas letras guerras entre vampiros, lobisomens e o cristianismo, incorporando a atmosfera de terror em suas composições, a exemplo da música Mr. Sinister (2005) que se inicia com o uivo de um lobo, o som de grilos à noite e um órgão musical ao fundo.

Mas nenhum outro meio contribuiu mais com o retorno do terror do que o cinema dos anos 80 e suas adaptações de livros sobre o medo.

A década de 1980 foi uma década revolucionária para o terror no cinema e novas técnicas começaram a ser usadas, o que contribuiu para o gênero. Exemplos disso são os estilos de filmagens, com a câmera tremida chamado de ‘Shaky Cam’, o estilo ‘Chase Cam’, em que a câmera persegue os personagens, e a ‘Lur Cam’, que é quando a câmera fica a espreita, observando a cena, geralmente escondida atrás de galhos ou janelas. O filme *Poltergeist* (HOOPER, 1982) fez grande uso desses recursos, o que fez dele um clássico do cinema de terror. Poderíamos nesta instância citar diversos títulos de filmes de terror que contribuíram para que a literatura retornasse, até porque muitos, como o *Iluminado*, baseado na obra homônima de Stephen King, surgiram a partir dos livros. No entanto, este não é nosso foco, e no momento nos restringiremos a falar apenas sobre alguns filmes de terror que trouxeram como protagonista o lobisomem. Primeiramente, podemos destacar as duas versões do filme *The Wolfman* (WAGGNER, 1941), a primeira de 1941 e o *remake* de 2010, este trazendo Benicio Del Toro como lobisomem. Podemos, ainda, destacar dois títulos

contemporâneos que trazem fortes elementos do terror junto ao lobisomem. O primeiro é a série *Hemlock Grove* (ROTH, 2013), baseada na obra de mesmo título do autor americano Brian McGreeve, exibida pelo serviço de *streaming* Netflix. A série traz diversos componentes de ficção científica e terror, este último envolvendo o personagem Peter Rumancek, um cigano lobisomem. Conseguimos destacar neste personagem a diferença de sua transformação em lobisomem, pois ele não se torna um homem lobo, mas surge aos poucos de dentro dele um lobo que por fim devora o corpo humano a que pertencia, enquanto os lobisomens dos filmes citados acima se transfiguram numa mescla de criaturas. A outra série que podemos destacar é *Penny Dreadfull* (LOGAN, 2014) exibida pelo canal Showtime. Esta reúne diversos personagens da literatura gótica e de terror, trazendo em seu título as histórias de terror inglesas que eram vendidas por centavos durante o século XIX, os *penny dreadfuls*. Dento deste contexto, temos o personagem Ethan Chandler, um pistoleiro americano que vai para Londres. Destacamos essa série muito mais pelo elemento gótico e de terror do que propriamente pela presença do personagem lobisomem, que se revela somente no fim da primeira temporada.

É válido lembrar que essa temática de filmes de terror com lobisomens se iniciou durante a década de 80 e que muita coisa mudou nessa década. O mais marcante no Brasil foi que até então vivíamos a ditadura militar, e em 80 começou a reabertura política, e diversos filmes que causavam incomodo, foram finalmente liberados. Com a liberdade política e de expressão, a partir do fim desta década, novas literaturas passaram a ser lidas.

Não podemos dizer que o foco literário deixou de ser os elementos que figuravam a realidade brasileira, e passou a ser a fantasia. Não. Mas de fato houve uma maior incidência nas publicações fantásticas. No Brasil, no início dos anos 2000, com as publicações da série *Harry Potter* e as reedições de *O Senhor dos Anéis*, o gênero fantasia voltou a ser destaque nas livrarias. Nessa mesma década, o acesso à internet começou a se ampliar nas casas e nela sites e especialmente blogs com temas literários. Um dos mais conhecidos e ainda utilizados é o Recanto das Letras com diversos conteúdos, incluindo contos e poemas. Possivelmente o site foi o precursor desse tipo de escrita online, onde se era lido e comentado. Foi justamente no Recanto das Letras que Henry Evaristo, juntamente com outros escritores iniciantes, deram início a um grupo de escrita intitulado Irmandade das Sombras, citado na introdução deste trabalho.

A verdade é que através dos blogs e redes sociais, especialmente no fim da última década, diversos escritores iniciantes tiveram a oportunidade de postar seus trabalhos, e serem lidos por um pequeno grupo, que expunha sua opinião. Podemos dizer que esse foi um

movimento natural do encontro da literatura com a tecnologia, especialmente no que diz respeito à sua divulgação nas redes sociais.

É importante expor esse aspecto que contribuiu para a evolução e ressurgimento da literatura brasileira, especialmente a fantástica. Tomaremos como exemplo alguns autores para explicar melhor esse movimento literário online, e poderemos finalmente mostrar como o autor estudado, Henry Evaristo fez parte disso.

Primeiramente devemos nos lembrar dos antigos folhetins. As histórias que surgiram nos jornais, publicadas a cada edição, capítulo por capítulo, deixando os leitores ansiosos, e permitindo a exposição de suas opiniões que muitas vezes mudavam até o rumo da história. Há tempos os blogs deixaram de ser um diário virtual ou coisa do tipo, e passaram a ter um objetivo maior. No que diz respeito aos blogs literários podemos dividi-los em duas categorias. A primeira, se refere aqueles que tratam de literatura, contendo diversas resenhas e indicações de livros, além do que se passa no mercado editorial, já a segunda seria os blogs de escritores iniciantes ou não, que vêm nessa forma de divulgação uma chance de escreverem e serem lidos.

O que aconteceu na internet com os blogs foi exatamente esta retomada dos folhetins, só que agora virtualmente. Os escritores postavam seus textos e ouviam as críticas dos próprios leitores, alguns deles acabaram publicando livros posteriormente, um exemplo são o conjunto de autores presentes no livro *Geração Sub-zero* (PENA, 2012), que reúne diversos autores que se iniciaram na internet, a maior parte escrevendo literatura fantástica.

O livro *A Batalha do Apocalipse* (2010) de Eduardo Spohr, que além de escritor colabora com o blog de cultura *geek* Jovem Nerd, onde conseguiu publicar seu livro de maneira independente, fez com que o mercado editorial abrisse os olhos para a literatura fantástica brasileira. Após esse período, outro escritor se destacou no mercado editorial, Raphael Draccon, com a série de livros *Dragões de Éter* (2010) que abriu espaço para a fantasia trazendo, como muitos autores já haviam feito, uma nova visão sobre os contos de fadas.

Não é nosso objetivo debater as tendências e movimentações do mercado editorial, no entanto, é interessante notar que as histórias fantásticas começaram a encher as prateleiras das livrarias, tanto de autores internacionais, quanto especialmente de nacionais. Diversos eventos literários, também, contribuíram para a divulgação dessa literatura. Retomando as ideias, podemos dizer que a internet e a postagem em blogs pessoais contribuiu para o aumento e o descobrimento de alguns escritores que permanecem sendo sucesso de vendas e mais, mostrando a qualidade da literatura fantástica brasileira, como é o caso de Raphael Draccon.



Conseguimos acompanhar esse movimento, que passa do meio online, para depois tomar o papel e chegar outra vez ao leitor. Assim a literatura deixou o papel e passou para a internet, fazendo também o caminho de volta.

Esse movimento, que ocorreu com todas as formas literárias, mas especialmente com a literatura fantástica, faz-nos perguntar se até o momento as literaturas de medo que até então pareciam estar mortas, não estavam apenas doentes.

A resposta prematura, com certeza seria sim, as literaturas de medo perderam espaço nas prateleiras, contudo, seu espaço foi recuperando-se por meio da tão difícil leitura online, ou seja, ser lido dentre milhares de outros. Mas ainda pairam sentimentos que tal literatura se encontra exilada, especialmente a contemporânea, que não será bem vista até que funde sua permanência, sua memória nos leitores.

Essa abertura que a internet deu aos escritores foi bem aproveitada por nosso autor. Henry Evaristo. Este costumava dizer aos colegas e familiares que se vivesse em São Paulo já teria sido publicado há tempos, no entanto, ele residia em Rio Branco, no Acre, e foi apenas através da internet que conseguiu de fato escrever. Para um escritor iniciante a internet é uma inesgotável fonte de aprendizagem, pois ele consegue perceber seus erros e acertos da forma mais crucial, ou seja, por meio do diálogo direto com os leitores.

Para Bakhtin, é como se o diálogo fosse o que regesse o mundo, e de fato é, pois nada ocorre sem que antes tenha sido dialogado com outra ideia.

Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles subentendidos como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera da comunicação, e numa dada questão, em um dado assunto, etc. (Bakhtin, [1979]; 2003:297).

Para o teórico, há a ideia e recepção/compreensão que desenha o movimento do dialogismo na enunciação, que está presente na jurisdição do leitor e do interlocutor.

Podemos, então, dizer que os interlocutores colocam suas linguagens frente a frente, sendo que o locutor enuncia na face da existência (seja ela real ou virtual) e o interlocutor reage com uma posição responsiva, antecipando mesmo o que o outro irá dizer, ou seja, tomando para si o lugar do ouvinte. Há do outro lado, uma réplica.

Nas palavras de Bakhtin:

“a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.” (id. *ibid.*, p. 123).

E completa dizendo:

“O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra ‘diálogo’ num sentido mais amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. O livro, isto é, o ato de fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal. Ele é objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo e, além disso, é feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso interior, sem contar as reações impressas, institucionalizadas, que se encontram nas diferentes esferas da comunicação verbal (críticas, resenhas, que exercem influência sobre trabalhos posteriores, etc.). Além disso, o ato de fala sob a forma de livro é sempre orientado em função das intervenções anteriores na mesma esfera de atividade, tanto as do próprio autor como as de outros autores: ele decorre portanto da situação particular de um problema científico ou de um estilo de produção literária. Assim, o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.” (idem)

Desse modo, nos é revelado que não há espaço mais dialógico para a literatura do que a internet pode proporcionar. Ela oferece a discussão do próprio livro que Bakhtin dá como exemplo, discussão essa que se torna gigantesca com as vozes que se interpõem no caminho, incluindo a voz do próprio autor. Como Bakhtin ressalta, o discurso escrito integra uma discussão ideológica em que responde, refuta, antecipa outro discurso.

Pensemos esses pontos no âmbito da internet, em que a velocidade de resposta é maior além de atingir mais esferas. Desse modo, podemos afirmar que um diálogo efetivo e complexo ocorre dentro da rede quando se trata de discursos escritos. Tratando-se de textos literários esse diálogo pode mesmo mudar o rumo da história, quando postado de antemão em partes, como Henry Evaristo fazia. A resposta dos leitores pode fazer com que o escritor opte por mudar determinado rumo da narrativa. Mas, antes de nos atermos mais profundamente sobre o percurso que os contos de Henry Evaristo traçaram na internet e no papel, devemos discutir um pouco mais sobre a literatura na internet.

Segundo Katherine Hayles (apud RAMOS, 2013) em seu livro *Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário* (2009), “Mais do que ser marcada pela digitalidade, a literatura eletrônica é de modo ativo formada pela mesma.” (2009, p. 61). Para a autora, essas obras de ato não migram do papel para o digital, como já foi discutido, mas nascem nesse meio. Temos como exemplos alguns livros digitais que são dependentes de seus softwares e Hayles completa dizendo que a história da literatura eletrônica está interligada com a

evolução da mesma tecnologia que a viabiliza, como por exemplo, os aparelhos Kindles, leitores digitais que proporcionam uma nova experiência de leitura (RAMOS, 2013).

Essa evolução literária vive em conjunto com as transformações tecnológicas, pois além do amplo acesso à internet e o barateamento de computadores, temos também a difusão das redes sociais e de compartilhamento de arquivos. Este último, além de proporcionar uma melhor divulgação de obras de iniciantes, também democratizou a leitura de autores famosos e também aqueles que eram muitos difíceis de serem encontrados.

A autora cita ainda Adelaide Morris, pesquisadora em poéticas digitais, para demonstrar que esse enlace entre a literatura digital e o progresso tecnológico é uma forma que temos de redigir o discurso, organizando nosso conhecimento prévio do mundo:

A isso eu acrescentaria que ele também cria as práticas que nos ajudam a saber mais sobre as implicações de nossa situação contemporânea. Tanto quanto o romance, ambos ajudaram a criar e deram voz ao sujeito liberal humanista nos séculos XVII e XVIII, assim a literatura eletrônica contemporânea é tanto reflexão quanto representação de um novo tipo de subjetividade caracterizada pela cognição distribuída, uma ação em rede que inclui atores humanos e não humanos e limites flexíveis dispersos por espaços reais e virtuais. (HAYLES, 2009, p. 48)

Dessa maneira, Hayles constata que a literatura digital se insere num contexto histórico, necessitando dialogar com os meios de comunicação como o cinema e os jogos de RPG, estes que foram criados a partir dos livros da saga *O Senhor dos Anéis*. Esses jogos também são frutos de diversos livros, mas pode ocorrer o inverso. Um exemplo é a série de jogos de RPG *Assassin's Creed* que se tornaram livros, ou ainda a série de livros *The Witcher*, em português *A saga do bruxo Geralt de Rívia* (2011), do polonês Andrzej Sapkowski, que se tornou um jogo. Isso nos mostra que essa literatura que emana do meio online possui uma face híbrida.

Hayles ainda explica que a leitura impressa deixa de ser o único objetivo das obras escritas na e para a internet, pois o meio online pode proporcionar uma vivência muito maior do que o impresso. Podemos expor através desse pensamento que a literatura virtual é deixada de lado pelos críticos. Segundo Hayles, não se ater ao fato de que a literatura na internet está ligada a um meio virtual implica no modo como a cultura contemporânea é observada, incluindo os livros de papel e a crítica que os cercam, que está farto de componentes tecnológicos:

Elas incluem o intercâmbio das cognições humana e de máquina; a reimaginação do trabalho literário como um instrumento para ser jogado, em que as dinâmicas textuais guiam o jogador em direção a crescentes habilidades interpretativas e funcionais; a desconstrução da relação entre som e grafia e sua rearticulação dentro de ambientes nos quais a linguagem e o código estão em interação ativa; a ruptura da narrativa e a consequente reimaginação e representação de consciência não como

um fluxo contínuo, mas como o resultado emergente de interações locais entre processos neurais progressivos e agentes subcognitivos, biológicos e mecânicos; a desconstrução da temporalidade e sua reconstrução como fenômenos emergentes surgindo de interações entre multiagentes; e o desempenho de uma coevolução adaptativa cíclica entre os seres humanos e as máquinas inteligentes previstas como cognoscentes corporizadas em diferentes mídias em diferentes níveis de complexidade. (HAYLES, 2009, p. 95).

Portanto, conseguimos perceber o quão importante foi e é a relação da internet com a democratização da literatura, não somente quanto a leitura, mas essencialmente quanto a escrita. Nos atrevemos a dizer que se não fosse a internet e as possibilidades literárias que ela oferece, talvez a literatura fantástica brasileira não tivesse ressurgido com tanto fôlego nos últimos anos e, provavelmente, jamais teríamos ouvido falar de Henry Evaristo, que ainda continua oculto entre os leitores.

Cabe a esta pesquisa tentar desvendar essas memórias obscuras do autor, e com a análise de seus contos compreender um pouco mais como o medo e a ontologia do mito se manifesta em sua obra.

### Capítulo 3 – Análise das Memórias Obscuras de Henry Evaristo

Henry Evaristo deixou em torno de 43 textos em seu blog Câmara dos Tormentos, destes, 27 foram escolhidos pelo autor para fazerem parte de seu único livro, intitulado *Um Salto na Escuridão – Contos de Terror e Solidão*, publicado em 2010, alguns meses antes de falecer. Como fora dito na introdução deste trabalho, alguns dos contos do autor iriam compor um universo que ele estava criando. Desse modo, os contos se entrelaçam, e se completam. Não trabalharemos com nenhum desses enlaces especificamente, somente ‘A Longa Espera de Leonard’ será analisado, e este é um dos que compõe esses entrecontos. Deixamos claro que houve uma seleção de contos, pois os quatro retratam diferentes aspectos da figura do lobisomem, sendo eles: “A Coisa no Jardim Zoológico”, “Algo Selvagem”, “A Longa Espera de Leonard” e “Virgílio”. Somente “A Longa Espera de Leonard” não está no livro, somente no blog Câmara dos Tormentos.

Uma das teorias que iremos aplicar aos contos será o excedente de visão, ou exotopia, de Bakhtin, pois uma das conclusões a que chegamos é a de que o mito do lobisomem tornou-se uma metáfora do homem pós-moderno. Ao olharmos por este prisma, nos é permitido aplicar tal teoria. O autor desenvolve sua teoria no livro *Estética da Criação Verbal* (2003), quando analisa a relação autor/herói. Contudo, assim como todas as teorias desenvolvidas por Bakhtin, não é somente nesse núcleo literário que ela pode ser aplicada, primeiramente a teoria exotópica deve existir nas relações sociais, justamente por isso nos é permitido empregá-la na figura do lobisomem. Mas antes é preciso entender o que é esse excedente de visão. A exotopia foi uma das categorias que basearam Bakhtin ao desenvolver as relações dialógicas entre Autor e Herói, e foi através da exotopia que o autor começou a desenvolver a ideia do excedente de visão.

Como as próprias palavras já dizem, é a capacidade de exceder a visão, no caso para o Outro<sup>5</sup>. E neste processo ser capaz de ver o Outro muito mais do que ele pode ver a si mesmo, por causa de sua posição exotópica, é perceber o interior do Outro para poder se constituir. Para Bakhtin, é necessária a presença do Outro e sua visão sobre nós para que possamos nos constituir como sujeitos sociais. Sem o Outro não há o Eu.

Bakhtin afirma que

---

<sup>5</sup> Para Bakhtin o Outro é todo indivíduo social, podendo ser também um grupo ou uma ideia.

“o excedente de minha visão, com relação ao outro, instaura uma esfera do meu ativismo exclusivo, isto é, um conjunto daquelas ações internas ou externas que só eu posso praticar em relação ao outro [...] e que o completam justamente onde ele não pode completar-se” (BAKHTIN, 2003, p.22-23).

Dessa forma, o excedente de visão existe, pois o lugar do Outro é tomado pelo Eu que retorna para seu lugar com a visão que adquiriu do Outro.

Nas palavras de Bakhtin:

“Vemos que haja diante de mim um indivíduo sofrendo; o horizonte da sua consciência foi preenchido pela circunstância que o faz sofrer e pelos objetos que ele vê diante de si [...]. Devo vivenciá-lo esteticamente e concluí-lo[...]. O primeiro momento da atividade estética é a compenetração: eu devo vivenciar – ver e inteirar-me – o que ele vivencia, colocar-me no lugar dele, como que coincidir com ele [...]. Quando me compenetro dos sofrimentos do outro, eu os vivencio precisamente como sofrimentos dele, na categoria do outro, e minha reação a ele não é um grito de dor e sim uma palavra de consolo e um ato de ajuda. Relacionar ao outro o vivenciado é condição obrigatória de uma compenetração eficaz e do conhecimento tanto ético quanto estético. A atividade estética começa propriamente quando retornamos a nós mesmos e ao nosso lugar fora da pessoa que sofre, quando enformamos e damos acabamento ao material de compenetração [...]” (BAKHTIN, 2003, p.23-25).

Para melhor entendermos, podemos pensar da seguinte maneira: quando estou frente ao outro, fora dele, não posso ver as coisas em sua perspectiva, da mesma forma que ele não pode ver da minha. Mas para compreender o outro, devo me dirigir ao seu lugar e voltar para o meu. É somente a partir do meu lugar singular que posso constituir a visão do outro e criar uma interação com ele.

Esses conceitos desenvolvidos por Bakhtin se aplicam diretamente às relações sociais, consciente e inconscientemente, da mesma forma também é possível desenvolver esses aspectos filosóficos em superfícies literárias, e conseqüentemente no mito do lobisomem.

### **3.1 A Coisa no Jardim Zoológico**

Neste conto, o medo está presente desde o título, pois a palavra “coisa” nos remete a algo desconhecido, estranho, que está longe do que talvez possa ser compreendido, e tudo aquilo que é estranho, causa desconforto e medo, e essa é uma das essências do medo, o desconhecido.

Narrado em primeira pessoa, o conto se inicia com um aviso que podemos presumir que seja ao menos instigante, pois o narrador avisa que irá narrar algo breve, mas singular. Esse mesmo aviso nos apresenta um modelo de contos clássicos de terror, que sempre eram

narrados em forma de relatos, para que este tivesse uma autenticidade maior, dando ao leitor a sensação de estar ouvindo uma história, que realmente havia acontecido, dado as afirmações do narrador, como Guy de Maupassant faz em seu conto “O Lobo”. É o narrador apresentando o relato de outra personagem, como se fosse um amigo muito próximo contando a história. Tal técnica é marcada nos contos de Henry Evaristo, o fato de narrar algo como se estivesse muito próximo do leitor, chamando-o para testemunhar algo verídico.

O narrador continua sua história que se passa no interior do jardim zoológico municipal, local este marcado pela vanglória do homem perante seu domínio sobre a natureza, entretanto veremos que no conto tal aspecto se inverte. A descrição desse zoológico se assemelha muito ao jardim botânico da cidade de Rio Branco, onde morava Henry Evaristo, lugar onde hoje se encontra o restaurado Parque Chico Mendes. Referimo-nos a descrição dada quando o narrador diz que “*gostaria muito de explorar as trilhas selvagens que se estendiam ao redor do parque*”, tal como existe no Parque em Rio Branco, que possui trilhas que adentram a floresta Amazônica, dentro deste mesmo parque há um pequeno zoológico.

O fato do conto se passar no meio da floresta Amazônica nos remete a citação de Julio França quando diz que:

São muitas as possibilidades de florescimento de uma literatura do medo no Brasil: (i) as ameaças vindas da própria natureza local, sublime e terrível, fonte de maravilha e mistério, tanto para o nativo, quanto para o europeu, com seus cataclismos, suas doenças, seus animais ferozes, seus ambientes inóspitos; (ii) as emoções advindas de nossa angústia existencial, da terrível consciência de nossa inexorável finitude, de nossa morte física, da decadência de nosso corpo e de nossa mente; ou, por fim, (iii) os temores relacionados à imprevisibilidade do “Outro”, a violência e a crueldade irracionalmente naturais do ser humano, fonte constante de um mal ainda mais terrível por sua aleatoriedade. (FRANÇA, 2011, p.9).

É por meio dessa ameaça, sugerida por França e que a natureza local proporciona, que o conto *A Coisa no Jardim Zoológico* irá se desenrolar.

A história começa no dia 21 de abril de 1990, quando o narrador personagem visita o parque e adentra em suas trilhas para que a caminhada pudesse fazê-lo se esquecer dos problemas cotidianos, a tal ponto que ele não vê a hora passar nem percebe o anoitecer da floresta ao seu redor. Neste momento ao descrever as sensações de estar na mata durante a noite começamos a notar algumas exclamações típicas das narrativas do medo. O próprio narrador indaga sobre o medo que começa a sentir:

“Por volta das vinte horas me vi no meio da floresta escura cercado pelo silêncio que parecia brotar da ausência de pessoas do local; e pela estranha vida que sempre se propaga pelas matas depois que escurece. Oh, só sabe do que falo aquele que já

esteve em situação semelhante! ” (EVARISTO, 2010, p. 11).

Neste trecho iniciamos nossa observação quanto à utilização de um léxico que influencia desde já no leitor e o leva à sensação de inquietação quando o autor usa o termo *floresta escura e silêncio* e este último remete ao estado solitário em que ele se encontra. Essa estranha vida que é citada coloca o personagem diante de um estranho, esse Outro do qual tanto França quanto a própria Julia Kristeva falam, esse outro que causa o medo, e que neste caso é incerto, pois é um conjunto de vidas que podem causar a finitude do personagem. Tais vidas, que estão na floresta, de fato podem se transferir para a unidade da floresta, que, única, engole o homem, como se fosse uma garganta. Poderíamos divagar e supor que a sensação transmitida neste trecho é a mesma descrita por Gilbert Durant, a garganta que engole e mostra o medo do tempo destruidor, da finitude daquele que se vê dentro dessa floresta engolidora. Neste trecho, temos finalmente sua exclamação que propõe uma sensação de proximidade com o leitor.

Nos parágrafos seguintes, a mesma técnica é utilizada, aprofundando-se ainda mais num léxico gótico e fantástico. Diante disso, percebemos uma narrativa que em toda sua existência descritiva busca, algumas vezes até de forma forçosa, a inquietação do leitor e a sensação de frio na espinha.

A tentativa do personagem de correr em busca de uma saída pode ser vista como uma fuga da floresta que o sufoca dos temores que o cerca. Mas é justamente nesse caminho que ele começa a perceber as jaulas pelas quais havia passado, sem se dar conta. Junto a essas jaulas o personagem sente um *cheiro acre*, ouvindo quase no mesmo instante “um som horrível que se propagou de repente pelo ar frio da noite” (EVARISTO, 2010). Nesta instância, percebemos que o autor transfere para o texto vários aspectos sensoriais, aferindo cada vez mais à proximidade com o leitor.

Assim como em diversos contos da segunda metade do século XIX, o narrador personagem se encontra diante de alguma instabilidade emocional, isso contribui para a ambiguidade do conto:

Vinha do escuro no interior da jaula e, ao olhar fixamente para a escuridão, imediatamente avistei múltiplos pares de olhos que me fitavam avermelhados. Não sei o que me passou pela cabeça na ocasião, mas creio, hoje, depois de tantos anos, que não andava muito bem das idéias já naquele tempo. Digo isso por que, quando deveria empregar ainda mais vigor em minhas passadas em direção à saída da trilha, e sem dúvida alguma começar a gritar desde já, eu me resolvi a parar. Segurei na barra protetora que mantém os visitantes a uma distância segura das feras aprisionadas, e fitei novamente o interior. (EVARISTO, 2010, p.13).



No momento em que o personagem encontra o lobo de olhos vermelhos, conseguimos ressaltar que se trata de um conto propriamente fantástico, pois deixa a hesitação, incerteza, de que aquele animal de fato se mostrou tão demoníaco, ou foi a mente falseada pelo medo do personagem, diante de tantas sensações que a floresta o acometera.

Fica claro que o que faz desta uma narrativa de terror é o iminente medo que o personagem tem, da morte, e compartilha com o leitor. Stephen King escreveu no prefácio de *Sombras da Noite* que “a grande atração da ficção de horror através dos tempos é o fato de se prestar como um ensaio para a nossa própria morte” (KING, 1978).

Dessa forma, por meio da citação de King, talvez seja certo dizer que nas narrativas do medo, exatamente como descrito no conto, essas histórias possuem em sua essência a fraqueza do ser humano diante da morte, vendo-se através do personagem, como se este apontasse um espelho que refletisse o próprio leitor. Neste momento, o personagem passa a ser o Outro exotópico do leitor.

Percebemos, então, que a narrativa atrai o leitor com o medo justamente por esse efeito causado. É como se o narrador concedesse àquele que lê um aperitivo da morte iminente que o cerca, sobre a qual não há como ter controle absoluto.

Possivelmente seja por este fato que, em dado momento, começamos a perceber que não é a floresta em si ou o que nela habita que perturba nosso personagem, mas o que dentro dela está preso. Neste ponto, entramos na questão da simbologia do zoológico, em que o homem domina a natureza e a cerca, enjaulando o instinto, quando neste caso, é exatamente esse mesmo instinto preso que domina o dominador, como podemos perceber no seguinte trecho:

Segurei na barra protetora que mantém os visitantes a uma distância segura das feras aprisionadas, e fitei novamente o interior. Eram lobos! Uma cela repleta de lobos! Espécimes extraordinários, enormes e de cores que não pude discernir na escuridão. No entanto, todos estavam tão quietos e acuados a um canto de sua morada forçada. Foi somente quando me inclinei ainda mais próximo que pude perceber um outro animal lá dentro. Um outro lobo ou fosse lá o que fosse...Um animal quadrúpede que, postado aos pés das barras de ferro, me fitava com aparente animosidade. (EVARISTO, 2010, p. 13).

Este animal, visto pelo narrador, incitava medo até mesmo nos outros lobos, que se amontoavam num canto da jaula, não ousando se aproximarem da fera. Logo em seguida, o narrador ouve os rangeres da grade, como se esta estivesse sendo escalada. Um sentimento de pavor o toma quando ele percebe que aquela criatura, até então presa na jaula, agora está solta na mesma trilha que ele.

Podemos expor que neste conto, ao contrário do que comumente conseguimos ver em

narrativas que tratam de lobisomens, somente o animal lobo causa o temor, não necessitando de nenhum viés sobrenatural, assim como quando as cidades européias foram atacadas por matilhas ou lobos solitários; de fato não havia nada de sobrenatural, somente o fato de que os instintos de um lobo são danosos. Portanto o que causa o estado terrífico do personagem é o fato dele até então se encontrar na posição racional de dominador; ele tinha, enquanto ser humano, o poder de criar jaulas que prendessem os animais e seus perigosos instintos, mas então a cena que vemos no conto é com as posições trocadas, onde o homem encontra esse lobo de olhos vermelhos, fora da jaula e agora o homem encontra-se na posição de presa diante da natureza selvagem.

E quando os postes de luz da guarita dos guardas do zoológico estavam mais próximos, o narrador resolve olhar para trás e ver o que o seguia:

[...] avistei o local onde estivera, em frente à jaula dos lobos. Havia uma sombra parada lá. Uma sombra volumosa, de cerca de dois metros de altura. Sei disso porque ela estava em pé! Ereta! E olhava fixamente para o interior do lugar de onde saíra. [...] sei que me fitava, mesmo com toda aquela escuridão...Pois seus dois olhos vermelhos faiscavam contra o reflexo das luzes brancas dos postes de iluminação. (EVARISTO. p.15-16).

Somente nesse momento, quando o narrador descreve novamente o lobo de olhos vermelhos como uma figura ereta, que suspeitamos que podia ser um lobisOMEM. De fato as características dessa criatura a partir deste ponto se concretizam num lobisOMEM, pois assim que o narrador encontra os guardas do zoológico, a criatura, de mais de dois metros de altura, lança um último olhar para o personagem e sai caminhando encurvada, tal como fora descrito nos inúmeros relatos populares sobre lobisomens.

Em “A Coisa no Jardim Zoológico” o narrador apresenta a possibilidade do homem estar rendido em suas próprias jaulas. Um homem que se encontra cercado por grades onde está presa toda ferocidade instintiva que a principio é para ser contemplada, e então se encontra rodeado e ameaçado por ela.

Analisando sob outra perspectiva, é possível dizer que este homem percebe que o que está preso nestas jaulas de fato é a própria figura humana consumida por instintos, mostrando que não é possível enjaular aquilo que causa medo, mas tão somente controlá-lo, como o fim do próprio conto sugere, pois assim que encontra os guardas, estes dizem ao narrador: “Aí é perigoso! O senhor os está perturbando!”. Esta simples frase sugere que os guardas do zoológico, sabiam o que ali se encontrava.

### 3.2 Algo Selvagem

No conto intitulado “Algo Selvagem”, o autor também usa a técnica do resgate da memória para emoldurar o conto. Logo no início, o narrador deixa claro que o acontecido trata-se de um antigo trauma, algo que teve que se manter em silêncio:

Só me disponho agora a relatar o que ocorreu na estrada do antigo presídio, durante a madrugada de 25 de dezembro de 1975, por que sinto subitamente uma incontida necessidade de aliviar, por pouco que seja, minha mente desta dúvida cruel que me assola há mais de 30 anos. (EVARISTO, 2010, p.51).

Desse modo, observamos que o conto trata-se de um relato quase terapêutico, pois o personagem busca através da narração dos fatos o alívio de sua mente, bem como a resolução de uma dúvida antiga. Assim como no conto anterior, “A Coisa no Jardim Zoológico”, em “Algo Selvagem”, o narrador atrai o leitor para mais perto, para contar a história com uma sensação de veracidade. Neste conto, o terror se inicia antes mesmo da narrativa, pois o próprio narrador, no tempo presente, se encontra em um ambiente obscuro, sozinho e sem luzes por perto, ainda assustado, segundo ele próprio, com a recordação dos acontecimentos prestes a serem narrados.

A partir deste ponto, o personagem adentra uma estrada repleta de elementos de terror, tanto as construções abandonadas quanto o estranho silêncio, impróprio de uma noite de natal. Rodeado por trevas, então ele vê luzes de carros de polícia e uma grande movimentação de luzes de lanternas, como se procurassem algo em meio à escuridão. O jovem personagem segue seu caminho pela estrada. No trecho seguinte, elementos do gótico aparecem na narrativa, como o frio muito característico, junto à escuridão solitária da estrada molhada pela garoa, circundado, assim, da atmosfera gótica. Com efeito, o cenário visual tomou conta da atenção do personagem, que acaba não se atendo aos outros sentidos:

Ah, como ainda me causam arrepios aqueles clarões na madrugada! E como me arrependo de não ter dado mais atenção aos sons que deles vinham reverberando pelas matas como sinais de perigo. E não digo sons de coisas maquinais, pois estas estavam silentes naquele momento; refiro-me, sim, aos lamentos humanos que brotavam e ecoavam do horizonte negro; e ainda a um terrível som de algo muito grave que retumbava como trovão pela noite. Mas a isso não dei importância, pois apenas o visual me hipnotizava. (Evaristo, 2010, p.54).

O narrador, neste trecho, já insinua para o leitor que o perigo não estaria na estrada que estava aterrorizando o seu eu jovem, mas dentro da mata. Mais uma vez este elemento aparece nos contos de Henry Evaristo, não somente por estar intimamente ligado à figura da fera e do

lobisomem, mas, sobretudo, devido ao fato de que para analistas modernos, como Jung, pela obscuridade e o enraizamento profundo de suas árvores, assim como toda a floresta simbolizam o inconsciente. Segundo Jung, os terrores da floresta seriam como os terrores causados pelo pânico, que seriam inspirados na crença da revelação do inconsciente (CHEVALIER, 1990). Desse modo, percebemos que os contos de terror ambientados numa floresta ou próximo a esta retratam os temores do inconsciente. Fazendo uso deste recurso o autor promove a análise no fim deste conto sobre os aspectos dos instintos humanos, justamente aqueles que a moralidade social reprimiu como a capacidade de matar. Os sons que o personagem ouve vindo de dentro da floresta representam justamente esses instintos, assim como os temores do inconsciente relatados por Jung.

No prosseguimento do relato, o jovem narrador se aproxima da aglomeração de pessoas na estrada. Juntas se amontoavam com rifles em punho, ao redor de algo que se arrastava pelo chão. Quando um carro chega trazendo um casal que grita pelo nome Hannah, tentando negar que seria sua filha ali no centro da multidão.

Neste ponto da narrativa, o autor mais uma vez utiliza-se do recurso da proximidade com o leitor, e interrompe a narrativa apenas para acrescentar ao relato uma imagem que até então não tinha se lembrado, a da mulher que descera do carro implorando para que a criatura não mordesse sua filha. Neste momento, é como se a narrativa se encerrasse, pois percebemos que o narrador toma fôlego para reiniciar os fatos, acelera o tempo partindo de 1975, quando ocorreu o incidente na estrada para 1995, quando retorna para a cidadezinha a fim de visitar sua prima Paula. É a primeira vez em vinte anos que ele retorna pela velha estrada. O narrador para o carro e começa a chorar relembrando o que ali acontecera, quando percebe ao redor um veículo agrícola, ao seu lado ele nota a presença de um dos agricultores que também presenciaram aquela noite, e que diz:

"Eu sempre venho aqui... Durante o dia." Disse ele sem nem mesmo olhar em meus olhos, como se estivesse envergonhado por me encontrar; como se fosse, assim como eu, o guardião de um segredo abjeto. "Ajuda a suportar!" Disse por fim e se calou completamente.

Ficamos calados a fitar o espaço entre as duas árvores do mesmo lado da estrada, num ponto em que o terreno após o acostamento já começava a se elevar em direção à cerca de proteção da fazenda dos Narva. Eu queria perguntar o que mais havia ocorrido naquela madrugada antes do amanhecer mas Lavern, parecendo perceber minha intenção, me deu as costas e saiu caminhando pela estrada em direção à cidade. Seriam 15 quilômetros até chegar ao centro, se este fosse seu destino, e seus passos eram lentos e encurvados como os de um velho triste a carregar uma cruz de peso quase insuportável. (EVARISTO, 2010, p.57-58).

A tensão sobre o que de fato acontecera naquela noite instaura-se de vez no conto,

exatamente como um segredo compartilhado por todos os personagens da história, mas que não é revelado ao leitor. Trata-se, neste ponto, da instigação proposital para causar a dúvida inerente ao fantástico. Não estamos tratando aqui da curiosidade que o leitor sente, mas da hesitação quanto ao elemento sobrenatural que pode ou não existir, pois até o momento temos poucas informações quanto aos fatos, tão somente nos figura a suposição. O autor explora, neste conto, muito mais as técnicas narrativas e descritivas do que propriamente o desenrolar da história. Aliás, é através dos elementos descritivos, da ambientação, que o narrador se encontra no tempo presente em que as cenas da história, que ele conta, lhe vem à memória, como vemos no seguinte trecho:

De algum lugar muito distante o som de uma briga de cães chegou a meus ouvidos. Eram gritos animalescos de dor e ódio que evocaram ainda mais angustias do passado. Juntos com o assobio triste do vento a se chocar contra os galhos balouçantes das árvores, aqueles brados agônicos foram se tornando cada vez mais assustadores para mim até que todo o meu corpo foi tomado por tremores incontidos. Sentei-me a beira da estrada e dei livre vazão à enxurrada de recordações que me assolavam. (EVARISTO, 2010, p.58).

Após retomar a história em sua mente, o narrador começa a revelar o que estava acontecendo, mas não sem antes conversar mais uma vez com o leitor. Usando novamente o recurso machadiano, ele pede que entendam o que ele irá contar, e se não entenderem, que coloquem a culpa no ‘velho senil’ que conta a história, mas que não digam que ele mente. O jovem personagem, então, adentra o círculo de pessoas que rodeavam a cena no meio da estrada, quando ele finalmente consegue ver o que está acontecendo ali:

Havia muito sangue no asfalto; grandes poças que se avolumavam rapidamente. Uma coisa corpulenta corria sobre o líquido espesso, de um lado para o outro, espalhando pegadas rubras por toda parte, no interior do círculo, como uma fera acuada; um terrível tigre assassino enjaulado e colérico. Mas algo na própria essência do ar da noite parecia indicar que não era mesmo um animal comum que ali estava e não estava só! Havia algo que ele arrastava consigo de um lado para o outro como um cão que carrega uma presa abatida entre os dentes. [...] Havia uma criança jazendo no chão ensangüentado. Seu corpinho branco estava despido e seus cabelinhos loiros e encaracolados estavam encharcados de um sangue negro e espesso que brotava borbulhante de seu crânio esfacelado. Oh, meu senhor, nunca mais esquecerei a visão de seus olhos azuis arregalados mas sem vida; o olhar de terror e de súplica que, por certo, foi o último emitido antes do golpe que eliminou sua vida inocente. Não podia ter mais que dez anos aquela criança e uma de suas mãozinhas pálidas estava erguida como num último movimento para pedir ajuda; os dedinhos avermelhados, rígidos e espraçados, traziam minúsculas unhas quebradas. (EVARISTO, 2010, p.61-62).

Neste ponto, tomamos consciência dos fatos, pois havia ali uma criatura carregando nos dentes a menina, a mesma que antes uma mulher havia lamentado, chamando por Hannah.

Temos aqui uma cena grotesca descrita, que levanta o crime do estupro e o infanticídio, pois essa criança se encontrava nua, podendo isso ter sido consequência da fúria da criatura por rasgar o corpo de sua vítima. Entretanto, é sabido posteriormente que esta criança foi roubada de seu quarto no meio da noite, e neste ponto temos uma brecha no conto para confirmarmos que a criatura escolheu a criança, inofensiva em sua cama, para levá-la e saciar seus instintos de sexo e fome, mas acima de todos, o instinto de destruição. Podemos ver aqui um contraste entre a inocência e a perversidade, a vítima e o agressor. Essa criatura é descrita como um homem nu de aparência feroz, e quase irreconhecível por estar coberto pelo sangue e a carne da menina. Neste momento, notamos que essa fera não se trata de um lobisomem transformado, mas de um homem com os aspectos de uma fera e, concluímos que neste conto trata-se de um caso de licantria. Um homem que por ter este distúrbio acreditou ser uma criatura feroz em busca de sua presa, e que acabou por ser a menininha, talvez por esta já ter sido avistada e despertado algo no homem antes deste ter se tornado mentalmente a fera. Contudo, nos contos de Henry Evaristo as criaturas, no caso os lobisomens, tornam-se um tanto quanto ambíguos, pois ao mesmo tempo em que parece claro tratar-se de um caso de licantria, no momento seguinte temos a certeza de que é uma criatura sobrenatural pela tonalidade de seus olhos amarelos, que ainda trazem aspectos insanos, pois esses olhos se reviram. O que afirma nossa certeza quanto à criatura, são as garras que deixam marcas fundas no asfalto, além do rosnado que a criatura dá quando a mãe da menina tenta se aproximar, o próprio narrador define como presas de animal:

E, quando a boca escura se abriu para gritar, todo o maxilar pareceu se alongar dando ao rosto furioso um formato afunilado como o dos cães. Deus me perdoe, mas durante o movimento da cabeça acho que vi suas orelhas assomarem do meio dos cabelos desgrenhados e elas eram finas e compridas na parte de cima. (EVARISTO, 2010, p.64).

Ao contrário do conto anterior, “A Coisa no Jardim Zoológico”, em “Algo Selvagem” não temos a hesitação do fantástico tão marcada, pois as próprias descrições do narrador deixam claro que se trata de uma criatura sobrenatural, evidenciando a ligação com o cão-lobo.

Após isso, temos uma sequência de cenas em que a criatura tenta fugir com o cadáver da criança na boca e a devora, fazendo deste um dos contos mais grotescos de Henry Evaristo.

Tal criatura, que representa não somente os instintos humanos, mas, sobretudo, a face grotesca do homem, já era conhecida por todos que moravam ao redor, incluindo os pais da criança morta:

Não é a primeira vez que ele aparece saído sabe-se lá de onde nesta terrível floresta que nos cerca. Todos por aqui já sabiam do perigo que nos rondava mas nunca se pensou que ele pudesse atacar as pessoas nas casas. No início ele se contentava em roer as carcaças dos cadáveres do velho cemitério dos padres e as dos criminosos enterrados nos fundos do prédio abandonado do velho presídio mas, depois, passou a rondar as fazendas querendo os nossos animais... E nossos filhos pequenos. Sabe-se lá quantos meninos e meninas ele devorou antes de nossa filhinha esta noite. Devíamos tê-lo caçado e matado antes que adquirisse gosto pela carne de crianças. Não o fizemos até hoje pois amamos todos que aqui vivem, e os respeitamos. Agora tivemos que caçá-lo de qualquer jeito. É o preço que pagamos por nossa consideração. (EVARISTO, 2010, p.67-68).

Novamente, temos a floresta como uma ameaça, já que é dentro dela que o homem se transforma em fera. Neste sentido por ser traduzido conforme sugere Jung, ou seja, que para ficar face a face com a fera que existe no homem é preciso adentrar o mais profundo do inconsciente onde se encontram as verdades humanas que o consciente e a moralidade enevoam. Nós temos medo daquilo que possa estar e se soltar dentro de nós.

Nestes contos de Henry Evaristo tal aspecto do medo interior é retratado pela figura do lobisomem. Podemos explorar um pouco mais essa questão com a citação de Carroll:

(...) embora lúgubres e atemorizantes, conseguem seus efeitos apavorantes explorando fenômenos psicológicos, todos eles demasiados humanos. Correlacionar o horror com a presença de monstros dá-nos uma boa maneira de distingui-lo do terror, sobretudo do terror enraizado em histórias de psicologias anormais. De modo semelhante, ao usar monstros ou outras entidades sobrenaturais (ou de ficção científica) como critério de horror, pode-se separar as histórias de horror de exercícios góticos (...) em que sugestões de seres de outros mundos eram muitas vezes introduzidas só para serem mais tarde explicadas de maneira naturalista (CARROLL, 1999. p.31).

Utilizar seres sobrenaturais: lobisomens, vampiros, fantasmas, fadas, entre outros, é um dos caminhos usados pelos escritores fantásticos para, de fato, traduzir as inquietações do homem, o horror trazido por um fantasma, por exemplo, é compatível com a perturbação das memórias. Em “Algo Selvagem”, o próprio título já sugere a incerteza, e também nos deixa uma ponta para discutir o que seria esse algo tão selvagem, a criatura sobrenatural guiada por sua sede de destruição ou o homem que se contém até determinado momento, e quando não mais suporta causa violência tão grotesca.

### 3.3 Virgílio

Mais uma vez, encontramos em um conto de Henry Evaristo o resgate da memória do narrador personagem. Em “Virgílio”, quem narra a história é o irmão mais velho do

personagem que dá título a obra. A história se inicia com as memórias quase apagadas de um homem à beira da morte, deixado num lugar ermo, onde é rondado por uma criatura. Tal como nos outros contos analisados, a presença dos recursos narrativos para a ambientação do terror e do gótico aparece logo nas primeiras linhas em que a tempestade é descrita sob a forma de analogias: “Raios cortam a escuridão da noite. Esgueiram-se por entre nuvens escuras como se fossem ancestrais e mitológicas serpentes de fogo.” (EVARISTO, 2010). Neste terceiro conto analisado, também presenciamos o recurso da memória. É por ela que mais uma vez o narrador autodiegético evaristiano inicia a narrativa. A princípio, o personagem encontra-se quase sem memória, sendo através de questionamentos banais que ele se dá conta de como chegou ali, mas não sem antes perceber a presença das criaturas que o rondam.

Nestas primeiras cenas apresentadas pelo conto, notamos que a implementação de divagações e incertezas do personagem transmitem para o texto a sensação de abandono e desespero, tão inerente à hesitação do fantástico. Mas tal hesitação, que a princípio nos é fornecida pelas sensações que o texto transmite não se confirma no que diz respeito aos fatos narrados, pois desde o princípio a dúvida quanto ao elemento sobrenatural é sanada.

Em meio a essas indagações, o narrador, que mais adiante sabemos que se chama Bernard, lembra-se dos boatos sobre a maldição que sua família carregava: “Malditos interioranos, que se punham a espalhar que meus parentes de gerações passadas andavam a atacar pessoas nas noites enluaradas metamorfoseados em abominações selvagens indescritíveis. Ao inferno esta turba de detratores! Gritara eu, mesmo sabendo da terrível verdade!” (EVARISTO, 2010). Revemos aqui uma das antigas lendas em que uma família inteira era amaldiçoada e transformada em lobisomens, o que nos remete à família Hugues, explorada nas obras Sutherland Menzies pseudônimo usado por Elizabeth Stone por volta de 1838; e também a obra de Erckmann-Chatrian, em 1859. É a partir dessas observações quanto à maldição lançada por sua família que o autor introduz os signos que envolvem a mitologia do lobisomem, em especial neste conto, sobre a transformação da criatura.

A história se situa na festa de aniversário de trinta e três anos do sétimo filho da família. É notável que aqui o número trinta e três se insere por ser uma idade significativa nos meandros populares, pois foi com 33 anos que Jesus Cristo foi crucificado, o que nos leva a pensar que é nesta idade que o ser pode ressurgir. No caso de Virgílio é quando começam os sinais dessa transformação, ou ressurreição.

Temos ainda o sétimo lugar como filho na família, que se vê preso por essas superstições cabalísticas. Dentro do mito do lobisomem, o número sete aparece como



salvador do fado do homem lobo, pois somente ao cruzar sete montes, sete fontes e sete cemitérios é que a maldição pode ser quebrada. O sete também está intimamente ligado aos períodos lunares que regem a vida de um lobisomem. Podemos ainda retomar as palavras de Herder, que em seu dicionário de símbolos diz que “[...] há muito tempo, o sete é considerado um número sagrado e remonta às quatro diferentes fases da lua, que duram cada uma sete dias. É o número do ciclo completo da abundância e da plenitude (HERDER, 1994, p.183).

Por estes aspectos, podemos concluir que Virgílio se tornaria um lobisomem aos trinta e três anos, por ser este o ano de passagem, de ressurgimento do ser, e somente ele poderia concluir tal travessia mística por ter sido o sétimo filho, aquele cujo lugar na família se encontra como sendo, metaforicamente, e o início e fim de um ciclo, que encontraria a plenitude do ser, aos trinta e três anos.

Retornando à narrativa, Bernard, nosso narrador autodiegético, expõe não ser ignorante no que rege os assuntos lendários, citando em determinado momento suas leituras referentes aos lobos e cuja primeira pergunta afirma o argumento exposto no parágrafo anterior, relativo à idade de Virgílio, e ao fato dele ser o sétimo filho:

Por que fui tão desrespeitoso ante o fato de que se aproximava a hora do amaldiçoado sétimo? Por que não levei em conta seu estranho comportamento durante os últimos dias? Logo eu que, quando jovem, fui tão adepto quanto ele o era agora de crenças em coisas estranhas e de leituras de materiais proibidos pela sociedade. Logo eu que lia Ovídio com a atenção redobrada aos detalhes mais mórbidos e folheava, hipnotizado, os estudos bizarros do padre Baring-Gould! (EVARISTO, 2010, p.217)

Durante a festa de seu trigésimo terceiro aniversário, Virgílio desaparece retornando somente na manhã seguinte, pois havia passado a noite no celeiro da fazenda vizinha, por achar que aquele era o lugar mais seguro para passar aquela noite. Virgílio, ao contrário do narrador, acreditava que por sua posição de sétimo filho poderia carregar a maldição do lobisomem.

A partir de então, começa a ser relatado por Bernard os estágios da lenta transformação do irmão em lobisomem, nesse período que antecede a festa de aniversário, e que poderíamos chamar de preparação. No café da manhã, após a noite que passou fora, Virgílio demonstra uma fome voraz, dando sinais de que havia feito algo, como podemos constatar no seguinte trecho:

Estava faminto e abatido, e ao sentar-se à mesa do café consumiu tudo o que encontrou com uma voracidade jamais vista em sua pessoa. Na hora, creio que ninguém mais percebeu, vi as manchas em suas mãos; manchas vermelhas que ele tentara apagar com água, mas que eram fortes demais para desaparecerem facilmente. Depois, mais tarde, correu o boato de que nossos vizinhos haviam

chamado a polícia por causa de alguns novilhos mortos que encontraram em seus pastos. (EVARISTO, 2010, p.218).

Na noite seguinte, Virgílio insiste em dormir no quarto do irmão, contando até tarde sobre suas leituras. Naquela noite, o narrador percebeu a mudança na aparência do irmão, que estava extremamente magro, dando a impressão de que os ossos iriam perfurar a pele. Percebemos aqui mais um estágio da transformação: a aparência de velho.

Quando o relógio bateu três da manhã, como que hipnotizado, Virgílio saiu do quarto, indo em direção aos animais. Seu irmão o seguiu em silêncio e viu Virgílio correr nu com os porcos, como numa brincadeira, até que parou para cheirar o vento e foi visto pelo irmão que o observava do alto de uma árvore. Notamos aqui, quando o personagem corre em pelo junto aos porcos, um possível sinal de loucura, ferindo também os preceitos morais da sociedade.

Virgílio, então, sobe com incrível velocidade na árvore em que está Bernard e diz: “A noite está tão fria, meu irmão [...] Não temes contrair algo de ruim expondo-se assim à noite? Que fazes aqui? Me espiona?” (EVARISTO, 2010). Bernard nada responde, sente o cheiro de carne crua vindo da boca do irmão e aceita que as superstições eram reais.

Não somente Bernard sabia o que estava acontecendo com o irmão, mas todos os convidados que se hospedavam na fazenda desconfiavam do que se passava com Virgílio, e assim como em “Algo Selvagem”, neste conto todos também compartilham um segredo que nunca é discutido.

Ao amanhecer é que o narrador volta para a casa e descobre que o fazendeiro vizinho havia sido estraçalhado por alguma criatura. É quando os convidados para o aniversário começam a ir embora da casa, até mesmo os irmãos de Virgílio retornam à cidade. Pouco a pouco, o narrador percebe as mudanças em Virgílio, sua audição cada vez mais aguçada, seus sumiços durante à noite e mesmo de dia. Até que o irmão mais velho, Gilliam, acusa Virgílio de estar se transformando, e convida o narrador a ir embora com ele e os últimos convidados. Desesperado, Bernard, o narrador, tenta ajudar o irmão recorrendo à mãe que se encontrava em choque, querendo prender Virgílio para que os habitantes da cidade não o caçassem naquela decisiva noite de lua cheia, mas a mãe acusa o narrador de querer matar Virgílio.

É quando Bernard retoma as leituras sobre lobisomens, neste trecho o autor cita o livro “*Lunis Daemonium*” do ocultista medieval chamado Moranus Malgred, que é outro personagem que permeia diversos contos de Henry Evaristo, e que fazia parte do projeto do autor citado na introdução deste trabalho. No trecho em que Bernard procura as respostas nos livros, o que ele encontra o sermão do doutor Johann Geiler Von Keysersperg, encontrado no Livro dos Lobisomens (GOULD, 2010) já citado neste trabalho e também pelo autor.

Na visão de Keyesersperg, os lobisomens seriam apenas lobos com apetite por carne humana, mesmo que aluda à superstição da metamorfose do homem em seu sermão sobre caçadores nas florestas. (GOULD, 2010) São sete razões pelas quais um lobisomem captura homens e crianças: fome, selvageria, velhice, experiência, loucura, o diabo e deus. Nesta perspectiva, as razões se explicam voltadas para o lobo animal. A fome acontece, pois os lobos não encontram comida nas florestas e procuram as vilas. A selvageria em comer crianças é inata, pelo simples fato de serem animais selvagens. A velhice é citada, pois quando o lobo está velho se encontra mais fraco e não consegue pegar animais na floresta, enquanto homens e crianças são presas fáceis. A experiência aparece, pois “[...] a carne humana é muito mais doce que qualquer outra carne; então uma vez que um lobo a tenha provado, ele deseja prová-la novamente.” (GOULD, 2010). A loucura, segundo Keyesersperg é porque um lobo nada mais é do que um cão selvagem que está louco e descontrolado (GOULD, 2010). Com relação ao diabo ser uma das causas é que “[...] o ataque é cometido em nome do Diabo, que se transforma e toma para si a forma de um lobo” (GOULD, 2010). Deus é citado como a sétima causa, segundo Keyesersperg, pois algumas vezes o desejo de deus é punir determinadas vilas com lobos. A visão do doutor, retirada do livro de Baring-Gould, dá margem, também, para a interpretação das sete razões que um lobisomem teria para atacar vilas.

É possível também considerar que estes sete motivos seriam as sete faces da transformação em lobisomem, que Virgílio foi mostrando aos poucos, e que acentuamos. Na primeira manhã ele teve a fome, depois ao correr com os porcos, a selvageria e loucura, sua aparência remetia a de um velho, faltando somente a experiência e os dois últimos itens, o diabo e deus, estes dois últimos são personificados por Virgílio no fim do conto. Bernard tentou se convencer do irreal, quando o irmão aparece em sua janela, discursando sobre a maldição da família:

Desta feita, avistei um vulto postado em pé do lado de fora. Era de grande estatura e tinha a cabeça e o tronco encurvados e ofegantes. De repente vi uma mão enorme recostar-se à vidraça. Sua palma amarelada sangrava perfurada por pequenas pedras e pedaços de madeira do solo da fazenda. Era a mão de quem andara de cabeça para baixo ou de quatro. Ao tocar a superfície fechada deixou-lhe uma imensa mancha de sangue e suor. No mesmo instante não tive dúvidas de que se tratasse de Virgílio e levantei-me da cama com cuidado para aproximar-me da fenda escura que era minha janela. Abri a peça cautelosamente e perscrutei as trevas no quintal. Aos poucos a minha visão se acostumou à falta de luz e pude divisar uma sombra parada sob as árvores logo em frente ao meu quarto. Ofegava e rosnavava aquela sombra, e vez em quando, passava as mãos no caule de uma das árvores arrancando-lhe pedaços da casca. Era mesmo Virgílio, mas suas roupas estavam abertas, pois seu abdômen crescera a ponto de escapar para o lado de fora arrebatando os botões da camisa e o zíper da calça. Também seus sapatos se haviam rompido devido ao inchaço de seus pés. (EVARISTO, 2010, p.230).

Neste trecho, encontramos a completa transformação do personagem em lobisomem. Virgílio avisa o irmão que ele se tornara algo como um deus lupino, que governaria o povoado, e que ele, Bernard, deveria ir embora para seu próprio bem, o que de fato ele tenta fazer. Nos deparamos, então, com um monstro que passa a atacar todas as fazendas ao redor. No entanto, este monstro estava premeditado no conto, todos sabiam de sua existência e que em breve apareceria. A festa de aniversário de trinta e três anos de Virgílio trata, na verdade, da ameaça contínua que o monstro dentro dele exercia em todos. Ele era o único dos irmãos que começa a transgredir a moralidade ao se entregar aos prazeres animais, como o de rolar na lama com os porcos e de devorar carne crua. O que Virgílio faz de fato é mostrar para todos que viviam naquelas fazendas que havia algo mais do que a contenção que lhe era imposta. Tal embate nos remete à citação em que Julio França destaca os pensamentos de Cohen:

Cohen compartilha com Carroll e Douglas o pensamento de que a grande ameaça do monstro é cognitiva. Monstros seriam arautos de uma crise de categorias. Por suas constituições híbridas, não se encaixam em taxonomias e resistem às tentativas de incluí-los em qualquer estruturação sistemática. Citando Marjorie Garber, Cohen defende que: Por sua limiaridade ontológica, o monstro aparece, de forma notável, em épocas de crise, como uma espécie de terceiro termo que problematiza o choque entre extremos – como “aquilo que questiona o pensamento binário e introduz uma crise” (FRANÇA, 2012, p. 48).

Tal citação ressalta muito bem a figura do lobisomem que não se encaixa dentro de nenhuma estrutura, que se encontra exilada. A crise que Virgílio introduz como o monstro é dentro de sua própria família, separando os membros, mas unindo-os pelo medo.

Quando o narrador Bernard decide ir embora da fazenda seu carro começa a dar problemas, e ele é obrigado a parar, é quando a narrativa retorna ao início, mas agora descobrimos que Bernard foi mordido pelo irmão, que juntamente com os ancestrais que também tiveram o mesmo fado que Virgílio rondam seu irmão, que já não se vê mais como humano. O conto é finalizado com a espera de Bernard pela mudança mítica de seu corpo, dividido entre suas memórias humanas e a sede de sangue que somente um lobisomem possui.

No conto “Virgílio”, podemos perceber a dualidade que existe entre o ser lobisomem e o ser humano. No entanto, é preciso esclarecer a metáfora deste mito dizendo que antes de ser humano é necessário que o personagem seja lobisomem, isso porque tal criatura retrata os medos e instintos humanos. O lobisomem, assim como outras criaturas fantásticas que aparecem na literatura, nos faz perceber o mundo com olhos mais naturais, pois não estão

maquiados com os falsos valores que por vezes se encontram na sociedade regente. Sobre isso Cohen diz o seguinte:

Esses monstros nos perguntam como percebemos o mundo e nos interpelam sobre como temos representado mal aquilo que tentamos situar. Eles nos pedem para reavaliarmos nossos pressupostos culturais sobre raça, gênero, sexualidade e nossa percepção da diferença, nossa tolerância relativamente à sua expressão. Eles nos perguntam por que os criamos. (COHEN, 2000, p. 55).

Poderíamos ainda acrescentar os dizeres de Bakhtin sobre o conceito exotópico. Segundo o filósofo russo, o conceito de exotopia se aplica ao olhar que o indivíduo tem de si mesmo através do olhar do outro, ou seja, ele olha para si com os olhos do outro. Ao sair de seu lugar e ir até o lugar do outro para olhar a si mesmo, retornando para seu lugar com as impressões que o outro tem de si mesmo, ocorre a exotopia. Isso porque nenhum ser é acabado, e o lobisomem que vive em constante mudança também jamais irá ser terminado, sendo que a exotopia nesta criatura ocorre quando ele se transforma, pois o homem perde sua visão, que é tomada pela fera, e ao tomar a visão do homem ela acumula visões dos dois seres, das duas consciências que ocupam o mesmo corpo.

O conto de Evaristo, no entanto, designa o medo moderno, aquele que detém muito mais o aspecto psicológico, e no caso do lobisomem, temos muito mais a figura do homem moderno sempre representada do que qualquer outro mito. Isso por que este homem deve combater dentro de si mesmo diversos aspectos que fazem com que ele se exile da sociedade dentro de si, e que perca pouco a pouco a consciência de seus atos. O homem vai sendo sufocado pela sociedade, até que em determinado momento ele tem que escolher entre ser homem ou animal, o lobo.

O lobisomem estará sempre exilado, socialmente e psicologicamente, de modo que ele sempre estará num limbo, assim como Virgílio também passou a estar.

### **3.4 A longa Espera de Leonard**

O conto “A Longa Espera de Leonard” foi escrito por Henry Evaristo entre os anos de 1996 e 1997, mas somente foi publicado em seu blog A Câmara dos Tormentos em dezembro de 2009 após diversas modificações do texto original<sup>6</sup>. O conto não está inserido no livro *Um*

---

<sup>6</sup> Informação retirada de um comentário que o autor fez no *post* do próprio conto no blog Câmara dos Tormentos.

*Salto na Escuridão* (2010), portanto, é o único conto trabalhado que não se encontra impresso. Este conto diferencia-se dos demais analisados por ter um narrador heterodiegético que narra a história do angustiado Leonard Bexter, que vive sozinho em sua fazenda com seus cães de caça. Após se tornar viúvo o personagem se isola, consumido por uma aparente depressão. No segundo parágrafo do conto, a descrição de Leonard mostra um homem devorado pela ansiedade e transtornos obsessivos:

Naquela noite ele havia checado as fechaduras quatro vezes por que, desde cedo, estava vítima de uma estranha inquietação. Sem nenhuma explicação ou motivo aparente seu coração estava agitado, descompassado, causando uma sensação de ansiedade sufocante. Após as nove da noite a tensão se tornara tão forte que chegara a fazer, com os dentes, feridas dolorosas nas pontas dos dedos da mão esquerda. (EVARISTO, 2009)

Tais características retratam uma mente já perturbada, aliás, a trajetória deste personagem se mostra conturbada e solitária, o que nos levará a duvidar a todo momento de sua sanidade. É justamente na noite em que se vê inquieto que Leonard é surpreendido pelo vulto de um cão na janela; logo em seguida ele perde a consciência. No momento em que este vulto aparece para o personagem podemos citar novamente a questão da feitura da atmosfera de terror. A citação do conto foi analisada previamente no primeiro capítulo deste trabalho, no trecho podemos acentuar elementos que remetem ao leitor sensações que o instigam, iniciando a hesitação e a incerteza em que o conto irá se aprofundar, como é possível verificar:

De olhos arregalados e com uma falta de ar crescente viu confirmar-se a existência de um vulto que se mexia lentamente do lado de fora. Ouvia o estalar da madeira do chão da varanda sob um peso que devia ser descomunal e notou que a porta estava tremulando tenuemente como se experimentada por algo que não queria ser percebido. Subitamente, para cúmulo de seu horror, o som forte de uma rachadura nova se abrindo no piso, chegando a seus ouvidos, trouxe com ela um ruído surdo, gutural e feroz; Um rosnar bestial que pareceu brotar da garganta de um demônio e espalhar-se por toda a casa, como um lamento de intensa dor que o fez perder os sentidos. (A Longa Espera de Leonard)

Pouco a pouco nos são mostrados fragmentos do que poderia ter acontecido com Leonard, sendo que ele mesmo, a princípio, nada sabia sobre o que o viu ou viveu naquela noite, apenas que o medo pungente o infiltrara e quando ele retomara a consciência viu a grande janela da sala quebrada. Ainda sem coragem, ele se retrai para dentro da casa. Somente ao amanhecer, munido com sua espingarda, Leonard toma coragem e vai em busca de respostas. Ele começa procurando seus cães e ao seguir a trilha, encontra os mastiffs estraçalhados a caminho do celeiro.

Assim que adentra o lugar Leonard se depara com seus medos, e relembra que já ouvira falar pelos bares da cidade sobre aquilo que estava em sua frente:

Ergueu rapidamente a cabeça para a entrada do prédio e viu a sombra larga vir surgindo da escuridão, como alguma locomotiva enlouquecida e desgovernada, até parar de repente na divisa da porta destruída. De lá, perscrutou-o com dois olhos amarelos que faiscavam em sua direção.[...] Leonard Baxter disparou uma vez para o alto e prendeu a respiração quando o pesadelo demoníaco saltou da escuridão com as garras ensangüentadas estendidas para despedaçá-lo. Agora, ao invés de horror, tinha pressa. (EVARISTO, 2009)

Nada mais se sabe sobre o que aconteceu com Leonard, pois agora vemos o conto na perspectiva do doutor Karl Heller, um antropólogo alemão que viaja até a pequena cidade do interior dos Estados Unidos para fazer sua pesquisa sobre animais que sofrem metamorfose. O doutor então se depara com o paciente 176, ou seja, com Leonard, que está internado numa instituição psiquiátrica há 18 anos. Deparamo-nos com um recorte temporal de quase duas décadas e que nada se sabe sobre o que aconteceu neste entre tempo. Nesta instância nos vemos diante de uma das características apresentadas em torno da figura do lobisomem. Sobre a questão do isolamento presenciamos, no conto, o exílio sofrido por Leonard por estar preso numa cela de hospital e impedido de ter convívio social, o que agrava ainda mais as condições mentais do ser humano.

O paciente nada dizia sobre seu passado, apenas balbuciava pequenas interjeições. O doutor Heller queria confirmar os boatos que ouvira na cidade sobre o que o paciente presenciara, no entanto, tudo o que conseguia era um pouco de agitação quando perguntado sobre a caixa de metal que trazia debaixo dos braços.

Ao tentar falar com o paciente, tudo o que o pesquisador conseguiu “fora que o ‘louco’ levantasse de repente a camisa do pijama deixando à mostra seu tórax muito branco onde cinco cicatrizes retilíneas se destacavam róseas sob uma camada grossa de pelos negros” (EVARISTO, 2009). Presenciamos aqui o primeiro indício de que algo mais havia acontecido com Leonard, e sabemos agora que ele fora arranhado pela criatura, tão claramente um lobisomem.

Retomamos a questão da alteridade, já que é possível percebê-la neste conto no momento em que o doutor encontra-se com Leonard no hospício. Bakhtin (2003) explica que a Alteridade, que altera, faz com que eu me torne responsável pelo outro, tenho a metade dessa pessoa, quando exílio alguém, estou exilando uma parte de mim, que não só é representada pelo outro, mas que só existe através da existência do outro. Quando se exila, não há relações de alteridade, onde eu saio do meu lugar para me por no lugar do outro, compreendê-lo, e voltar ao meu lugar, pois tal ato é banido. De certo modo, o fato de não se

ter acesso ao olhar, ao discurso do outro que está exilado é o que faz com que este se torne estranho e temível. O que ocorre com Leonard, é que ele não possui o contato com o mundo exterior, somente no momento em que o doutor aparece, que então a relação de entre os dois acontece. Exilar é justamente tentar mudar aquele indivíduo diferente, e por isso mesmo exilá-lo no limbo, pelo simples fato de que nossos olhos não conseguem se adaptar ao seu jeito ou imagem. Isso ocorre com o lobisomem do conto, que é internado num hospício, pois assim é mais fácil de lidar com ele. Transpondo isso para o mundo real, colocar ou rotular alguém, é muito mais fácil, desse modo haverá uma instrução a ser seguida, do que simplesmente aceitá-lo com suas dificuldades, como é o caso daqueles que possuem algum transtorno psicológico.

O exilado causa medo, pois é um estranho, e tudo aquilo que não nos é conhecido causa o receio do desconhecido, e por instinto preferimos exilá-lo a ter que conviver ou nos arriscar a conhecer. Nas lendas de lobisomens que temos ao longo da história, aqueles que eram denominados monstros, ou os que eram acusados de licantria, em sua grande maioria eram os exilados da sociedade, os ermitãos por exemplo.

Algum tempo depois o antropólogo recebe um bilhete do paciente que havia visitado junto com uma grande caixa de fósforos. O bilhete mandava o doutor ir embora, mas dizia que o que havia na caixa o ajudaria em sua pesquisa, uma presa o tamanho de um polegar, duas garras e pelos grossos e escuros, como os do peito de Leonard.

Karl volta para a Alemanha para defender seu doutorado e anos depois recebe uma notificação de que o paciente 176 havia morrido de ataque cardíaco e que pedira para enviar a caixa, que levava consigo o tempo todo, para o doutor Heller. Dentro da caixa, Karl encontra diversos artigos de jornais sobre o incidente na fazenda Bexter e uma carta de Leonard explicando o ocorrido e indicando o lugar na fazenda onde os restos do animal estariam.

O doutor vai até a fazenda, onde agora existe uma granja, e cava no local indicado na carta, mas encontra ali apenas os restos dos mastiffs. Entretanto, uma atmosfera macabra inunda o lugar, que ficava junto à uma floresta, e mais uma vez presente nas narrativas de Henry Evaristo, essa floresta é significativa neste trecho do conto, pois a certeza que o personagem tem é a de que, de fato, havia algo sobrenatural vindo “da orla da mata inundada pelo negrume da noite” o que faz com que o doutor, e todo seu conhecimento licantropo saia do lugar com uma frase em mente ‘ se não matar direito eles voltam’.

O desfecho do conto surge quando descobrimos que Leonard não havia morrido, como é possível verificar na última parte do conto:



O velho sentou numa pedra próximo e entrada de uma enorme caverna. Estava completamente nu, mas o frio intenso da manhã não o incomodava em absoluto. Todo o seu corpo era agora percorrido por um vigor que jamais sentira antes; Nem mesmo a duas ou três semanas atrás, quando precisara esforçar-se para cavar o caminho para fora da sepultura onde o haviam enterrado no cemitério municipal, e, mais tarde, para reabrir e fechar a cova rasa onde depositara a carcaça de um velho inimigo. A imensa ossada jazia agora, no fundo escuro da fenda gigantesca que adotara como lar, tal qual uma relíquia de um tempo cuja memória ia se apagando gradativamente com o passar dos dias. Cada vez mais eram os instintos primordiais que comandavam os movimentos e ações de seu corpo; Necessidades básicas comuns a todos os animais: comer e subsistir. Tinha um vago entendimento de que quando a escuridão chegava podia viver melhor. Assim, durante o dia permanecia inerte, recostado aos caules das grandes árvores ou deitado à sombra de alguma rocha coberta de limo nas profundezas da floresta úmida. Como que para cumprir seu destino, agora apenas esperava e esperava pelo cair da noite.(EVARISTO, 2009)

Leonard havia se tornado um lobisomem, mas somente após ter sido considerado morto na instituição psiquiátrica em que estivera. Desse modo, podemos reafirmar o que já fora discutido durante a análise do conto “Virgílio”, que o ato de se transfigurar em lobisomem, representa a transcendência do homem, é preciso primeiro morrer num corpo para ter direito aos poderes sobrenaturais que um lobisomem possui.

Conseguimos também visualizar a vingança consumida após o renascimento de Leonard, onde nos é revelado que a criatura que o atacara continuava viva, Leonard matou para assumir o seu lugar na floresta, não podendo existir dois seres naquele mesmo lugar, reafirmando que uma das bases deste conto é o exílio. Vimos que em “Virgílio”, o personagem torna-se lobisomem com a glória de uma matilha, enquanto que Leonard destrói seu único semelhante, e se resigna a viver encostado numa pedra esperando a noite para se libertar.

Também percebemos neste conto alguns elementos que compõem as questões do exílio, e que tratando da figura do lobisomem apresenta as perspectivas de um ser exilado, da sociedade e dentro de si mesmo. Conseguimos correlacionar as diferentes formas de exílio pertinentes ao conto. Um dos primeiros aspectos que nos cerca é a questão de ser um monstro, sobre este assunto França discute:

[...] é comum, em narrativas de horror, que monstros sejam descritos com pronomes como “isso”, ou, ainda, sejam apresentados como indescritíveis ou inconcebíveis, sugerindo que não se enquadram em nenhuma das categorias cognitivas disponíveis. (FRANÇA, 2012, p.189)

O ser monstro, a criatura lobisomem, não se adéqua a sociedade vigente, além de estar associado as inquietações do homem, e seus próprios medos. Se não houvesse o medo, não haveria a representação corpórea deste, de modo que as criaturas que se manifestam na

literatura e causam medo estão representadas com características que atordoam o leitor e causam a repulsa neste. Assim, o lobisomem só é passível de medo se de fato representar algo que perturbe o leitor. No caso deste conto podemos afirmar que a criatura do lobisomem representa o medo da loucura que o homem sente, pois foi a partir do encontro com a besta que o personagem se viu insano, e mais ainda, isolado. As consequências de um encontro com o lobisomem são fatores de mais medo no homem.

No conto “A Longa Espera de Leonard” o exílio do personagem não pode ser visto como um fim, mas, o começo para uma reflexão, como algo subjetivo, pois estar exilado, sobretudo, é afastar-se dos outros, daquilo que fazia parte de si, e passar a conviver consigo mesmo, além de ter que adquirir novas perspectivas. No caso de Leonard a perspectiva de um lobisomem, o que podemos interpretar por ser uma visão mais completa de si mesmo, pois ele se entrega à sua essência bestial como homem, se sentindo livre e completo no fim. Para adquirir perspectivas, o indivíduo passa por tensões.

Temos a tensão mínima, onde o herói se encaixa na sociedade e a tensão crítica, que é quando o herói tem que lutar contra seu lugar e por vezes é obrigado a se exilar (BOSI, 2006). É essa tensão que ocorre com o lobisomem, o ser que não se adapta, não tem um habitat e é obrigado a vagar, ou como no caso do conto, a se exilar totalmente da sociedade, transformando seu exílio geográfico num exílio psicológico, pois ele vai para um hospital psiquiátrico.

Outro questionamento que o texto nos causa, encaixa-se nas questões da pós-modernidade, onde o gênero terror teve que se adaptar, assim como a lenda do lobisomem, às exigências do pós-modernismo. Roas discute as semelhanças entre a literatura fantástica e a da pós-modernidade, revelando que ambas refutam a idéia de que o mundo é estável e deve ser representado literariamente como tal, enquanto a pós-modernidade se opõe por meio da autorreferencialidade, que é quando a obra faz uma análise sobre o próprio enunciado a que se refere, negando o simulacro (ROAS, 2014), enquanto o fantástico:

“[...] revela a complexidade do real e nossa incapacidade para compreendê-lo e para explicá-lo, e faz isso por meio da transgressão da idéia (convencional e arbitrária), que o leitor faz da realidade, o que implica numa contínua reflexão sobre as concepções que desenvolvemos para explicar e representar o mundo e o eu. (ROAS, 2014, p.104)

O conto de Evaristo designa o medo moderno, aquele que detém muito mais o aspecto psicológico, e no caso do lobisomem, temos muito mais a figura do homem moderno representada do que qualquer outro mito. Isso por que este homem deve combater dentro de si

diversos aspectos que fazem com que ele se exile da sociedade dentro de si, e que perca pouco a pouco a consciência de seus atos. O homem vai sendo sufocado pela sociedade até que em determinado momento ele tem que escolher entre ser homem ou animal.

O lobisomem estará sempre exilado, socialmente e psicologicamente, de modo que ele sempre estará num limbo. Ele permuta a cada lua cheia, tornando sua identidade complexa e desfeita. Sobre a crise de identidade enfrentada por esta criatura podemos sugerir o seguinte trecho de Hall:

A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2002, p.07).

Desse modo, o lobisomem (também identificado como a metáfora deste homem que vive em constante crise identitária) adentra uma sociedade em que é impossível se ter uma identidade completa e unificada, pois como o próprio Hall diz “à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (HALL, 2002). Portanto a identidade do homem que se transfigura em lobisomem se torna fragmentada, uma vez que seria impossível uma unidade, diante da sociedade moderna que oscila ante de diversas representações culturais e fragmentações da mesma.

*A Longa Espera de Leonard*, o homem já exilado, perpetua o exílio quando se encontra com os próprios instintos compostos na besta que lhe atacara. Percebemos que através desse aspecto o personagem busca o exílio dentro de si e na criatura que o consome, numa tentativa de encontrar sua própria identidade perdida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença de algumas figuras mitológicas na literatura possibilitou um olhar mais profundo em relação ao próprio homem. A partir dos contos de Henry Evaristo, conseguimos identificar aspectos da memória da literatura de terror brasileira, tão obscura quanto as estrangeiras, tanto narrativas quanto sociais. Os contos escolhidos propuseram uma análise mais profunda da criatura do lobisomem, e suas vertentes ideológicas. Ao longo do trabalho nos aprofundamos no surgimento deste mito para que pudéssemos descobrir e explicar pouco a pouco suas relações culturais e quais aspectos estariam sublocados nos textos de Henry Evaristo. É perceptível que a construção do mito do lobisomem angariou aspectos de diversas culturas, criando uma figura complexa que tomou seu lugar na literatura de modo sorrateiro.

Tal criatura apareceu primeiro nos textos romanos, em o *Asno de Ouro* de Apuleio e *As Metamorfoses* de Ovídio. Seu surgimento ocorre como forma de punição e contato direto com forças obscuras. Desde o princípio destes textos, o lobisomem representa as vertentes obscuras do homem, como se de fato fossem ali impregnadas suas memórias instintivas.

Foram essas criaturas infiltradas no folclore brasileiro que encantaram o autor acreano Henry Evaristo. No trabalho do autor pudemos identificar diversos aspectos do mito que nos propôs a análise sob a ótica da simbologia explanada por Chevalier, e sob a ótica do excedente de visão de Bakhtin. No conto “A Coisa no Jardim Zoológico”, foi possível analisarmos a questão do medo causado pela fera do inconsciente, representado pela floresta, e como os papéis entre o homem e o animal podem ser trocados. No conto “Algo Selvagem” foi possível encontrar aspectos do que poderia ser um transtorno mental por parte da criatura apresentada no texto, elucidando até um possível abuso sexual infantil. Este conto, o que mais possui aspectos grotescos, representa justamente esse lado do homem. Mais uma vez a presença da floresta está simbolizada no texto como sendo o inconsciente mais profundo do homem, que revela os instintos escondidos e representados pelo lobisomem.

Em “Virgílio”, o autor representa os detalhes de uma transformação, sob a perspectiva de um dos seis irmãos do rapaz que irá se tornar lobisomem. Nesta instância, nos são apresentadas as referências culturais sobre se tornar um lobisomem, como ser o sétimo filho da família. A análise nos permitiu notar que o se tornar lobisomem pode ser considerado uma ressurreição do corpo e da mente do homem, como se para evoluir ele devesse retornar aos seus instintos.

Mas no conto “A Longa Espera de Leonard” é através do exílio que o personagem lobisomem encontra sua sublimação. Ele retrata os diferentes aspectos do exílio sofridos pelo

personagem. É neste conto também que nos aprofundamos nas teorias sobre a alteridade de Bakhtin, e poderíamos exemplificar tal idéia com a ajuda da seguinte citação:

Para Bakhtin, é na relação com a alteridade que os indivíduos se constituem. O ser se reflete no outro, refrata-se. A partir do momento em que o indivíduo se constitui, ele também se altera, constantemente. E esse processo não surge de sua própria consciência, é algo que se consolida socialmente, através das interações, das palavras, dos signos. Constituímo-nos e nos transformamos sempre através do outro. É isso também que move a língua “Toda refração ideológica do ser em processo de formação, seja qual for a natureza de seu material significante, é acompanhada de uma refração ideológica verbal, como fenômeno obrigatoriamente concomitante.” Nos atos de interpretação e compreensão, a palavra alheia se faz sempre presente. Na filosofia de Bakhtin, a noção de alteridade se relaciona com pluralidade, heteroglossia, polissemia, muitas vozes, ideologia. Em “Estética da Criação Verbal”, Bakhtin afirma que “é impossível alguém defender sua posição sem correlacioná-la a outras posições”, o que nos faz refletir sobre o processo de construção da identidade do sujeito, cujos pensamentos, opiniões, visões de mundo, consciência etc. se constituem e se elaboram a partir de relações dialógicas e valorativas com outros sujeitos, opiniões e dizeres. A alteridade é fundamento da identidade. (GEGe. Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. Palavras e contrapalavras: Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin, 2009, p.13-14.)

Aplicando este pensamento na figura mitológica do lobisomem, e no modo como esta criatura representa o homem moderno, poderíamos dizer que o lobisomem, como criatura fantástica, se constitui através dos olhares dos outros. No entanto o iminente exílio sob qual ele se impõe não permite essa completa refração de olhares, restando somente o olhar que ele detém sobre si mesmo. Assim, o homem olha para a criatura em que se transforma e volta o olhar para si mesmo como angariando a perspectiva daquela criatura. Temos assim, diferentes olhares sobre um mesmo corpo que podem ser traduzidos como diferentes vozes repercutidas numa só. O lobisomem é uma criatura de identidade complexa, e muito mais inacabada do que o próprio homem, já que seu corpo está em constante mudança o que acaba por transformar também suas percepções.

Tais reflexões só nos foram possível depois de analisarmos o modo como a internet permitiu a expansão dos olhares sobre as literaturas do medo, em especial a literatura brasileira, que tomou novo fôlego, ressurgindo no fim da segunda metade do século XX, apoiada por movimentos culturais que representava a cultura obscura, incluindo a música e o cinema. Uma das questões abordadas e solucionadas pela pesquisa foi o motivo pelo qual tal literatura, que se expandiu a seu modo na América Latina, se resguardou no Brasil. Percebemos que o grande motivo foi justamente a elitização do movimento modernista e sua constante busca por uma literatura autenticamente brasileira. Como a literatura fantástica, obscura, era vista como um fator estrangeiro, deu-se extrema importância para temas reais e nacionalistas, deixando de lado aspectos literários que questionariam o homem de forma

metafórica, como a literatura fantástica, especialmente como o nicho do terror o fazia.

Negando estes aspectos apresentados durante o início do século, os novos autores que tiveram espaço aberto, graças à expansão da internet se propuseram a criar uma literatura fantástica brasileira, incluindo Henry Evaristo, mas sem de fato autenticá-la como brasileira, ou seja, o grupo de autores que apareceu na mesma época de Henry Evaristo não se obrigava a criar uma literatura que tivesse somente aspectos brasileiros, mas que por sua essência o fosse, assim como o próprio Evaristo o fez nos contos apresentados. A maioria dos contos se passa no hemisfério norte, possivelmente pela ambientação mais macabra, mas carregam aspectos do folclore brasileiro, como o próprio lobisomem.

A pesquisa proporcionou o conhecimento de um novo e autêntico escritor brasileiro, Henry Evaristo, que não teve tempo de se aprofundar em seu trabalho, deixando apenas vestígios para que pudéssemos desvendar suas memórias obscuras através de seus contos.

## BIBLIOGRAFIA GERAL

ADORNO, Theodor W. **Teoria da Cultura de Massa**. 4.Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

ARMSTRONG, Karen. **Breve historia do mito**. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

APULEO, Lúcio. **O Asno de Ouro**. Trad. Ruth Guimarães. São Paulo: Cultrix, 1963.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Editora Papyrus. 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4.ed. Trad. Paulo Bezerra.Martins Fontes: São Paulo, 2003.

\_\_\_\_\_.**Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 11.ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo. Editora Hucitec, 2004.

\_\_\_\_\_.**Questões de Literatura e de Estética: a Teoria do Romance**. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1989.

\_\_\_\_\_. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1987. São Paulo: Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_.**Problemas na Poética de Dostoiévski**. 5.ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BARING-GOULD, Sabine. **O Livro dos Lobisomens**. São Paulo: Editora Aleph. 2008

BERNARD, Jean-Louis. Dictionnaire de l'insolite et Du fantastique.1971

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

BESSIÈRE, Irène. **Le récit fantastique: La poétique de l'incertain**. Paris: Larousse, 1974.

BONNET, Alain. **La Bête du Gévaudan, Chronologie et documentation raisonnées**. p. 14-16

BOSI, Alfredo. **Situação e Formas do Conto Brasileiro Contemporâneo. In: O Conto Brasileiro Contemporâneo**. São Paulo: Cultrix. 1977.

\_\_\_\_\_. **História concisa da literatura brasileira**. 43.ed. São Paulo: Cultrix, 2006, p.390-395.

BULLETIN, vol.4-5 **Société d'agriculture, sciences et arts de Poligny. 1863** acessado em 26/10/2014

<[https://books.google.com.br/books?id=fqQDAAAAMAAJ&printsec=frontcover&dq=inauth or:%22Soci%C3%A9t%C3%A9+d%27agriculture,+sciences+et+arts+de+Poligny%22&hl=pt](https://books.google.com.br/books?id=fqQDAAAAMAAJ&printsec=frontcover&dq=inauth+or:%22Soci%C3%A9t%C3%A9+d%27agriculture,+sciences+et+arts+de+Poligny%22&hl=pt)

-

BR&sa=X&ved=0CCIQ6AEwAWoVChMIo\_vR59fgyAIVAXEmCh2n8w4q#v=onepage&q&f=false>

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Atena, 1996.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. 4.ed.rev. e ampliada. São Paulo: Editora Ática. Série Princípios 58. 2006.

CARVALHO, José Cândido de. **O Coronel e o Lobisomem**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos Mitos Brasileiros**. 2ªed. Rio de Janeiro: José Olympio. 1976

\_\_\_\_\_. **Antologia do Folclore Brasileiro**. 4ªed. São Paulo: Martins. 1971.

CHEVALIER, Jean. **Dictionnaire des Symboles**. Paris: Robert Laffont, 1997

CHIAMPI, I. **O realismo maravilhoso**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2012.

DRACCON, Raphael. **Coleção Dragões de Éter: Caçadores de Bruxas**. São Paulo: Leya. 2010.

DURAND, Gilbert. **Les structures anthropologiques de l'imaginaire**, Paris, 1963.

\_\_\_\_\_. **As Estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. Trad. Helder Godinho. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **O Imaginário ensaios acerca as ciências e da filosofia da imagem**. Trad. Renée Eve Levié. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998

\_\_\_\_\_. **Figures Mythiques et Visages de l'Oeuvres de la Mythocritique a la Mythanalyse**. Paris: Dunod, 1992.

DURÃO, Fábio; ZUIN, Antonio; VAZ, Alexandre (orgs.). **A indústria cultural hoje**. São Paulo: Bomtempo, 2008.

EVARISTO, Henry. **Um Salto na Escuridão Contos de Terror e Solidão**. Clube de Autores, 2009.

FIORIN, José Luiz (Orgs). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: Em torno de Bakhtin**. São Paulo:Edusp, 1994. (Coleção Ensaio de Cultura)

FRANÇA, Júlio. **Fontes e sentidos do medo como prazer estético**. In:\_\_\_\_\_, org. Anais do VII painel reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional/ I Encontro nacional insólito como questão na narrativa ficcional. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos estéticos da literatura de horror; a influência de Edmund Burke em H.P. Lovecraft**. In: Caderno Seminal Digital, No. 14., jul/dez. 2010. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2010.



\_\_\_\_\_. **O Horror na ficção literária: reflexão sobre o “horrível” como uma categoria estética.** In: NITRINI, Sandra et. Al. Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC. São Paulo: ABRALIC, 2008.

\_\_\_\_\_. **O discreto charme da monstruosidade: atração e repulsa em ?A causa secreta?, de Machado de Assis.** REDISCO - Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo, v. 1, p. 46-53, 2012.

\_\_\_\_\_. **Monstros reais, monstros insólitos: aspectos da literatura do medo no Brasil.** In: Vertentes teóricas e ficcionais do insólito. 1ed. Rio de Janeiro: Caetés, 2012, v. , p. 187-195.

FREUD, Sigmund. **O Inquietante [Das Unheimliche].** São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 14. p. 329-376.

FURTADO, Filipe. **A construção do fantástico na narrativa.** Lisboa: Horizonte, 1980.

GABRIELLI, M. G. **O lugar o fantástico na literatura brasileira.** Itinerários,

Araraquara, n. 19, p. \_\_\_\_\_, 2002.

GARCIA, Flávio (org.). **O “insólito” na narrativa ficcional: a questão e os conceitos na teoria dos gêneros literários.** In: \_\_\_\_\_. *A banalização do insólito*; questões de gênero literário – mecanismo de construção narrativa. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007.

GEGE. Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. **Palavras e contrapalavras: Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.

GÓMEZ DEL VAL, Fernando. **Manuel Blanco Romasanta. El Hombre Lobo.**

**Licántropo y asesino en serie.** Disponível em: <<http://blgrah.rah.es/2014/08/04/manuel-blanco-romasanta-el-hombre-lobo-licantropo-y-asesino-en-serie/>> acessado em: 07/10/2015

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.

HAYLES, N. Katherine. **Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário.** Tradução Luciana Lhullier e Ricardo Moura Buchweitz. São Paulo: Global/Fundação Universidade de Passo Fundo, 2009.

HARRIS, Marc. **O lobisomem entre índios e brancos: o trabalho da imaginação no Grão-Pará no final do século XVIII.** Revista IEB n° 47. 2008

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo.** Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Editora Imago. 1991.

HUGO, Victor. **Do grotesco e do sublime: Tradução do "Prefácio de Cromwell".** Tradução, prefácio e notas de Célia Berretini. São Paulo: Perspectiva, 1988. (Elos, 5).

IGLESIAS, A.; FERRO, X. **El caso de Blanco Romasanta, “el hombre-lobo gallego” desde la perspectiva psiquiátrico-forense actual.** Disponível em: <[https://dspace.usc.es/bitstream/10347/4054/1/pg\\_325-356\\_penales27.pdf](https://dspace.usc.es/bitstream/10347/4054/1/pg_325-356_penales27.pdf)> acessado em 09/10/2015

IS Magazine [on-line]. **Terror, Ficção Científica e Fantasia**. Ano I, número 2. Maio de 2008. Disponível em: <http://www.contosdeterror.com.br/images/stories/revistas/IS%20n2%20a1.pdf> Acessado em: 07/04/2015

JACCOTTEY, Luc. Brigitte Rochelandet — L'ermitage Saint-Bonnot à Amange. L'habitat de Gilles Garnier brûlé comme loup garou à Dole en 1574. *Archéopages* Avril 2009, n°25. Acesso em 12/10/2015 <[http://www.inrap.fr/userdata/c\\_bloc\\_file/7/7270/7270\\_fichier\\_dossier25-jaccottey.pdf](http://www.inrap.fr/userdata/c_bloc_file/7/7270/7270_fichier_dossier25-jaccottey.pdf)>

KAYSER, Wolfgang. **O grotesco**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1986.

LIMA, Luiz Costa (org.). **Teoria da cultura de massa**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010. \_\_\_\_\_ . **Sociedade e discurso ficcional**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

LIMA, Maria do Rosário de Sousa Tavares. **Lobisomem: Mito ou Realidade**. São Paulo: Escola do Folclore. 1983.

LOVECRAFT, H. P. **O horror sobrenatural na literatura**. Tradução de João Guilherme Linke. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

MARÇAL, Márcia Romero. **A tensão entre o Fantástico e o Maravilhoso**. Disponível em [www.pucsp.br/revistafrenteiraz/números\\_anteriores/n3/.../pdf/tensao.pdf](http://www.pucsp.br/revistafrenteiraz/números_anteriores/n3/.../pdf/tensao.pdf), acessado em 27/08/2015.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Cem Anos de Solidão**. Rio de Janeiro: Record. 2010.

MARTIN, Geroge R.R. **Coleção As Crônicas de Gelo e Fogo: A Dança dos Dragões**. São Paulo: Leya. 2012.

MEDEIROS, Alfer. **Fúria Lupina**. São Paulo: Madio Editorial. 2010.

MEDEIROS, Elita de. **Imaginários em diálogo: a lenda do lobisomem em uma perspectiva bakhtiniana como resgate de narrativas folclóricas**. 2006. 149 f. Monografia. Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, 2006.

MELTON, J. G. **Enciclopédia dos Vampiros**. Edição Compacta - São Paulo: Makron Books, 1995.

MESTICA, Giuseppina Sechi. **Diccionario de Mitología Universal**. Trad. de Marie-Pierre Bouyssou e Marco Virgílio García Quintela. Madrid: Akal, 1993.

MONAGHAN, Patricia. **The Encyclopedia of Celtic Mythology and Folklore**. Infobase Publishing, 2004. p.167

MORICEAU, Jean-Marc. **Histoire du méchant loup, 3 000 attaques sur l'homme en France xve - xxv siècle**. Paris: Fayard, 2007, p. 124.

OVIDIO. **Metamorfoses**. Coleção Biblioteca Clássica. Tradução direta do latim de Domingos Lucas. Nova Veja, 1ª. Edição, 2006.

PENA, Felipe (Org). **Geração Subzero**. Rio de Janeiro: Record. 2012.

PINTO, Maria Louzada Vianna Ribeiro. **Lobisomem: a universalidade do mito**. Martins Livreiro, 1986.

PRAZ, Mario. **A carne, a morte e o diabo na literatura romântica**. Tradução de Philadelpho Menezes. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

QUEIROZ, Maria José de. **Os Males da Ausência ou a Literatura do Exílio**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

RAMOS, Thiago Corrêa. **A literatura brasileira na internet: implicações do digital na narrativa**. 119 p. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura). Recife: UFPE. 2013.

REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. São Paulo: José Olympio, 2003.

RODRIGUES, Selma Calasans. **O Fantástico**. São Paulo: Ática, 1988.

ROSENBERG, Bernard; WHITE, David Manning (Orgs.). **Cultura de massa: as artes populares nos Estados Unidos**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1973.

ROSENFELD, Anatol. **A visão grotesca**. In: \_\_\_\_\_. *Texto / Contexto*. 4. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1985. (Debates, 7). p. 59-73.

RUSSO, Mary. **O grotesco feminino: risco, excesso e modernidade**. Tradução Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SÁ, Marcio Cícero. **Da literatura fantástica: teoria e contos**. 144 p. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada). São Paulo: USP. 2003.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SALIBA, Elias José. **As Utopias Românticas**. 2. ed. São Paulo: Edição Liberdade. 2003.

SPOHR, Eduardo. **A Batalha do Apocalipse: da queda dos anjos ao crepúsculo do mundo**. 5ª Ed. Campinas: Verus. 2010

STAM, Robert. **Bakhtin: Da Teoria Literária à Cultura de Massa**. São Paulo: Editora Ática. 1992.

STEIGER, Brad. **The Werewolf Book**. Visible Ink Press. 2ºed. 1999.

STEINMETZ, Jean-Luc. **La Littérature fantastique**. 4 ed. Paris: PUF, maio de 2003.

SOUZA, Gustavo Marques de. **Licantropia nos percalços da história**. Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 2, n. 1, p. 57-67, abr. 2013.

TEZZA, Cristovão. **Discurso poético e discurso romanescos na teoria de Bakhtin**. In: FARACO *et al.* Uma introdução a Bakhtin. Curitiba: Hatier, 1988.

Thiago Corrêa Ramos. **A Literatura brasileira na internet: implicações do digital na narrativa**.

TODOROV, Tzvetan. **A narrativa fantástica**. In: \_\_\_\_\_. *As estruturas narrativas*. Trad. Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Perspectiva, 1969. (Debates, 14). p. 147-166.

\_\_\_\_\_. **Introdução à literatura fantástica**. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975. (Debates, 98). p. 29-63.

TOLKIEN, J.R.R. **O Senhor dos Anéis : O Retorno do Rei**. 2ªed. São Paulo : Martins Fontes. 2000.

TRITTER, Valérie. **Le fantastique**. Paris: Ellipses Édition, 2001. (Thèmes et études).

## FILMES

*The Wolfman*. Direção e Produção de Geroge Waggner. Universal, 1941.

*Poltergeist*. Direção de Tobe Hooper. Produção de Steven Spielberg. MGM, 1982. VHS.

*The Wolfman*. Direção de Joe Johnston. Produção de Benicio Del Toro. Relativity Media, 2010. DVD.

## SÉRIES

*Penny Dreadfull*. Direção e Produção de John Logan. Showtime, 2014. DVD

*Hemlock Grove*. Direção de Ely Roth. Produção de Lynn Raynor. Netflix, 2014. Streaming.

## JOGOS

*Assassins Creed*. Criado por Patrice Désilets e Jade Raymond. Desenvolvido por Ubisoft. 2007.

*The Witcher*. Direção de Jacek Brzezński. Desenvolvido por CD Projekt RED. 2007.

## MÚSICAS

Black Sabbath. *Paranoid*. Composição: Buther, G; Iommi, T; Osbourne, O; Ward, B. Londres: Vertigo Records, 1970. Album Paranoid. Lado 1. LP.

Black Sabbath. *N.I.B.* Composição: Buther, G; Iommi, T; Osbourne, O; Ward, B. Londres: Vertigo Records, 1970. Album Black Sabbath. Lado 1. LP.

Ozzy Osburne. *Mr. Crowley*. Composição: Daisley, B; Osbourne, O; Rhoads, R. Londres: Jet Records, 1980. Album Blizzard of Ozzy. Lado 2. LP.

Iron Maiden. *Rime of the Ancient Mariner*. Composição: Harris, S. Londres: Emi Records, 1984. Album Powerslave. Lado 2. LP.

Powerwolf. *Mr.Sinister*. Composição: Dorn, A. Agoura Hills: Metal Blade Records, 2005. CD.

Liszt, Franz. *Funerailles and Piano Sonata*. Interprete: Alfred Brendel, Amsterdã: Polygram Records, 1992. CD.

Chopin, Frédéric. *Chopin 19 Nocturnes (vol.49)*. Interprete: Arthur Rubinstein. RCA Records. 2000. CD.

## APÊNDICES<sup>7</sup>

### *A COISA NO JARDIM ZOOLOGICO*

Naquele dia resolvi que gostaria muito de poder explorar as trilhas selvagens que se estendiam ao redor do parque. Eram como trajetos postos à disposição do público para que ele pudesse, ao mesmo tempo, experimentar o contato direto com a natureza e se exercitar praticando caminhadas saudáveis. Em verdade, o lugar era também um centro cultural onde ocorriam apresentações musicais, mostras de teatro, artes plásticas, cinema e, logicamente, a exposição de animais de faunas variadas em jaulas espalhadas ao longo das trilhas que adentravam o terreno e iam findar muitos quilômetros adiante, numa área de fazendas e matadouros.

No dia 21 de abril de 1990 eu não sai do interior do parque antes que ele fechasse. Fiquei vagando pelas trilhas; refletindo sobre problemas que me absorveram tão completamente a ponto de me fazerem perder o horário. Por volta das vinte horas me vi no meio da floresta escura cercado pelo silêncio que parecia brotar da ausência de pessoas no local; e pela estranha vida que sempre se propaga pelas matas depois que escurece. Oh, só sabe do que falo aquele que já esteve em situação semelhante!

As florestas, à noite, se enchem de uma vida assombrosa. Silvos medonhos se espalham pelo ar, vindos sabe-se lá de onde; galhos se partem como que pisoteados por coisas que andam em meio às trevas. E estranhas vozes parecem soar bem às suas costas, de repente, no escuro. Então, quando você se volta, aturdido, com o coração saltitando em velocidade homicida, descobre que não há nada, pelo menos não mais, além de galhos e folhas; galhos e folhas que podem muito bem esconder coisas pavorosas. Aquele que quiser realmente

---

<sup>7</sup> Optamos por acrescentar junto ao trabalho um apêndice com os contos analisados. Estes contos foram retirados do livro *Um Salto na Escuridão*, com exceção do último, que se encontra disponível somente no blog de Henry Evaristo, Câmara dos Tormentos.

experimental o horror, mergulhe, como eu fiz, numa floresta escura após o anoitecer. Não é a toa que os homens medievais acreditavam que seus bosques eram povoados por demônios carniceiros.

Quando percebi a situação insólita em que me embrenhara voltei-me imediatamente na direção da saída da trilha em que estava. O imenso corredor que o caminho descortinava diante de mim encontrava-se completamente envolto pelas trevas. Ainda podia avistar, no céu, réstias de luz solar, mas não era o suficiente para proporcionar nenhum tipo de alívio para toda aquela escuridão. Pude ver algumas luzes dos postes que cobriam a extensão inicial da trilha; luzes esbranquiçadas que se projetavam para baixo como raios triangulares bem definidos. Segui nesta direção.

Observei que enquanto andava, com passos realmente apressados, passavam por mim algumas jaulas que nem mesmo havia percebido quando fizera o caminho de ida. Percebi também um cheiro forte e acre que se espalhava a partir destas "gaiolas" imensas; e diminuí o ritmo de meus passos, num primeiro momento, ao ouvir um som horrível que se propagou de repente pelo ar frio da noite. Era, sem dúvida, um rosnar feroz, animalesco, ameaçador. Vinha do escuro no interior da jaula e, ao olhar fixamente para a escuridão, imediatamente avistei múltiplos pares de olhos que me fitavam avermelhados. Não sei o que me passou pela cabeça na ocasião, mas creio, hoje, depois de tantos anos, que não andava muito bem das idéias já naquele tempo. Digo isso por que, quando deveria empregar ainda mais vigor em minhas passadas em direção à saída da trilha, e sem dúvida alguma começar a gritar desde já, eu me resolvi a parar. Segurei na barra protetora que mantém os visitantes a uma distância segura das feras aprisionadas, e fitei novamente o interior.

Eram lobos! Uma cela repleta de lobos! Espécimes extraordinários, enormes e de cores que não pude discernir na escuridão. No entanto, todos estavam tão quietos, acuados a um canto de sua morada forçada. Foi somente quando me inclinei ainda mais próximo que pude perceber um outro animal lá dentro. Um outro lobo ou fosse lá o que fosse... Um animal quadrúpede que, postado aos pés das barras de ferro, me fitava com aparente animosidade. Quando o percebi, estava já com a cabeça quase encostada na proteção da jaula. E hoje fico imaginando se aquela besta tivesse enfiado as garras para fora e me agarrado pelo pescoço...

Não pude ver nitidamente seu dorso, mas pelo volume escuro de sua cabeça, com certeza era um animal de grande porte, incomum eu diria, até mesmo para os lobos mais desenvolvidos.

Ela não fazia movimentos. Ficava lá, parado, me observando. Enquanto isso os outros animais pareciam sofrer com sua presença. Soltavam pequenos uivos lamentosos e passavam

as garras pelo chão. Mas nunca, em hipótese alguma, saiam de suas posições ousando aproximar-se da fera escura perto das grades.

Resolvi seguir meu caminho. A curiosidade inicial estava novamente dando lugar ao medo de outrora. Não gostei do olhar que a coisa me lançou quando percebeu que eu começara a me afastar. E, antes de me virar para continuar a andar, a vi empreender um movimento súbito para frente e começar a se levantar. Novamente apressei o passo. Agora queria me distanciar urgentemente daquele lugar.

Não avançara mais que cem metros quando ouvi um som pavoroso às minhas costas. Não era um uivo, nem grito sobrenatural, ou rosnar dantesco, como podem estar imaginando os amigos. Eram os ruídos, os rangeres metálicos, que as grades da jaula emitiam ao serem escaladas por alguma coisa pesada que quisesse saltar para fora da morada dos lobos.

Não posso descrever a sensação de pavor e de estarrecimento que experimentei quando percebi que algo havia deixado o interior escuro de onde estivera espreitando e estava agora solto na mesma trilha que eu. Mesmo assim, vendo que os postes de luz estavam agora bem mais pertos e podendo já avistar a guarita onde dois guardas assistiam TV, resolvi me virar para olhar o que quer que fosse.

Primeiro vi o caminho escuro atrás de mim. Minhas vistas demoraram um pouco a enxergar aquilo que estava mais adiante. Depois vi as matas ao redor, açoitadas pelo vento e cobertas com as trevas mais densas.

Depois avistei o local onde estivera, em frente à jaula dos lobos. Havia uma sombra parada lá. Uma sombra volumosa, de cerca de dois metros de altura. Sei disso por que ela estava de pé! Ereta! E olhava fixamente para o interior do lugar de onde saía.

Andei mais para adiante e parei novamente na orla entre o início da trilha e a luminosidade proporcionada pelos postes. Da guarita do portão principal saltaram os vigias correndo em minha direção.

A sombra continuava lá, em sua mesma posição. Mas agora me fitava, sei que me fitava, mesmo com toda aquela escuridão... Pois seus dois olhos vermelhos faiscavam contra o reflexo das luzes brancas dos postes de iluminação! Não ousou descrever as formas da coisa. Até hoje guardei este segredo bem guardado comigo, mas nunca deixei que nenhum de meus filhos freqüentasse o jardim zoológico municipal. Na primeira oportunidade, mandei-os estudar na capital. Sei que minhas decisões foram acertadas tanto com relação a meus filhos como com relação a mim mesmo no dia fatídico. Foi minha resolução em me afastar que provavelmente me salvou

pois, alguns meses depois, a comunidade de nossa pequena cidade se quedou aterrorizada por uma onda de desaparecimentos de pessoas nas imediações do zoológico.

Às vezes, quando estou só, tarde da noite, e a insônia de velho não me deixa conciliar o sono, sento-me na cama e, enquanto observo minha esposa ressonar em seu oblévio inocente, me vêm à mente as palavras gritadas pelos vigias para dentro da trilha escura. Lá, onde avistaram, como eu mesmo, o animal que provavelmente devia ter aprendido como saltar para fora da jaula onde deveria viver confinado. Com certeza não foi um animal que os dois homens viram. Viram o mesmo que eu! E suas palavras me arrepiam diante das possibilidades tão aterrorizadas: "Senhor, venha para cá!" Eles gritaram. "O parque já está fechado!" "Ai é perigoso! O senhor os está perturbando!" Também lembro de como a fera lançou um outro olhar para mim, de dentro da escuridão e depois, nos dando as costas e caminhando encurvada, desapareceu na floresta.



## *ALGO SELVAGEM*

### Capítulo I

Só me disponho agora a relatar o que ocorreu na estrada do antigo presídio, durante a madrugada de 25 de dezembro de 1975, por que sinto subitamente uma incontida necessidade de aliviar, por pouco que seja, minha mente desta dúvida cruel que me assola há mais de 30 anos.

Serei breve, muito breve, pois tudo aquilo ainda me assusta deveras e neste momento estou sozinho, é tarde da noite, e a escuridão grassa nos cantos ocultos do lado de fora.

Esta maldita noite eu passara em casa de meu tio materno, cuja filha, minha prima Paula, me era de muita estima e até ensaiávamos um romance meio incestuoso e certamente proibido pelos ditames de nossa família ultra-conservadora.

Por volta das 23h30m saí da residência iluminada pelas diversas e festivas luzes e vozes do Natal e me dirigi para a estrada de acesso a meu próprio endereço que se situava numa localidade rural afastada 20 quilômetros do centro da cidade. Para me locomover fazia uso de uma antiga bicicleta guardada desde os tempos de menino.

No caminho, além de velhas fazendas com construções estranhas mergulhadas nas altas horas escuras, ficavam o velho cemitério dos padres católicos e o antigo e abandonado presídio municipal.

Observei, não sem grande estranheza, que justamente naquela data tão supostamente festiva todas as sedes de fazenda pelas quais passei se encontravam imersas nas mais pétreas trevas; e uma quietude angustiante passou a me oprimir a garganta. O único pensamento que me assaltou então era o de que ali estava a ocorrer algo muito errado.

E meu imaginário realmente deve ter trabalhado com afinco naquela noite para produzir os horrores que se avizinhavam, sem que eu deles sequer suspeitasse, apesar da estranheza que o ambiente me transmitia.

De repente, ao longe, avistei diversos clarões refletindo-se nas matas ao redor da estrada. Eram como muitas luzes coloridas oscilando na escuridão; luzes de carros de polícia.

Imediatamente parei a bicicleta e fiquei a perscrutar o horizonte logo adiante com bastante atenção para tentar visualizar melhor o que quer que fosse em meio às densas trevas que me circundavam. Não me custou entender que realmente se tratavam de luzes de sirenes silenciosas em meio a reflexos brancos e amarelados que por certo seriam focos de inúmeras lanternas cruzando o ar nervosamente.

Pensei então que se havia algo errado por ali melhor seria mesmo que a polícia estivesse presente. E foi este pensamento, em primeira instância reconfortante, que me fez dar movimento novamente a meu "veículo" e rumar em direção ao pior pesadelo de minha vida.

## Capítulo II

A lembrança que mais se insinua pelos meandros de minha velha razão vacilante é a da sensação de pânico que experimentei naquela terrível escuridão. O frio também ainda é bem nítido em minha memória; aquele maldito frio de dezembro em que uma garoa pegajosa desabava do céu furioso como uma saliva aziaga que se incrustava nas roupas, na pele, em tudo.

Ah, como ainda me causam arrepios aqueles clarões na madrugada! E como me arrependo de não ter dado mais atenção aos sons que deles vinham reverberando pelas matas como sinais de perigo. E não digo sons de coisas maquinais, pois estas estavam silentes naquele momento; refiro-me, sim, aos lamentos humanos que brotavam e ecoavam do horizonte negro; e ainda a um terrível som de algo muito grave que retumbava como trovão pela noite. Mas a isso não dei importância, pois apenas o visual me hipnotizava.

No entanto, ao me aproximar, depois que comecei a ver vultos de pessoas nervosas que corriam e se apertavam em torno de um círculo no meio da estrada deserta e escura, tudo o que vi ao longe perdeu toda a importância e os sons e as novas visões dali em diante é que dominaram e modificaram para sempre este velho relator.

Estando eu mais próximo agora do grupo de pessoas, já podia ouvir melhor os sons desesperados e estupefatos que provinham de suas bocas entreabertas. Elas gritavam e se lamentavam no escuro para algo que parecia estar no chão, no meio do asfalto, ou em algum ponto da margem esquerda da estrada.

Por entre pernas iluminadas pelos reflexos das luzes das sirenes de inúmeras viaturas estacionadas por todo o terreno, e pelas luzes de dezenas de lanternas faiscando e formando

raios brancos em contraste com a poeira da noite, eu pude divisar um vulto escuro que se agachava e variava de posição conforme a multidão parecia se insinuar para ele. Algo que me pareceu estar tentando desesperadamente se esquivar da proximidade daquelas dúzias de homens e mulheres.

A primeira impressão, de um acidente de automóvel, não mais podia resistir aos novos fatos que se descortinavam diante de meus olhos. Sem dúvida não havia carros avariados em parte alguma. Todos que ali existiam estavam de prontidão e, agora, eu podia avistar homens com armas em riste em direção ao chão; homens da polícia. Havia também vários civis com rifles, e até mesmo mulheres que por ali estavam apontando armas em direção a alguma coisa que se arrastava inquieta ao nível do solo.

Ao meu lado um novo carro estacionou de repente quase atingindo a traseira de minha bicicleta e dele saltou uma mulher muito abalada e chorosa seguida de um homem alto e magro aparentando andar entre os 50 anos ou mais.

"Espere Hannah!" Gritou o homem passando bem ao meu lado. Por um instante nossos olhos se encontraram e os dele me transmitiram um terror tão real e palpável que todos os pelos de meus braços se eriçaram imediatamente. "Não é ela! Não é ela!" Repetia o homem. A mulher, já bem adiante, não mais se conteve e desatou a gritar quando, avançando furiosa sobre a multidão, avistou seja lá o que fosse jogado ao chão da estrada.

Aqui tenho que parar um pouco. Meus nervos não permitem mais que continue pois me veio, agora com cores ainda mais nítidas, uma lembrança que o trauma se havia encarregado de apagar parcialmente de minha memória. A lembrança da multidão armada dando passagem para a mulher de meia idade, como se num movimento em câmera lenta, e seus gritos desesperados na madrugada escura e fria:

"Oh, meu Deus! Tirem esta coisa de cima de minha filha! Não a deixem cravar-lhe os dentes desse jeito! Por Deus, ajudem!"

### Capítulo III

Em 1995, ao visitar minha amada Paula na cidadezinha onde ela viveu por quase toda a sua vida, tive que cruzar pela primeira vez em vinte anos a região onde o horror da madrugada de Dezembro sucedeu. Parei no acostamento e fiquei a contemplar as duas árvores imensas que margeavam a estrada bem no ponto onde as cenas terríveis tiveram lugar. As tristes lembranças então tomaram conta mais uma vez de minha memória e não pude conter uma agitação incômoda no coração que se traduziu por uma centena de lágrimas em meus olhos.

Ao longe pude ouvir o som de um trator de esteira que cultivava a terra de algum produtor rural e, desafiando o brilho escarlate do sol poente para olhar com mais atenção adiante, pude mesmo reconhecer as cores vermelhas e brancas de um veículo imenso que operava nas terras de uma fazenda.

Ouvi passos furtivos atrás de mim e me virei com o coração quase explodindo. A tensão verdadeira me fez erguer os punhos não sei se numa tentativa de ataque ou de defesa. Mas o homem que estava parado às minhas costas era apenas Zacarias Lavern, outro que ali estivera na madrugada fatídica.

"Eu sempre venho aqui... Durante o dia." Disse ele sem nem mesmo olhar em meus olhos, como se estivesse envergonhado por me encontrar; como se fosse, assim como eu, o guardião de um segredo abjeto. "Ajuda a suportar!" Disse por fim e se calou completamente.

Ficamos calados a fitar o espaço entre as duas árvores do mesmo lado da estrada, num ponto em que o terreno após o acostamento já começava a se elevar em direção à cerca de proteção da fazenda dos Narva. Eu queria perguntar o que mais havia ocorrido naquela madrugada antes do amanhecer mas Lavern, parecendo perceber minha intenção, me deu as costas e saiu caminhando pela estrada em direção à cidade. Seriam 15 quilômetros até chegar ao centro, se este fosse seu destino, e seus passos eram lentos e encurvados como os de um velho triste a carregar uma cruz de peso quase insuportável.

De algum lugar muito distante o som de uma briga de cães chegou a meus ouvidos. Eram gritos animais de dor e ódio que evocaram ainda mais angústias do passado. Juntos com o assobio triste do vento a se chocar contra os galhos balouçantes das árvores, aqueles brados agônicos foram se tornando cada vez mais assustadores para mim até que todo o meu corpo foi tomado por tremores incontidos. Sentei-me à beira da estrada e dei livre vazão à enxurrada de recordações que me assolavam.

Em minhas memórias vi novamente o rosto contorcido de dor da mulher que saltara do carro e as armas das pessoas apontadas para uma coisa que se arrastava no solo. Um homem triste e amedrontado passara por mim deixando atrás de si arrepios que me eriçaram os pelos. Uma sensação de medo indizível estava se apossando de tudo e de todos; e o frio só intensificava o mal-estar.

À minha frente a multidão continuava a assistir aturdida a agonia da mulher que, agora contida pelos braços do homem que a acompanhava, somente podia limitar-se a gritar enlouquecida.

Resolvi me aproximar mais. Não podia continuar sem procurar saber o que realmente estava acontecendo.

Entre os rostos assustados e repugnados que vi nas sombras que se esgueiravam disputando espaço com os lampejos de luz artificial pude reconhecer alguns moradores da região; pessoas que habitavam aquelas fazendas desertas pelas quais eu passara poucos quilômetros antes. E percebi que alguns homens armados e de semblantes graves saíam das matas enlameados e agitados como se estivessem envolvidos numa caçada febril.

Espero que entendam o que vou tentar narrar de agora em diante, e se não entenderem, não se preocupem! Ponham a culpa neste velho senil que escreve. Mas peço que não me considerem um mentiroso mesmo que pensem de mim as coisas mais extraordinárias. Não estou mentindo! Não estou delirando quando afirmo que, de repente, do meio do círculo formado pela multidão, veio o mesmo som de barítono que eu já ouvira antes. E desta vez pude entender do que se tratava. Não era, de forma nenhuma, um trovão! Era um grito! Um urro! Como o clamor de ódio de um leão feroz prestes a atacar.

Olhei adiante novamente, por entre as pernas das pessoas a minha frente, e a sombra continuava arremessando-se de um lado para o outro. A poeira da estrada pairava no ar em contraste com as luzes formando barras translúcidas e um vapor branco de respiração forte subia do nível do solo pairando sobre as cabeças das pessoas estupefatas. Muitos recuavam ante algum cheiro terrível que parecia vir de lá.

"Matem essa coisa! Em nome de Deus!" Ouvi a mulher histérica gritar bem ao meu lado, ainda contida pelo homem aterrorizado e por algumas outras pessoas que a olhavam penalizadas.

A sombra no meio do círculo de pessoas rosnou novamente; um apavorante urro de ódio que me gelou o sangue nas veias.

Resolvi me aproximar ainda mais e então o círculo pareceu se abrir um pouco me permitindo ver além das pessoas.

Havia muito sangue no asfalto; grandes poças que se avolumavam rapidamente. Uma coisa corpulenta corria sobre o líquido espesso, de um lado para o outro, espalhando pegadas rubras por toda parte, no interior do círculo, como uma fera acuada; um terrível tigre assassino enjaulado e colérico. Mas algo na própria essência do ar da noite parecia indicar que não era mesmo um animal comum que ali estava e não estava só! Havia algo que ele arrastava consigo de um lado para o outro como um cão que carrega uma presa abatida entre os dentes.

Ao menor sinal de movimento das pessoas, o vulto avançava como para atacar. Duas mulheres armadas de potentes rifles saíram da minha frente; estavam chorando copiosamente. Aproveitando a deixa para me aproximar definitivamente do interior do círculo me espremi

contra as costas de alguns velhos caçadores locais famosos que ali estavam de olhos arregalados e tremendo.

Vi uma coisa que nunca mais quero ver e que mudou toda a minha vida. O barulho lamentoso da multidão era assustador e eu mesmo senti sair de meus pulmões um grito incontido de pavor e repulsa enquanto calafrios violentos percorreram todo o meu corpo fazendo minhas pernas arquearem involuntariamente.

Havia uma criança jazendo no chão ensangüentado. Seu corpinho branco estava despido e seus cabelinhos loiros e encaracolados estavam encharcados de um sangue negro e espesso que brotava borbulhante de seu crânio esfacelado. Oh, meu senhor, nunca mais esquecerei a visão de seus olhos azuis arregalados mas sem vida; o olhar de terror e de súplica que, por certo, foi o último emitido antes do golpe que eliminou sua vida inocente. Não podia ter mais que dez anos aquela criança e uma de suas mãozinhas pálidas estava erguida como num último movimento para pedir ajuda; os dedinhos avermelhados, rígidos e espriados, traziam minúsculas unhas quebradas.

Ao seu lado, sentado como um alucinado cão de guarda, estava um homem nu, de aparência feroz; anormal. Quase não podia ser reconhecido por muitos dos presentes devido a quantidade repugnante de sangue em seu rosto e aos pedaços de carne e ossos enredados em seus cabelos compridos. Seus olhos rodavam nas órbitas e deixavam à mostra a parte branca do globo ocular. De repente voltavam ao normal e exibiam uma coloração amarelada como a dos olhos das feras. Suas mãos, postas no chão com vigor, arranhavam o asfalto e deixavam nele profundas marcas de garras que eram afiadas e compridas como se nunca na vida as tivesse aparado.

Soltando vapores brancos no escuro, aquela criatura rosou novamente e seu hálito fétido invadiu o ar frio da madrugada fazendo a multidão recuar outra vez. Ela estampava no semblante uma careta insana e zombeteira; uma espécie de sorriso maquiavélico de cuja boca uma substância avermelhada gotejava e escorria pelo queixo comprido; descia pelo peito arquejante e ia se espalhar no chão ao seu redor. Todo o seu corpo volumoso emanava um vigor sobrenatural como se a qualquer momento ele pudesse simplesmente saltar e estraçalhar todos ao seu redor.

Em meu horror, onde um torpor dominava todo o meu ser envolvendo-me num estado onde o desmaio parecia ser a próxima etapa, ouvi novamente a mulher gritar atrás de mim.

"Matem! Matem! Ele está devorando minha filha! A cabeça dela! A cabeça dela!"

Alguém mais próximo de mim apoiou-se em meus ombros e gritou em direção ao centro do círculo:

"Demônio! És um demônio!"

A coisa agachada rosnou mostrando os dentes que brilharam sob a luz das lanternas e sirenes. Oh, meu Deus! Eles não eram os de um homem! Eram presas afiadas! Presas de animal! E, quando a boca escura se abriu para gritar, todo o maxilar pareceu se alongar dando ao rosto furioso um formato afunilado como o dos cães. Deus me perdoe, mas durante o movimento da cabeça acho que vi suas orelhas assomarem do meio dos cabelos desgrenhados e elas eram finas e compridas na parte de cima.

À medida que o tempo passava, as pessoas e os ânimos se exacerbavam ainda mais. Alguns, com os nervos em frangalhos, caíam no chão com tremores e fraquezas nas pernas. Alguém gritou de longe: "Atire logo nesse bicho! Atire! Atire! A criança já está morta!" Mas outro respondeu que deveriam tentar pegar o cadáver primeiro. E tudo que se dizia com relação à coisa na estrada era respondido com berros violentos por ela.

Em dado momento voltei-me para trás, pois a ausência dos gritos da mãe da menina finalmente me chamou a atenção. O carro em que viera estava de portas abertas e um pequeno grupo de pessoas estava lá ao lado do homem que a acompanhava. A mulher desmaiara.

Uma súbita agitação na multidão me fez voltar à antiga posição. A criatura não estava mais onde estivera!

Ouvi armas de todos os tipos sendo engatilhadas. Gritos de horror se espalharam novamente pela noite escura e vieram então os primeiros tiros seguidos por uma saraivada que jamais deixei de ouvir em todos estes anos.

De início não soube para onde olhar além da estrada. O corpo da criança havia desaparecido. Foi o rastro deixado por seu sangue que me reorientou.

Entre as duas árvores enormes que ficavam na margem esquerda do asfalto, envolta por uma cortina de fumaça de pólvora, estava a coisa-homem parada, mais alta do que eu havia imaginado. Ela segurava com suas garras o corpo da menininha e o sacudia de um lado para o outro tentando arrancar pedaços com a boca e as grandes presas. As balas que a atingiam não a derrubavam. Os homens da polícia estavam atônitos e gritavam por reforço nos rádios das viaturas.

Meu estômago revirou no momento em que o monstro, com os dentes cravados ao pescoço da criança morta, abocanhou-o tão violentamente que conseguiu parti-lo com um som terrível de ossos e pele se rompendo. O sangue jorrou escuro sobre sua cara medonha e ele separou a cabeça do corpo como se faz com uma boneca de plástico.

Homens e mulheres, enlouquecidos de pavor, avançaram para a coisa disparando seus projéteis trêmulos; alguns outros que estavam mais distantes, apossando-se de qualquer arma

que encontrassem à mão, correram com fúria assassina em sua direção. Zacarias Lavern passou por mim com um revólver e seu olhar era o de um homem louco.

Os tiros ecoaram na noite. A cerca de madeira da fazenda mais próxima foi destruída pelo horror que seguira para os campos iluminados tenuemente por uma lua mortiça e encoberta. Atrás dela iam aqueles que habitavam a região e os cães faziam uma algazarra que aos poucos se ia tornando maior que os estampidos de armas de fogo e os berros da besta humana que a pouco estivera tão perto de mim.

Sozinho em meio a todo o sangue da pobre criança que banhava o asfalto, e aos soluços de choro das mulheres que ficaram a cuidar dos pais da menina, me abaixei próximo ao corpinho largado entre as árvores na margem da estrada mas não pude mais fitar seu semblante pois a coisa havia levado consigo a cabecinha branca de olhos azuis.

Depois me ergui com dificuldade e fui até o carro dos pais. O homem estava em pé ao lado da mulher desmaiada no banco do motorista. Eu o olhei nos olhos e devo ter lhe devolvido o ar de espanto com que ele me olhara ao chegar porque, sem que eu dissesse nada, ele veio a mim e falou com uma voz oprimida e trêmula:

"Eu te conheço! Sempre te vejo passar por esta estrada. Saiba que aqui guardamos nossos segredos!"

Ele então lançou um olhar de profunda tristeza ao corpo de sua filha jazendo na estrada e continuou:

"Hoje, às sete da noite, este animal invadiu nossa fazenda. Matou os cães e devorou quase todos os porcos. Depois entrou pela janela do quarto de nossa menina e a arrastou para a mata. Fomos nós que chamamos todos os vizinhos para juntos adentrarmos estes pântanos encharcados a procura de nossa garotinha e da abominação que a levava.

Não é a primeira vez que ele aparece saído sabe-se lá de onde nesta terrível floresta que nos cerca. Todos por aqui já sabiam do perigo que nos rondava, mas nunca se pensou que ele pudesse atacar as pessoas nas casas. No início ele se contentava em roer as carcaças dos cadáveres do velho cemitério dos padres e as dos criminosos enterrados nos fundos do prédio abandonado do velho presídio, mas, depois, passou a rondar as fazendas querendo os nossos animais... E nossos filhos pequenos. Sabe-se lá quantos meninos e meninas ele devorou antes de nossa filhinha esta noite. Devíamos tê-lo caçado e matado antes que adquirisse gosto pela carne de crianças. Não o fizemos até hoje pois amamos todos que aqui vivem, e os respeitamos. Agora tivemos que caçá-lo de qualquer jeito. É o preço que pagamos por nossa consideração."



O homem transtornado voltou o olhar para a floresta próxima respirando com tamanha dificuldade e tremor nervoso que meu coração se encheu de pesares ainda maiores do que os que já sentia. Foi somente depois de alguns segundos de reflexão que ele, num tom de devastadora angústia, continuou:

"Só o que me reconforta é que minha menina não sobreviveu e por isso sei, tenho certeza, que ela nunca estará a correr estes campos de madrugada."

Dito isso ele se afastou e andou lentamente em direção ao corpo decapitado e exangue de sua filha onde se ajoelhou como a rezar e chorar.

Olhei a escuridão em volta imaginando onde estariam as pessoas e a fera. O silêncio a tudo dominava e não se podia mais ouvir nenhum resquício da algazarra de outrora. Onde estariam? No fundo das matas e pântanos escuros que assolavam a região? Estariam com a besta sob a mira de suas armas ou estariam sob as garras da fera demoníaca que perseguiram?

Não quis mais saber! Montei em minha bicicleta e parti dali o mais rápido que pude.

Mudei-me uma semana depois para o outro lado do país; o litoral. Não avisei ninguém de minha partida e nunca dei notícias de meu paradeiro nem mesmo para minha família que, transtornada, deu-me como morto após procurar-me até mesmo no exterior. Em nenhum momento me preocupei com eles e com sua segurança, confesso! E sei que minha vida está se abreviando também pela culpa que sinto. Foi por este motivo que voltei à região, vinte anos depois, superando o medo e o trauma para estar com minha prima cuja lembrança talvez tenha me livrado da total demência durante os anos de "exílio"; e para reencontrar, mesmo que brevemente, aqueles parentes que ainda viviam.

Até hoje, passados trinta anos, jamais falei com ninguém a respeito do ocorrido na noite de 25 de Dezembro de 1975; nem mesmo com Paula, com quem me casei e que apenas suspeitou do horror que vivi. Porém, depois que minha esposa partiu deste mundo me deixando só com minhas tétricas recordações, busquei de todas as maneiras informar-me sobre as possibilidades da existência real de criaturas indizíveis através de livros e artigos de doutores estudiosos de todo o mundo. Nunca consegui chegar a uma definição plausível ou sequer aceitável sobre o que poderia ser a fera; apenas conjecturas terríveis e pavorosas suspeitas de que naquela noite eu e aquelas pessoas tivemos um terrível contato com algo que deveria habitar tão somente os pesadelos mais primitivos do homem.

Por isso resolvi escrever toda a história antes que me alcance a morte que já não tarda: Para que aqueles que lerem estas páginas saibam do mal que se escondeu um dia nas estradas e campos escuros de uma região rural deste país e que, desde que eu nunca soube o que

realmente lhe aconteceu, ou o fim que lhe deram, ainda pode perfeitamente estar a se esconder.

## *VIRGÍLIO*

### I

Raios cortam a escuridão da noite. Esgueiram-se por entre nuvens escuras como se fossem ancestrais e mitológicas serpentes de fogo. Posso mesmo ver seus rastros luminosos correndo em mil direções no céu revoltado. Sinto uma tristeza arrasadora, uma comoção por mim mesmo e por minha miserável condição neste lugar. Estou morto! Morto! E, no entanto, sinto-me capaz de refletir sobre o que pode ter me posto nesta situação. Minha memória está enfraquecida; não posso me mover, mas estou consciente de minha prisão num corpo que não mais me pertence e que não mais está de forma alguma íntegro.

Através de meus olhos embaçados e inexpressivos vejo um campo imerso na noite negra. Como terei adentrado esta região tão desolada? Quem me largou assim neste ermo? Nesta solidão tão terrível agora sou apenas espírito e, no entanto, experimento sensações da matéria. Um frio intenso que traz ventos cortantes como finas adagas a tudo envolve e posso sentir que tenho minhas roupas encharcadas de água e de algum outro líquido mais espesso. Tudo ao meu redor parece ter vida e emitir estranhos ruídos. Sinto uma tristeza tão grande e tenho tanta vontade de chorar!

Tento mover meu corpo morto e, para minha surpresa, agarro o chão arrancando tufo de mato enlameado. Sinto minúsculas criaturas começando a rastejar sobre minha pele no mesmo instante em que olho para o céu mais uma vez e imagino se as estrelas apagadas desta noite medonha não estão apenas escondidas para testemunharem melhor minha agonia; elas que costumeiramente são personagens de um espetáculo tão indiferente! Em silêncio, e do fundo da alma, grito na solidão esquecida do campo:

Oh, Senhor, por que me abandonaste a este sofrimento? Por que me tiras lentamente os últimos movimentos físicos? Estou morto! Uma coisa louca a especular nas trevas sobre si mesma; perdida entre enigmas ominosos enquanto nuvens aziagas atacam com seus raios ameaçadores; suas descargas de ódio celestial!

Sinto as primeiras gotas da tempestade iminente. Ouço tantos barulhos neste lugar escuro! Sei que há uma criatura que corre pelo campo. Já a avistei, neste meu horror, como algum monstro assustador. Não sei o que é, mas vi que tem sangue na boca e farrapos de uma vestimenta que acredito ser minha. Vez em quando emite um som que é de esmagar o coração; um tipo de uivo lamentoso, arrepiante e maligno. Se aproxima de mim e me cheira, me olhando. Às vezes sinto um arranhar asqueroso e penso se não são suas garras experimentando minha carne no escuro.

## II

O tempo passa e a estranha presença jamais me abandona; persiste me oprimindo, não dando um segundo sequer de descanso para meus nervos abalados. Aproxima-se e se afasta correndo.

De repente, mas depois de muito tempo, adquiero uma nova e misteriosa consciência. De alguma forma sei que não estamos mais sozinhos, eu e meu opressor.

A chuva chega súbita e me encharca ainda mais; embota meus pensamentos com novo e fortalecido frio de aço cortante e, tão célere quanto veio, se extingue e deixa no céu uma má impressão de desgraça vindoura onde estrelas malsãs disputam espaço por entre vagas cinzentas.

Sinto uma energia malévola emanando de um bosque distante e sei que neste momento vem de lá um bando de coisas assassinas, furiosas. Mais do que nunca estremeço por causa da exposição de meu corpo largado no chão de um campo desolado assombrado por bestas selvagens.

E vejo vultos se acorando no escuro, bocarras babando de fome!

Minha respiração descompassa e tento puxar o ar com toda a força que me resta sentindo imediatamente como se barras de gelo invadissem meus pulmões. Estou sufocando na agonia de um medo terrível que quase chega a tirar os únicos sentidos que me restam. Tenho náuseas; arrepios que percorrem meu estranho cadáver.

## III

Insinua-se agora, por entre as brumas de minha absurda consciência a vaga noção sobrenatural do que está acontecendo. Sei, assim, que fui atacado por uma destas feras que agora me rodeiam. Uma impressão me toma de assalto: Creio que estacionei meu veículo na margem de uma estrada deserta, mas completamente familiar. É isso! Foi por me ser tão familiar este local que não hesitei em estacionar quando...

A memória parece reviver agora com mais intensidade e sou capaz de desvendar mais uma parte deste tenebroso enigma.

O carro!

O carro começou...

O motor...

Meu Deus o que eu fiz? Devia ter voltado à velha fazenda quando percebi o defeito no funcionamento do Ford. Jamais poderia ter sido tão displicente a ponto de estacionar no acostamento desta estrada isolada e cercada por... Oh não! Oh, Deus! Cercada por campos que se perdem no horizonte ou margeiam bosques insondáveis de onde saltam, às narrativas dos povos da região, toda sorte de suspeitas escabrosas e crenças aberrantes. As histórias, as malditas histórias! Ignorei-as todas mesmo sabendo, desde menino, do horrível fundamento que possuíam! Desconsidereii sumariamente os relatos dos que vivem por aqui a respeito de certa maldição. Alcanhei-os, todos, de um bando de ignorantes supersticiosos que buscavam apenas degradar o bom nome de minha família espalhando rumores sobrenaturais a respeito de meus antepassados. Malditos interioranos que se punham a espalhar que meus parentes de gerações passadas andavam a atacar pessoas nas noites enluaradas metamorfoseados em abominações selvagens indescritíveis. Ao inferno esta turba de detratores! Gritara eu, mesmo sabendo da terrível verdade!

Recordo tudo agora! Lembro da festa que me trouxe de volta à casa de meus pais para findar o mês; o mês das comemorações em torno do trigésimo terceiro aniversário de meu irmão, Virgílio, o mais moço dos sete homens aos quais minha mãe mostrara, pela primeira vez, a luz deste planeta.

Virgílio, amado e malfadado irmão que o inferno condenou a carregar o terrível fardo resultante das bruxarias daqueles nossos hediondos ancestrais. Por que fui tão desrespeitoso ante o fato de que se aproximava a hora do amaldiçoado sétimo? Por que não levei em conta seu estranho comportamento durante os últimos dias? Logo eu que, quando jovem, fui tão adepto quanto ele o era agora de crenças em coisas estranhas e de leituras de materiais proibidos pela sociedade. Logo eu que lia Ovídio com a atenção redobrada aos detalhes mais mórbidos e folheava, hipnotizado, os estudos bizarros do padre Baring-Gould!

Certa noite, depois do jantar, meu irmão simplesmente desapareceu. Todos os amigos e parentes convidados à casa para as extensas festividades que eram costume da família se puseram a procurá-lo desde as instalações até os ermos do campo e penetrando pelos bosques até o velho lago no centro do pântano que cerca a fazenda. Nada encontramos ali e em lugar nenhum! Nada se ouviu ou se viu até a manhã do dia seguinte quando ele mesmo, Virgílio,

reapareceu com as roupas em farrapos e coberto de detritos animais, dizendo que passara a noite no celeiro dos Mackenzie por que algo martelara em sua cabeça que ali era o melhor lugar para passar aquela noite. Estava faminto e abatido, e ao sentar-se à mesa do café consumiu tudo o que encontrou com uma voracidade jamais vista em sua pessoa. Na hora, creio que ninguém mais percebeu, vi as manchas em suas mãos; manchas vermelhas que ele tentara apagar com água, mas que eram fortes demais para desaparecerem facilmente. Depois, mais tarde, correu o boato de que nossos vizinhos haviam chamado a polícia por causa de alguns novilhos mortos que encontraram em seus pastos.

Na noite deste dia não me foi possível dormir. Virgílio insistiu em ficar comigo em meu quarto e falou o tempo inteiro sobre suas antigas e novas leituras. Estava tão magro que, às vezes, eu tinha a impressão de que os ossos de seu rosto estavam a ponto de perfurar a carne e saltar para fora. Com efeito, davam a impressão de que se mexiam sozinhos, tão protuberantes se haviam tornado.

Pelas três da manhã, de repente, se ergueu do chão onde estivera sentado sobre umas almofadas e, sem dizer mais nada, saiu. Eu o segui. De longe vi quando ele, com movimentos tão sutis quanto os de um gato, abriu silenciosamente a porta da sala e saiu para o quintal. Foi direto postar-se próximo à cerca que separava a pocilga. Ali parou e ficou a fitar os animais adormecidos. Eu me fixei junto a um grupo de árvores e me ocultei nas sombras para ver o que ele faria. Com um salto extraordinário meu irmão passou para o lado de dentro da pocilga e pude ouvir que alguns animais emitiram ruídos desaprovadores ao intruso. Depois se iniciou uma correria no interior da cerca. Resolvi subir na árvore para ver melhor. Meu irmão estava a correr com os porcos, completamente nu. Não os machucava, apenas os instigava e corria com eles, como numa brincadeira. E se jogava na lama com um sorriso estranho no rosto. Depois, de repente, parou como que a sentir algo no vento. Foi então que se virou na direção do grupo de árvores em que eu me escondera e ficou a observar por muito tempo. Era como se soubesse que eu estava ali.

De alguma forma, não lembro como, o perdi de vista. Ao olhar para a pocilga mal iluminada avistei somente os animais agitados e insones. Foi um tênue movimento logo abaixo de meus pés que me fez desviar a atenção. Olhei na direção do ruído e lá estava ele, Virgílio, subindo velozmente pelo caule da árvore em que eu estava. Ainda trazia no rosto um riso sardônico. Instintivamente senti que devia me afastar dele o quanto fosse possível. Me falava fundo no peito um estranho sentimento de ameaça iminente que me fez galgar galhos mais altos em busca de uma segurança que se fazia urgente naquele momento. Mas não me foi possível escapar à aproximação veloz de meu irmão. Com três ou quatro passadas vigorosas ele estava

aos meus pés e, com mais um pouco, posicionou seu rosto enlameado bem em frente ao meu. “*A noite está tão fria, meu irmão*”. Disse ele “*Não temes contrair algo de ruim expondo-se assim à noite? Que fazes aqui? Me espiona?*”

Eu apenas limitei-me a olhá-lo. Não tinha palavras para lhe responder. Minha garganta estava tão seca que meus lábios pareciam ter colado um no outro. Sentia pontadas de dor de cabeça se iniciando na base de meu crânio. Não havia como eu pudesse negar que meu irmão estava diferente, comportando-se anormalmente. Não havia como negar ou não lembrar de tudo que crescêramos ouvindo, as velhas histórias de nossos antepassados. E não havia como ignorar mais as leituras que eu mesmo havia feito a cerca do assunto.

Calado eu via o seu rosto a menos de um metro do meu próprio. Podia ouvir sua respiração ofegante e vigorosa e sentia seu hálito anormal que rescendia a carne crua ou Deus sabe mais o quê. Ele também se calou a me fitar nos olhos, depois, para meu espanto, simplesmente largou as mãos dos galhos onde se segurava e deixou-se desabar ao solo onde caiu em pé e logo correu desaparecendo nos campos escuros.

#### IV

Fiquei ainda muito tempo sem ter coragem de descer de onde estava. Para mim, havia algo indescritível escondido em algum lugar esperando que eu colocasse os pés no chão para então me agarrar e acabar com minha vida. Somente pouco antes do amanhecer é que respirei fundo e, encorajado pelos primeiros raios da aurora, deixei meu falho abrigo na árvore.

Além de tudo o que ocorrera na terrível noite, me incomodava o fato de que os disparates que eu ouvira das bocas dos locais durante os vinte e cinco dias que me retive na região eram verdades que não mais podiam ser negadas. Eu sabia que isso um dia iria acontecer, desde sempre nossos pais nos alertaram para as possibilidades insólitas de nosso futuro e, principalmente, do futuro de Virgílio. Minhas violentas negativas aos comentários do povo eram apenas manifestações de meu orgulho e de minha vergonha. Neste momento, no entanto, ainda não se haviam iniciado os comentários sobre avistamentos noturnos, perseguições e desaparecimentos de animais e até mesmo pessoas. Isso só veio a ocorrer cinco dias depois.

O desconforto velado que vinha se apossando de todos na fazenda só tornou-se ainda mais opressivo quando um dos convidados de minha família, o padre Lehrmann, apressadamente arrumou suas malas e partiu sem muitas explicações. Falou, apenas a mim, que algo viera a sua janela durante a noite e lhe dissera coisas terríveis sobre a sua religião aconselhando-o depois a partir imediatamente. Aos demais inventou que recebera um comunicado de que era aguardado para ter com o bispo urgentemente. Antes de entrar em seu veículo, no entanto, puxou-me pelo braço e fez sua boca encostar-se a meu ouvido. “*A criatura que veio à minha*

*janela, pelo lado de fora, era apenas uma sombra e jamais eu poderia dizer como seria sua forma física, no entanto sei que era seu irmão, este menino que faz aniversário. Cuide dele! Algo está para acontecer aqui!”*

Dois dias depois, ao café da manhã, o criado responsável por recolher o gado no pasto, entrou correndo na cozinha. Estávamos todos reunidos, inclusive Virgílio, que eu andara observando atentamente e percebera que não tocava mais em nenhuma refeição servida na casa.

*“A estrada está cheia de carros de polícia, patrão.”* Disse o empregado.

Meu pai ergueu-se de um salto e correu ao pasto com o funcionário assustado. Minha mãe então se retirou rapidamente e foi para seu quarto. Permanecemos à mesa eu, meus outros irmãos e mais alguns convidados como o professor Albertus Morgan, o enfermeiro Joshua e a tia Rosaleen. De repente, Gilliam, meu irmão mais velho, sentou-se ao lado de Virgílio e ao meu. Ele passou um braço pelo pescoço do outro e puxou-o para bem próximo de si. Meu coração disparou na hora e um tremor incontável se apossou de mim. Gilliam era um homem radical e irredutível.

Ouvi quando ele sussurrou ao ouvido de Virgílio:

*“O que você anda escondendo, menino? O que anda fazendo por aí de noite? Será que terei que matá-lo antes que você resolva parar com tudo isso e se portar de forma aceitável nesta família?”*

De onde eu estava podia ver a pressão que as mãos de Gilliam exerciam no pescoço e nos ombros de Virgílio que, por sua vez, estampara no semblante um ar de desafio mortal. Com um impulso violento ele se ergueu e correu para o andar de cima. Depois Gilliam pediu desculpas aos convidados e me chamou a um canto.

*“Vou-me embora!”* Disse ele. *“Não agüentarei estar aqui quando tudo se consumir. Os outros também querem ir comigo. Mamãe está enlouquecendo em silêncio. Você não vê ou não aceita o que está acontecendo? Está louco em ignorar a verdade!”*

*“E vai deixá-lo assim à mercê dos acontecimentos?”* Repliquei eu. *“O que mais posso fazer? Este é um mal para o qual só há um remédio e você o conhece muito bem! Quando chegar a hora a própria comunidade se encarregará de seu destino, creio eu!”*

*“Não acredito que queira isso para seu irmão!”* Eu disse, mas ele não mais me ouviu; já me dera as costas e já partira para seu quarto arrumar sua bagagem de mão.

Fiquei na cozinha junto a outros amigos e conhecidos da família. O som dos talheres chocando-se contra a porcelana dos pratos e xícaras ressonava em meus ouvidos como as agulhas agudas de algum costureiro louco a agredir, a espetar meus tímpanos. Tinha um brutal aperto no coração e um suor nervoso começara a escorrer do alto de minha testa.

Saí para o quintal e ao longe, na estrada, vi os homens da polícia. Estavam acomodando em uma das viaturas maiores um saco de plástico preto. Corri ao seu encontro e vi meu pai e o funcionário parados próximo à cerca que demarcava a propriedade. Estava com eles, conversando pelo lado da estrada, um homem de roupas marrom.

*“Assassinaram o velho Mackenzie, filho.”* Disse meu pai quando finalmente os alcancei.

*“Mas, como? Quem poderia ter feito isso?”* Perguntei me dirigindo ao homem do lado de fora de nossa cerca, obviamente um oficial de polícia. É claro que, àquela altura dos acontecimentos, eu já sabia perfeitamente o que ocorrera. Mas as palavras do homem de marrom foram ainda como golpes certos em meu orgulho e em meu espírito.

*“Ora, não se preocupe que tenhamos agora algum maníaco rondando por aí”* Começou ele e, na medida em que falava, senti meus pelos se eriçarem ao longo de meu corpo.

*“O assassino não foi nenhum homem, se quer saber. Antes se parece mais com algum tigre que tenha fugido de algum circo. Um leão talvez!”*

*“Como pode supor isso?”* Perguntei eu.

*“Ora, filho! Não viu a facilidade com que os homens ergueram o cadáver? Não restou muito dele para fazer peso. Em fim, nada que um homem pudesse causar.”*

*“E costumam haver ataques de animais por aqui regularmente?”* Perguntei novamente temendo a resposta.

*“Bem, você agora levantou uma boa questão! Sabe que nos últimos dias o povo tem nos reportado casos estranhos demais? Não que outros velhos tenham aparecido por aí devorados desse jeito mas... Recentemente muitos fazendeiros perderam animais de criação para uma fera que anda rondando as propriedades. Estamos suspeitando da fuga de algum animal selvagem daquele circo novo que chegou em Woodshire. Inclusive neste momento temos viaturas a caminho de lá para algumas perguntinhas aos proprietários afinal, desta vez, não foi nenhum porco fedido que o filho da mãe estripou, não é mesmo?”*

Deste momento em diante eu mesmo não pude mais dizer ou fazer nada. O aniversário de Virgílio seria dali a dois dias e os preparativos estavam mais que encaminhados. Ele, por sua vez, encontrava-se cada vez mais distante e estranho. Tinha mudanças de humor e febres súbitas. Sentia dores lancinantes na cabeça e freqüentemente estava desaparecendo sob o pretexto de que precisava ficar só para pensar. Em seu quarto minha pobre mãe apenas chorava o dia inteiro enquanto os boatos e comentários se espalhavam pelas propriedades, entre os funcionários e os patrões das fazendas vizinhas. Para os de fora eu insistia em negar qualquer forma de maldição sobrenatural e, mais de uma vez, entrei em conflitos duros e



perigosos com homens rudes do campo. Meu pai limitava-se ao trabalho da fazenda e evitava sumariamente qualquer conversa sobre o assunto.

Na tarde do dia anterior à festa muitos funcionários haviam pedido demissão e quatro de meus irmãos haviam partido. Os convidados de meus pais que permaneceram na sede de nossa fazenda apresentavam-se visivelmente irrequietos e pesarosos. Não havia nenhum clima favorável a comemorações, mas, por insistência de minha mãe, manteve-se o plano original.

Virgílio andava a esquivar-se pela casa durante o dia e desaparecia durante a madrugada. Vivia envolto em silêncio e fisicamente aparentava extremo cansaço apesar de que seus movimentos estavam cada vez mais ágeis e imperceptíveis. Nada se podia falar sobre ele dentro da casa, pois a tudo ele ouvia não importando onde estivesse. Bastava pronunciar seu nome, mesmo aos sussurros, para que ele não demorasse a aparecer no local espreitando de algum canto de porta e detrás de algum móvel. Andava sujo e malcheiroso. Para os convidados, poupados a todo custo por meu pai de ouvirem os comentários do povo local, o aniversariante simplesmente enlouquecera. Tenho certeza, no entanto, que eles também sabiam das suspeitas que se erguiam contra meu irmão e, por extensão, a toda a nossa família. Ao checar os aposentos de alguns deles durante a madrugada pude constatar que dormiam de portas trancadas.

Em meu quarto eu deitara cedo aquela noite, mas uma inquietação terrível se apossara de mim e não consegui dormir. Levantei-me e peguei um volume que retirara da biblioteca de meu pai naquela tarde. Era o “Lunis Daemonium” do ocultista medieval Moranus Malgred que trazia em seu preâmbulo o sermão do doutor em teologia Johan Keisersperg proferido em uma série de cultos religiosos em torno de Estrasburgo por volta de 1517:

*“O que devemos falar sobre lobisomens? Já que existem lobisomens vagando pelas vilas, devorando homens e crianças. Conforme dizem (...) eles galopam, ferindo homens e são chamados de ber-wölff ou wer-wölff. Vocês perguntarão se sei algo sobre eles? Responderei que sim (...) Aparentemente capturam homens e crianças (...) Por sete razões:*

*1.Esuriem = Fome*

*2.Rabiem = Selvageria*

*3.Senectutem = Velhice*

*4.Experientiam = Experiência*

*5.Insaniem = Loucura*

*6.Diabolum = o diabo*

*7.Deum = Deus*

A esta altura de minha leitura ouvi como que tênues arranhadelas na vidraça de minha janela. Voltei a atenção para o local, mas nada logrei avistar a não ser a escuridão da noite que parecia querer insinuar-se quarto a dentro. Baixei novamente a cabeça para ler, mas o som de um baque violento no vidro novamente me levou a fitá-lo. Desta feita avistei um vulto postado em pé do lado de fora. Era de grande estatura e tinha a cabeça e o tronco encurvados e ofegantes. De repente vi uma mão enorme recostar-se à vidraça. Sua palma amarelada sangrava perfurada por pequenas pedras e pedaços de madeira do solo da fazenda. Era a mão de quem andara de cabeça para baixo ou de quatro. Ao tocar a superfície fechada deixou-lhe uma imensa mancha de sangue e suor. No mesmo instante não tive dúvidas de que se tratasse de Virgílio e levantei-me da cama com cuidado para aproximar-me da fenda escura que era minha janela. Abri a peça cautelosamente e perscrutei as trevas no quintal. Aos poucos minha visão se acostumou à falta de luz e pude divisar uma sombra parada sob as árvores logo em frente ao meu quarto. Ofegava e rosnava aquela sombra, e vez em quando, passava as mãos no caule de uma das árvores arrancando-lhe pedaços da casca. Era mesmo Virgílio, mas suas roupas estavam abertas, pois seu abdômen crescera a ponto de escapar para o lado de fora arrebatando os botões da camisa e o zíper da calça. Também seus sapatos se haviam rompido devido ao inchaço de seus pés. Com uma voz que apenas lembrava a sua, ele me falou pela última vez:

*“Estás me vendo assim, irmão? Eu não te falei? Eu não te falei mil vezes que não agredisse com tuas palavras de ódio o povo simples daqui? Pois eles agora serão meu gado. Terão aquilo que tanto aguardavam desde a última vez, há mais de cinquenta anos, quando o último membro da geração passada foi caçado e morto aqui mesmo nestas florestas. E tu, vai embora amanhã, para o teu próprio bem; pois a besta, quando irrompe, não reconhece nada!”*

Transido de horror apressei-me a fechar e trancar a janela. Depois olhei novamente para as árvores, mas não havia mais nada lá além do vento soturno da noite fria de Agosto agitando os galhos mais altos. No dia do aniversário de Virgílio instalara-se um tal clima de tensão em nossa propriedade que, de manhã bem cedo, fomos obrigados a assistir consternados a partida de mais três convidados: O professor Anton, a enfermeira Olga e o pianista que animaria a comemoração, Sir Arthur Preston. Ainda assim, estando minha mãe resoluta e irredutível, a festa teria lugar àquela noite.

Por volta das cinco da tarde ninguém imaginava qual seria o paradeiro de meu irmão. Edmondo, o segundo filho de meus pais, veio ter comigo em meu quarto. Ele sentou na cama, respirou fundo e começou a falar, mas não sem antes observar como eu mesmo estava abatido

e com uma aparência terrivelmente desolada. Disse ele, a respeito do que ocorrera na casa do fazendeiro Ethan Moses, na propriedade a cinco quilômetros da nossa.

*“Era duas da manhã quando os cães começaram a latir desesperadamente no quintal. Eles sempre são os primeiros a detectar espíritos diabólicos rondando nas proximidades. Depois ouviu-se o grito alucinado da filha do casal. Todos acorreram imediatamente ao terceiro andar e levavam rifles potentes consigo. Estava no interior do quarto da jovem um monstro terrificante. Tinha garras, Bernard, e tinha presas; no entanto, o seu rosto era o de nosso irmão Virgílio. E andava em pé como qualquer um de nós. Tiros foram disparados mas as balas não pareceram fazer qualquer efeito sobre a fera que saltou para fora do quarto pela mesma janela por onde entrara. Lá embaixo, acossada pelos cães de caça, estraçalhou-os como bonecos e desapareceu na noite. Os homens deram-lhe caça até o amanhecer, mas nada mais viram ou ouviram. No entanto, todos já estão falando de nossa família e de como somos “maus e estranhos”. Eu não aguentarei mais isso! Estou partindo agora e te aconselho a ir também. Esta festa transformou-se numa horrenda viagem aos abismos. Nossa mãe está louca, nosso pai me parece estar tomando o mesmo caminho e os poucos convidados que restam se retirarão ainda esta tarde. Ninguém tem mais coragem de permanecer aqui à noite.”*

Ergui-me da cama e deixei meu irmão a falar com as paredes. Que se fosse também! Corri ao quarto de meus pais e encontrei minha mãe atirada à cama como uma moribunda terminal.

“Mãe!” Chamei. “Isso tem que parar, mãe!” Ela pareceu não me ouvir ou simplesmente me ignorar ao que fui direto até a cama e a sacudi pelos braços finos e pálidos. “Temos que aprisioná-lo, mãe. Em nome de Deus!” Ela então me lançou um olhar de fúria tão intenso que fez meu coração congelar.

“Você quer matá-lo?” Perguntou ela com uma vozinha débil de doente. “Quer matar seu próprio sangue?” Gritou desesperada. “Vá embora daqui, seu monstro!” E sua voz trazia agora tamanha angústia e ódio que a única coisa que me vi em condições de fazer foi me retirar e entregar todos ali a própria sorte. Retornei ao meu quarto e de lá ouvi o barulho do motor do veículo de meu irmão se afastando da fazenda. Não havia outros transportes mais além do meu e, antes das seis e trinta, ele também partia passando pelo portão principal que permaneceu escancarado atrás de mim. Ainda pude ver meu velho pai entrando na casa deserta já envolta nas sombras noturnas e fechando a porta atrás de si. Com todo meu coração desejei que ele a tivesse trancado bem e que mantivesse, doravante, uma arma sempre ao seu alcance.

Foi a pouco menos de dez quilômetros da fazenda que senti, entre arrepios e náusea, o motor do automóvel morrer sem nenhuma explicação.

Estacionei no acostamento escuro e abri o capô. As últimas coisas que fui capaz de notar conscientemente foi o ruído do vento fustigando as árvores mais próximas e a maneira criminosa como os fios das conexões mais vitais do motor do carro haviam sido roídos por dentes afiados.

## V

Então a profecia que nos assombrava na infância, cujo conhecimento eu banira para um lugar remoto e esquecido de meu subconsciente, se cumprira e cá estou eu, agora, neste descampado, à mercê de algo que não mais fazia parte de minhas memórias desde que deixei o campo e voltei-me para a vida urbana como um ordinário e alquebrado professor de matemática.

É esta a coisa que agora está às minhas voltas, no escuro, rondando-me como o leão ronda a zebra na savana. Ouço seus passos abafados pela lama, sua respiração ofegante e ansiosa, e o reconheço, muito embora suas feições já não sejam mais, nem de longe, as de meu triste irmão; e sei que, lá atrás, nos confins deste terreno abandonado, violentas vontades se contêm à espera de uma ordem para atacar. São os seus iguais, os seus companheiros-parentes de maldição, todo aquele sétimo filho de cada geração de nossa amaldiçoada família e também todas aquelas vítimas que tiveram a desventura de cruzar-lhes o caminho em alguma noite escura; em algum lugar solitário. Como ele, estavam todos condenados a vagar transmutados pelo mundo dos vivos assistindo o declínio dos seus e da própria humanidade.

Deus me perdoe, pois agora sei que eu próprio me tornei uma vítima dentre tantas deste terrível animal que se aproxima; aquele cujas presas trazem ainda resquícios de minhas vestes arrancadas durante o primeiro ataque na beira da estrada. Correm com ele duas bestas iguais em ferocidade e porte; três monstros uivadores galopando de quatro pela noite do campo e sob o testemunho das estrelas frias que do espaço parecem emitir para mim um último sorriso sarcástico. Tento fechar os olhos, mas descubro que não mais enxergo com a visão do corpo e só o que posso fazer é limitar-me a assistir as terríveis hordas começando também a avançar em minha direção para me dilacerar como quiserem; e esperar pelo momento terrível em que eu mesmo me erguerei como uma delas para engrossar ainda mais as tenebrosas fileiras dos exércitos infernais.

### *A LONGA ESPERA DE LEONARD*

Leonard Baxter costumava vistoriar todas as trancas das portas de sua casa duas vezes por noite. Vivia só na sede da fazenda que herdara de seu pai desde que a esposa, Heather, falecera vitimada pelo câncer cerebral que a arrastara pelas sombras da loucura durante longos doze anos antes de vencê-la. Andava na casa dos sessenta anos, era um homem angustiado e destruído pela solidão e a saudade. Àquela altura de sua vida não tinha mais nenhum parente no mundo.

Naquela noite ele havia checado as fechaduras quatro vezes por que, desde cedo, estava vítima de uma estranha inquietação. Sem nenhuma explicação ou motivo aparente seu coração estava agitado, descompassado, causando uma sensação de ansiedade sufocante. Após as nove da noite a tensão se tornara tão forte que chegara a fazer, com os dentes, feridas dolorosas nas pontas dos dedos da mão esquerda. Seus olhos ardiavam; Nada o agradava. Todas as posições eram incômodas. Tentou dormir, mas não conseguiu. Foi até a cozinha, mas a comida não passava pela opressão em sua garganta. Ligou a TV mas sentiu um medo inexplicável do barulho do aparelho. Um pensamento tenebroso de que o som poderia fazer com que algo ruim se aproximasse de sua casa o fez desligá-lo e ficar quieto, quase imóvel, na penumbra da sala, esperando por algo que não poderia imaginar o que fosse. Às onze horas da noite se encontrava em um quadro tão deplorável de inquietação e excitação que respirava com dificuldade. Tudo o assustava. Os pequenos ruídos da noite assumiam uma conotação monstruosa e apavorante e as mais simples explicações cediam lugar para fantásticas e macabras conjecturas.

Assim a madrugada encontrou o velho solitário. Sentado à desgastada cadeira de balanço que fora de seu pai, com medo de mover-se por causa do barulho que o ato causaria; Contendo a respiração para não ser percebido e com o coração explodindo no peito fazendo todo o corpo tremer sob o efeito de um misterioso presságio. Um medo irracional enlouquecedor capaz de

transformar um estremecimento numa das portas, causado pelo vento que soprava da floresta próxima, na ação de algum agente malévolos ou o estalar de um galho seco, sob as patas de um dos enormes mastiffs\* que guardavam a propriedade, no som dos passos de algum animal mitológico avançando em direção à casa. Seu olhar se fixava na pequena janela de vidro, encoberta por uma fina cortina transparente, ao lado da porta da sala. Em dado momento achou que estava vendo um vulto largo parado, do lado de fora, na varanda. Lembrou-se que a cerca de dez ou vinte minutos os cães pareceram agitados, mas logo se aquietaram novamente. Ficou como estava, imóvel. Começava a sentir uma dor cansada no lado esquerdo do peito e tinha a impressão que sua mão esquerda estava começando a formigar. As batidas surdas do coração pareciam querer rebentar sua nuca. Tinha quase certeza que aquele estranho visitante noturno podia ouvir seu peito saltando e agitando sua carne por baixo da camisa trêmula. Não de caso pensado seu rifle de caça estava afixado mais alto na mesma parede em que encostara a velha cadeira e ao alcance de suas mãos; Porém, tinha medo de que as juntas de seus velhos ossos estalassem ao se erguer para alcançá-lo.

De olhos arregalados e com uma falta de ar crescente viu confirmar-se a existência de um vulto que se mexia lentamente do lado de fora. Ouviu o estalar da madeira do chão da varanda sob um peso que devia ser descomunal e notou que a porta estava tremulando tenuemente como se experimentada por algo que não queria ser percebido. Subitamente, para cúmulo de seu horror, o som forte de uma rachadura nova se abrindo no piso, chegando a seus ouvidos, trouxe com ela um ruído surdo, gutural e feroz; Um rosar bestial que pareceu brotar da garganta de um demônio e espalhar-se por toda a casa, como um lamento de intensa dor que o fez perder os sentidos.

## II

A consciência só lhe retornou às cinco da manhã e ele levou poucos segundos para recuperar a lembrança do que acontecera; Depois disso, seu coração saltou novamente no peito com uma pontada dolorosa e um frio que se espalhava do estômago para o corpo inteiro. Levantou a cabeça lentamente a procura do vulto que avistara na janela. Uma luz mortiça e fria banhava agora a sala inteira vindo do ponto em que deveria estar a vidraça e Leonard descobriu, com os olhos saltados nas órbitas, que no lugar não havia mais nada senão um enorme buraco, feito de fora para dentro, diante do qual jazia a cortina jogada ao chão onde ondulava suavemente ao sabor da brisa fria e úmida da manhã que chegava. Enquanto estivera sem sentidos a coisa estilhaçara o vidro para entrar e o observar inerte na cadeira.

## III

Quando o dia chegou, pois a luz arrefece os terrores da noite, Leonard finalmente conseguiu levantar-se. Lentamente, e ainda com um medo terrível, retirou o rifle do suporte na parede e agarrou-o com força colocando-o entre si e o que quer que ainda estivesse andando por ali mesmo na claridade da manhã. Não quis saber de olhar os cômodos da casa. Foi em direção à porta da sala, destrancou-a e abriu. Viu primeiro um buraco na madeira do piso do lado de fora e, em sua borda dentada, pedaços ensangüentados de um couro duro coberto de pelos escuros e espessos. Depois observou que toda a extensão da varanda, seguindo uma linha vacilante desde a divisa com o chão de terra, onde havia uma escada de dois degraus, até chegar à porta, estava coberta de pegadas semelhantes às de um cão de grande porte. Depois foi até o quintal onde encontrou dezenas de outras pegadas iguais na terra úmida em volta da casa. Não conteve uma nova onda de arrepios ao imaginar que o estranho ser muito provavelmente estivera rondando o local desde cedo antes de se aproximar da vidraça; E sentiu um baque surdo no peito ao lembrar que chegara a sair no escuro para soltar os cães por volta das sete e meia. Sua mente perturbada formulava mil imagens de uma face canina diabólica espiando para dentro de casa pelas janelas dos quartos do andar térreo.

Estas foram as conclusões a que Leonard chegou depois que observou o exterior de sua propriedade naquela manhã. Porém, ainda não havia visto tudo.

Nos fundos do terreno, perto do pequeno jardim que sua esposa cultivara em vida, e que ele mesmo assumira após sua trágica morte, encontrou os três cães da fazenda. Havia sido terrivelmente mutilados por algo com uma fúria bestial inelutável. A coisa havia, ainda, levado consigo as cabeças e parte das vísceras dos Mastiffs de forma que, do lugar onde jaziam os restos mortais dos três animais, meio imersos em poças coaguladas, partia uma trilha de sangue e pequenos pedaços de carne que seguia em direção ao velho celeiro desativado que ficava numa área isolada nos limites da propriedade. O pensamento de que o ser ainda podia estar lá, escondido, devorando em meio ao feno apodrecido as partes gotejantes de seus animais de estimação, fez o estômago vazio de Leonard revirar em náuseas. A fazenda Baxter ficava distante das demais propriedades da região e a ausência de vizinhos próximos sempre fora uma qualidade exaltada por seus proprietários como uma justificativa de paz e silêncio. No entanto, agora, esta quietude e isolamento estavam cobrando um temeroso posicionamento. O prédio decrepito que era o velho celeiro, antes solitário no alto de sua colina cinzenta, representava agora o vórtice de todo o horror e foi com muito custo que Leonard tomou a decisão de aproximar-se dele sozinho.

Com extrema cautela, evitando pisar nos galhos e folhas espalhados no chão e esgueirando-se por entre os troncos das árvores que existiam no percurso, o velho avançou para o seu destino.

## IV

A imensa porta estava aberta. A corrente que a mantinha firme no lugar fora arrancada e o cadeado retorcido num golpe violento que rebentara também as dobradiças e o caixilho. No chão podia-se ver claramente a trilha sangrenta avançando para a escuridão no interior. Para além disso, tudo era silêncio; uma quietude nefasta rompida apenas pelo estranho farfalhar do vento frio nas folhas das árvores. No solo ensangüentado as moscas começavam a descobrir os pequenos pedaços de carne espalhados aqui e ali e zumbiam timidamente.

Leonard parou diante da grande entrada do celeiro e viu as trevas ameaçadoras do lado de dentro; Pareciam querer saltar de lá e agarrá-lo de tão pesadas e concretas. Já estavam ali antes, sempre estiveram, mas apenas existiam sós com elas mesmas. Agora tudo mudara e aquela escuridão tornara-se, repentinamente, o abrigo de uma coisa que estava se escondendo do dia; Algo que havia saltado de qualquer lugar macabro do universo e agora estava ali, ameaçando, intimidando, com promessas de dor, horror e morte.

Foi diante disso que Leonard perseverou quando deveria ter partido. Talvez o choque da noite anterior o tivesse enlouquecido a ponto de não pegar o carro e sair o quanto antes; A ponto de não pensar em usar o telefone para chamar a polícia em seu auxílio. Talvez o fato de sempre ter sido um grande covarde a esperar pelos outros tivesse algo a ver com sua atitude inusitada diante de tudo aquilo.

Assim o velho relógio de madeira marcou seis horas da tarde no interior da sede solitária da fazenda Baxter e as primeiras sombras da noite começaram a se insinuar por entre as árvores.

Leonard tinha a boca seca. Estava tonto e enfraquecido. Não comera, nem bebera nada o dia inteiro. Não tomara banho, não trocara de roupa. Ainda estava de pé recostado ao tronco de um carvalho em frente à entrada aberta e escura do celeiro. O cheiro do sangue que vinha da trilha tornara-se ainda mais nauseante e o barulho das moscas intensificara-se aumentando ainda mais o seu mal-estar. Já sentira tanto medo que parecia não sentir mais medo algum e, quando as sombras cobriram tudo, ele baixou a cabeça pensando em Heather e na vida que deveria ter tido.

Foi um grito pavoroso que fê-lo estremecer novamente. Ergueu rapidamente a cabeça para a entrada do prédio e viu a sombra larga vir surgindo da escuridão, como alguma locomotiva enlouquecida e desgovernada, até parar de repente na divisa da porta destruída. De lá, perscrutou-o com dois olhos amarelos que faiscavam em sua direção.

Leonard engatilhou a arma. Tinha esperança que a velha munição, carregada semanas antes, ainda detonasse. Pensou mais uma vez em sua esposa e sentiu como se o pensamento amortizasse o horror. Naquele momento não tinha mais medo, pelo contrário, estava cansado



de esperar. Pelo menos aquilo se resolveria ali e não se arrastaria como mais uma pendência em sua existência. Não esperaria por ninguém para solucionar aquilo por ele. Se a coisa o quisesse que viesse apanhá-lo.

"Este bicho que come seus semelhantes!" Pensou. Já tinha ouvido falar nele nos bares da cidade e muita gente dizia ter tido contato durante as caçadas na floresta. Falavam no nome do juiz Gardner, mas apenas quando ele estava bem longe. Por sua vez, Leonard nunca tivera motivos para acreditar nas estórias e muito menos para lançar suspeitas sobre quem quer que fosse; Porém, nas últimas horas, o destino lhe dera todos os motivos do mundo para dar crédito a tudo que o povo falava. Estava ali, agora, sozinho com o caçador dos caçadores. Ao seu redor a noite, e no céu uma lua grande e prateada, eram as únicas testemunhas do que estava para acontecer.

Leonard Baxter disparou uma vez para o alto e prendeu a respiração quando o pesadelo demoníaco saltou da escuridão com as garras ensangüentadas estendidas para despedaçá-lo. Agora, ao invés de horror, tinha pressa.

## V

Em 1990 o antropólogo alemão Karl Heinrich Heller visitou alguns países estrangeiros onde havia informações pertinentes à sua tese de doutoramento na conceituada Humboldt-Universität zu Berlin, o mais antigo centro acadêmico da capital germânica. Na América do norte foi até uma cidade do interior rural onde, num sanatório público, pôde entrevistar o paciente 176, supostamente de grande ajuda para suas pesquisas. Era já um ancião e fora levado à instituição por um grupo de moradores da cidade que o haviam encontrado vagando desorientado por uma estrada numa manhã há mais de dez anos. De sua vida dizia que nada lembrava e, com exceção de alguns momentos de tímida agitação, não demonstrava nenhum outro tipo de reação.

Seu passado pessoal tampouco interessava ao estudioso. Ele viajara de tão longe com tantos custos, e driblara o obstáculo da língua estudando tão arduamente, para falar de antropomorfismos e seres metamorfos. Mas todas as suas tentativas de arrancar alguma coisa, uma parte sequer que confirmasse as estórias fabulosas que ouvira a seu respeito na Alemanha, foram frustradas diante da letargia do ancião. De outras pessoas da região, dotada de vilas e pequenas cidades, ouviu boatos e especulações, mas do paciente no sanatório nenhuma palavra saiu. Nem mesmo diante da vasta literatura que lhe foi apresentada pelo doutorando abordando o assunto de diversas formas distintas como o estudo do padre Baringgould, do século XVIII, e o Exemplar raríssimo do tratado sobre licantropia escrito em 1408 pelo ocultista austríaco Pál Wilhelm Von Sorian, intitulado "De Mancipium ex Luna". O

velho vivia imerso num mundo particular e silencioso. Seus únicos momentos de exaltação eram quando ouvia mencionarem a caixa de ferro que trazia trancada embaixo do braço desde que chegara ao manicômio e que nunca, por motivo algum, largara ou deixara alguém tocar. O antropólogo o indagou sobre o conteúdo, sobre o que havia acontecido, o que havia visto e, depois de um mês de exaustivas tentativas, o máximo que conseguira fora que o "louco" levantasse de repente a camisa do pijama deixando à mostra seu tórax muito branco onde cinco cicatrizes retilíneas se destacavam róseas sob uma camada grossa de pelos negros. Depois nada mais além do mais completo silêncio.

Na última tarde, pouco antes de deixar a hospedaria onde se instalara, Karl Heller recebeu um envelope lacrado com um selo do hospital. Dentro havia um bilhete e um embrulho feito com papel de jornal. Ele prontamente leu o escrito no bilhete antes mesmo de partir. Dizia apenas isto:

“Vá embora, doutor. Jamais falarei ao senhor ou a quem quer que seja. Não sou louco, mas vivi uma loucura sem precedentes. Tive meu momento de cuidar de mim. Agora, no fim de minha vida, quero que os outros cuidem de novo. Quero mesmo um bando de guardas vigiando minhas portas e janelas. No entanto, tenho aqui uma coisa para garantir o sucesso de seu trabalho. Aliás, tenho várias delas em minha caixa secreta; Até hoje me colocam sob uma expectativa que me é totalmente obscura e assombram minhas noites. Espero que não assombrem tanto as suas.

Adeus.”

A mensagem acabava assim, sem nenhuma assinatura.

Na estrada para a capital do estado ficava a fazenda abandonada onde diziam que o velho que morava sozinho, de uma hora para a outra, enlouquecera devido ao isolamento e a tristeza um ano após a morte trágica da esposa. Karl parou o carro alugado na entrada coberta por capim e plantas trepadeiras, sentido o vento gélido que soprava da densa floresta circunvizinha. Era quase sete horas da noite e uma garoa espessa começara a cair prenunciando frio ainda mais intenso. Os faróis do carro semi-iluminavam a estradinha de terra que levava à sede da propriedade e, mais além, à uma tenebrosa construção imersa nas sombras do alto de uma pequena colina, que parecia ter sido um celeiro.

Por algum motivo achou que aquele era o momento propício para abrir o pequeno embrulho e cuidadosamente desdobrou o jornal que o cobria. Havia uma manchete que logo despertou sua atenção; Era do ano de 1980. Suas letras garrafais diziam: “Estranho animal encontrado morto na fazenda dos Baxter. Proprietário desaparecido.” Não havia foto alguma.

Dentro do embrulho do jornal havia um caixa de palitos de fósforos tamanho grande. Heller a abriu. Primeiro, seus olhos avistaram apenas uma coisa branca amarelada. Depois ele abriu mais a caixa removendo toda a parte de dentro e sentiu seus cabelos se eriçarem. Havia, no interior, uma imensa presa, maior que o dedo indicador de um homem adulto. Mas havia mais do que isso: No fundo da caixa, embaixo daquele artefato bizarro, jazia um enorme par de garras encardidas e pontiagudas amarradas cuidadosamente com um punhado de grossos fios de pelos negros.

Karl Heller tremeu na escuridão e no frio. Estava tão nervoso que mal conseguiu dar partida no motor do carro e olhava incessantemente pelo retrovisor. Seus anos de estudos sobre o tema o haviam tornado profundo conhecedor do ser que perseguia e temia; profundo ao ponto de não mais conseguir ignorar a possibilidade mínima, por mais absurda que fosse, de sua real existência. Rapidamente trancou todas as portas e partiu voltando-se sempre para trás e para os lados; Para as florestas que margeavam a estrada deserta e escura que teria de percorrer sozinho até chegar à cidade e pegar o avião. Para o resto de sua vida lembrou-se das cicatrizes no peito do velho e se sentiu ameaçado.

## VI

Em Dezembro de 1999, Karl Heller se surpreendeu ao chegar a seu apartamento em Düsseldorf, de um longo dia de debates e ministrações de palestras sobre rituais mágicos em culturas do velho mundo, e encontrar uma correspondência com o timbre do Howard Jenkins Institute, o hospital norte-americano que visitara quase dez anos antes onde obtivera o material que tanto o auxiliara em seu doutoramento. Primeiro um pequeno bilhete em papel cartão comunicava formalmente o falecimento do paciente 176, o mais antigo da instituição, que partira com mais de noventa anos, e terminava comunicando que, a seu pedido, enviara uma carta de próprio punho do ancião, em anexo, juntamente com a enigmática caixinha de ferro do paciente legada a ele por escrito enviado à direção.

Heller sentiu o coração começar a bater mais forte diante da perspectiva de, finalmente, estar recebendo as informações que implorara àquela sua tão inexpugnável fonte de tempos passados. Pensou que finalmente o maldito velho iria falar, depois de morto! E Foi com um nervosismo crescente e incontrolável que abriu o envelope.

“Caro senhor Heller, espero que tenha corrido tudo a seu favor em sua defesa junto a bancada analisadora de seu doutoramento. Saiba que admiro muito as belezas de seu país e, por toda a minha vida, esperei um dia poder conhecê-lo; Infelizmente até hoje o Pai celestial não me permitiu esta graça.

Escrevo esta pequena carta um dia depois que o senhor deixou o hospital pela última vez e vou guardá-la para que lhe enviem, lacrada, somente após minha morte, ou seja lá que outro destino a providência me reservar. Ainda assim não vou contar-lhe o que tive de enfrentar sozinho em minha velha fazenda. Tenho certeza que sabe muito bem o que era!

As pessoas desta cidade são muito simples, quero que entenda! E o que me aconteceu foge ao alcance de suas compreensões. A coisa toda acabou se tornando uma espécie de segredo coletivo de nossa pacata comunidade. Por isso, creio eu, todos com quem falou evitaram contar-lhe toda a verdade.

Veja bem! Estou velho e todo aquele horror deixou-me marcas incuráveis no corpo e na mente. Infelizmente apenas depois que o senhor se foi é que fui capaz de decidir que não poderia morrer sem que alguém mais, além de mim, pudesse comprovar a história.

Quero dizer que a manchete de jornal que lhe enviei não passou de um tremendo equívoco da imprensa local, pois o "estranho Animal" encontrado em minha propriedade não passava dos restos amontoados de meus três cães pastores somados à imaginação oportunista de algum vendedor de periódicos. O fato, aliás, foi desmentido na mesma semana pela mesma agência de notícias, para não causar alarde. Consideraram-me um louco desaparecido que devorava animais de estimação. Oh, Deus! A verdade é que vaguei desorientado por esta estrada durante duas semanas; À noite escondia-me do que quer fosse subindo bem alto em alguma árvore. Mas não me entenda mal! Houve realmente uma coisa diabólica naquela fazenda! Foi dela que tirei as partes com as quais lhe presenteei. Dei-lhe seis tiros na cara com o rifle especial de meu pai, mas ela ainda conseguiu me alcançar antes de cair.

Em meu internato aqui neste hospital li discreta e secretamente tudo o que pude sobre o assunto - mesmo antes de o senhor me mostrar seus valiosos compêndios - e, felizmente, creio eu, a contaminação a que fui exposto resumiu-se ao aparecimento daqueles pelos mais espessos que o normal onde o monstro conseguiu me atingir com suas garras.

Senhor Heller, não estou mentindo! A criatura realmente existiu! Mande-lhe a manchete sensacionalista para aplacar sua ânsia, mas, se continuar querendo vê-la, aquela abominação, sua carcaça maldita ainda deve estar enterrada atrás do velho celeiro ao lado do poço onde a deixei!

Não sou louco, senhor! E o que quero em troca da minha verdade é que diga isso a quem interessar neste mundo!

Com respeito,  
Leonard J. Baxter  
Outubro de 1990.”

P.S: Cuide bem de minha caixa, ela foi herdade de meu pai. Dentro encontrará alguns outros itens que, tenho certeza, vão lhe interessar deveras.

## VII

Às oito da manhã do dia seguinte o doutor Karl Heller embarcou em um voo especial e, dois dias depois, estacionou o carro da Avis rent-a-car em frente à velha fazenda abandonada dos Baxter. Fizera de tudo para evitar, mas só conseguira chegar ao local depois das cinco da tarde pois antes estivera reunido com o diretor do Howard Jenkins Institute onde conversara sobre o paciente 176 e como tudo a seu respeito havia sido imbuído de uma estranheza mórbida. Mesmo sua morte solitária no apartamento que ocupava havia sido algo de extraordinário. Falecera às seis da tarde sob o que parecera ser a algazarra lamentosa de todos os cães das redondezas. Em dado momento o assustado diretor ousara revelar um pouco do que ia em sua cabeça. "Deus me livre!" Disse ele e continuou falando num tom nervoso. "Mas aquele velho tinha mesmo algo terrível a esconder. Mais de uma vez o surpreendi fazendo coisas reprováveis. Uma noite, perto do fim, posso até jurar que o ouvi rosnando como um animal dentro de seu quarto escuro."

O endereço da antiga fazenda era agora uma granja pertencente a uma indústria de enlatados e não foi fácil convencer os seguranças para deixá-lo entrar e escavar atrás de um dos criadouros, onde antes ficava o celeiro. Após quase uma hora de negociações e pedidos de autorização, sua entrada foi finalmente liberada desde que acompanhado por dois dos seguranças. Era um início de noite de Domingo e não havia movimento algum no interior das novas instalações.

A área para onde Karl se dirigiu com os guardas ficava afastada do escritório e já começava a penetrar na floresta escura que circundava a propriedade. No caminho um dos acompanhantes quebrou o silêncio:

"O senhor é repórter?" - perguntou.

"Não! Por quê?" - Respondeu Heller.

"Oh, não é nada!"

"Bem!" Disse o outro enquanto acendia a lanterna. "É que alguns repórteres andaram rondando por aqui nas últimas semanas."

"Verdade? E por quê?" Perguntou o antropólogo sentindo uma rajada de frio súbita e inconveniente no coração.

“É que parece que o povo da cidadezinha ali adiante tem se queixado desta granja. Dizem que as nossas aves devem estar atraindo algum animal selvagem que está atacando as galinhas e outros bichos soltos nos quintais das residências durante a noite.

Karl Heller sentiu as pernas vacilarem. Não podia acreditar no que ouvira. Por não saber o que dizer ficou calado, mas, de repente, todo o ambiente ao redor assumiu uma outra conotação, mais macabra e violenta.

Foi em meio a pensamentos atordoados, e divididos entre o fascínio e o horror, que, em fim, avistou, sobre a colina escura, por trás do criadouro abarrotado de aves adormecidas, o poço mencionado pelo velho Leonard.

"Ali!" Apontou. "Acho que o que procuro está ali!" E sua voz agora continha tons de euforia indisfarçáveis que causaram nos seguranças suspeitas de algo errado com aquele homem.

"Hei, Bors!" Disse um deles "Acho que este senhor procura algum tesouro que nossos patrões deixaram escapar."

Karl pretendia escavar um buraco pequeno e por isso trouxera consigo uma pequena pá metálica de pedreiro. Ajoelhou-se no chão bem ao lado do poço e depois mostrou o instrumento aos guardas como que pedindo uma última autorização. “Fique à vontade, senhor. Ninguém anda por aqui e nosso turno só encerra às seis da manhã.” Disse o segurança com a lanterna.

E então Heller começou a cavar sob o foco sinistro das lanternas dos guardas de segurança; Agradecido por eles estarem com ele, naquele lugar estranho e pressago, armados. A luz saltitante formava como uma ilha de claridade em seu entorno e contrastava ferozmente com a escuridão da floresta. Logo um amontoado de terra se formou ao lado de uma abertura de mais ou menos um metro e meio de comprimento na superfície do solo estranhamente solto e parecendo revirado recentemente. Era mais de sete horas quando Karl entendeu com um calafrio que, como em um pesadelo, não havia mais nada enterrado ali e, a partir deste momento, seus olhos não desviaram mais de dois segundos da orla da mata inundada pelo negrume da noite. Um pensamento insistia em se insinuar como serpente venenosa em sua mente “O velho não mentiu. Sei que não!”

De repente, ergueu-se num salto e começou a voltar para o carro apressadamente. Os guardas o acompanharam intrigados.

"E então, senhor? Encontrou o que queria?"

"O que era?" Indagou o outro.

O pátio da granja era bem iluminado e aqui e ali outros seguranças caminhavam em duplas ou trios. Poucos carros estavam estacionados e Karl podia ver alguns homens de jaleco branco

trabalhando no escritório distante. Ele não falou nada até chegar a seu próprio veículo estacionado próximo à saída. Um dos guardas então o inquiriu mais uma vez enquanto desligava a lanterna.

“Afinal, senhor, se o senhor me permite, e já que o acompanhamos todo este tempo, o que procurava naquele matagal úmido?”

Mas Heller estava muito excitado e assustado naquele momento. Não conseguia pensar em mais nada além de uma frase que lembrava de um velho filme de terror que assistira nas madrugadas dos anos setenta. Quando deu partida no carro disse aos dois acompanhantes intrigados e frustrados:

"Escutem! Não andem por aí sozinhos. Desconfiem sempre desta floresta. Não dêem as costas para ela jamais! Entenderam? Tranquem as portas de suas guaritas à noite e mantenham suas armas sempre carregadas.”

"Ora, o que está dizendo? O que...”.

"Não brinquem com o que digo! Nunca! Isso pode...”.

“O que, senhor? O quê? Que brincadeira é esta?” Irritou-se um dos guardas.

Então Karl deu marcha-ré e dirigiu para a saída. Não disse mais nada aos vigias. Queria dizer-lhes "Cuidado!", mas achou que isso só os confundiria mais e os faria realmente acreditá-lo louco.

A estrada estava escura e deserta como da primeira vez, mas agora quase podia sentir olhos malévolos expiando para ele de algum lugar entre as árvores. Ligou o rádio baixinho para ver se conseguia pensar em outra coisa, mas a pavorosa frase do filme insistia em tomar de assalto seus pensamentos a todo instante:

"Se não os matar direito eles voltam!"

### VIII

O velho sentou numa pedra próximo e entrada de uma enorme caverna. Estava completamente nu, mas o frio intenso da manhã não o incomodava em absoluto. Todo o seu corpo era agora percorrido por um vigor que jamais sentira antes; Nem mesmo a duas ou três semanas atrás, quando precisara esforçar-se para cavar o caminho para fora da sepultura onde o haviam enterrado no cemitério municipal, e, mais tarde, para reabrir e fechar a cova rasa onde depositara a carcaça de um velho inimigo. A imensa ossada jazia agora, no fundo escuro da fenda gigantesca que adotara como lar, tal qual uma relíquia de um tempo cuja memória ia se apagando gradativamente com o passar dos dias. Cada vez mais eram os instintos primordiais que comandavam os movimentos e ações de seu corpo; Necessidades básicas

comuns a todos os animais: comer e subsistir. Tinha um vago entendimento de que quando a escuridão chegava podia viver melhor. Assim, durante o dia permanecia inerte, recostado aos caules das grandes árvores ou deitado à sombra de alguma rocha coberta de limo nas profundezas da floresta úmida. Como que para cumprir seu destino, agora apenas esperava e esperava pelo cair da noite.



## ANEXOS DE FOTOS



Foto do escritor Henry Evaristo aos 2 anos de idade, retirada do acervo pessoal



Foto do escritor Henry Evaristo aos 32 anos de idade, retirada de seu blog Câmara dos Tormentos